

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Claudete Alves da Silva Souza

**A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento
pelo homem negro na cidade de São Paulo**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Claudete Alves da Silva Souza

**A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento
pelo homem negro na cidade de São Paulo**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora como exigência
parcial para obtenção do título de
Mestre em Ciências Sociais, na
área de Antropologia pela
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, sob a orientação da
Profa. Dra. Terezinha Bernardo**

São Paulo

2008

Banca Examinadora

Professora Doutora Terezinha Bernardo

Professora Doutora Ana Virginia Santiago Araújo

Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia

Aos meus queridos filhos Kelly e Jefferson razões do meu existir e que me trazem diariamente a certeza de que o mundo não é apenas branco e preto.

AGRADECIMENTOS

Especialmente a Jesus, meu “ajudador” que me fortalece em todas as horas na batalha do existir.

Negros Jorge e Bira com quem trilhei e trilho jornadas amorosas de cumplicidade e carinho.

Professora Doutora Terezinha Bernardo, mestra querida, que se interessou pela minha causa e me propiciou uma orientação segura e brilhante convencendo-me que eu era capaz.

A valiosa colaboração e sugestões das Professoras Doutoras Ana Virginia Santiago Araújo e Eliane Hojaij Gouveia por ocasião da Banca de Qualificação.

Professores Doutores Carmem Sylvia de A. Junqueira, Edgar de Assis Carvalho, Marisa do Espírito Santo Borin, Dorothea Voegeli Passetti, Paulo Edgar Almeida Resende, cujos ensinamentos foram fundamentais.

Todas as mulheres que fizeram parte desse estudo desnudando generosamente suas almas e contribuindo com os seus relatos para construir saberes.

Aos professores João Galvino e Ana Maria Florentino de Macedo, pela sua dedicação e ajuda indispensável.

A todas as mulheres negras, parceiras de historicidade e guerreiras de sempre que bravamente continuam resistindo contra o processo de embranquecimento do país.

RESUMO

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*

Abordei neste trabalho a solidão da mulher negra na dimensão afetivo-sexual, tendo como eixo central seu preterimento, enquanto pretendente ao mercado matrimonial, pelo parceiro da mesma etnia. Para o entendimento de tal fenômeno procurei buscar na literatura dados que dessem conta dessa realidade empírica, partindo da concepção sócio-histórica desse sujeito e das implicações a ela correlacionadas. A linha metodológica utilizada foi a qualitativa, caracterizada pelo grupo focal e pela análise do discurso, permitindo conhecer as representações dessas mulheres. Os dados obtidos com a devolução de 62 roteiros de entrevista nortearam a realização do grupo focal, composto por 11 mulheres. A análise dos dados mostrou que os sujeitos consideram que existe uma situação de desvantagem da mulher negra em comparação com a mulher branca no que concerne à preferência do homem negro na escolha de parceira afetiva e conjugal. Esta situação repercute com mais intensidade nas jovens negras, independente da classe social. O comportamento do homem negro foi percebido como resultado de uma desvalorização social da população negra do Brasil, de longa data, que vem estimulando os jovens negros a procurar “clarear” a família. A associação inter-racial foi vista como vantajosa para o homem negro, no sentido da sua ascensão social, e muito desvantajosa para a mulher negra pela tendência observada da predominância de pares inter-raciais, quais sejam homem negro-mulher branca. As participantes consideram que o preterimento da mulher negra acarreta solidão e humilhação. Para enfrentar esta situação o grupo considerou que a educação formal é um fator importante de resgate dos valores étnicos da raça negra, possibilitando a identificação de maior número de indivíduos com estes valores.

Palavras-chaves: Solidão afetivo-sexual, matrifocalidade, etnia, identidade, preterimento.

ABSTRACT

This work has as an aim to tackle the loneliness of the black woman in the affective-sexual dimension, having as a central axis her rejection while pretender to the marriage market by the partner of the same ethnicity. For the understanding of this phenomenon we looked for in the literature datas that could show this empirical fact starting from the socio-historical conception of this subject and the correlated implications. Thus, in addition to the Bibliographic research, the methodological line leds up qualitative technical piece, characterized by the focus group and by the analysis of the speech, allowing to know the representations of these women. The obtained datas with the devolution of 62 interview routes sent to 62 women guided the focus group realization. The datas analysis showed that women who joined the survey consider that there is a disadvantage situation of the black women compared to the white women regarding to the preference of the black men in the choice of the affective and conjugal partner. This situation affects more intensively on young black women, independent of the social class. The behavior of the black man was perceived as a result of a social devaluation of the black population from Brazil, from a long time ago, that is stimulating the young black men to seek "lighten" the family. The Inter-racial association was seen as beneficial to the black man, meaning its social climbing and very disadvantaged for the black woman, by the tendency observed between the inter-racials couples the couple black man-white woman as predominant. The participants believe that the exclusion of the black woman brings loneliness and humiliation. To face this situation, the group considered that the formal education is a rescue major factor of the black ethnic black, enabling the identification of a bigger number of people with these values.

Keywords: Affective-sexual loneliness, matrifocality, ethnicity, identity, rejection.

Claudete Alves da Silva Souza



**A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento
pelo homem negro na cidade de São Paulo**

*“A tomada de consciência da opressão ocorre,
antes de tudo, pelo racial”.*

Lélia Gonzalez

**São Paulo
2008**

A Mulher Negra Guerreira está morta...

Tributo À Fênix Negra

Há poucas horas, enquanto lutava com a realidade de ser humana e não um mito, a mulher negra guerreira faleceu. Fontes médicas afirmam que ela morreu de causas naturais, mas os que a conheceram sabem que ela morreu por ficar em silêncio quando deveria ter gritado; por sorrir quando deveria ter liberado sua fúria; e por esconder sua doença para não incomodar a ninguém com sua dor. Ela morreu de overdose de gente em suas costas quando não tinha energia nem para si mesma. Ela morreu de tanto amar homens que não amavam a eles próprios e que a única coisa que lhe davam em troca era um reflexo distorcido. Ela morreu por criar filhos sozinha e por não poder fazer todo o serviço. Ela morreu por causa das mentiras sobre a vida, os homens e racismos que sua avó contou à sua mãe e sua mãe lhe contou. Ela morreu por ser sexualmente molestada quando criança e por ter que carregar a verdade consigo pelo resto da vida, trocando sempre a humilhação por culpa. Ela morreu de tanto ser espancada por alguém que dizia amá-la, e ela permitia que o espancamento continuasse para mostrar que também amava esse alguém. Ela morreu de asfixia, cuspiendo sangue por causa dos segredos que guardava tentando abafá-los em vez de se permitir a crise de nervos que lhe era de direito - mas que só as mulheres brancas podem se dar ao luxo de ter. Ela morreu de tanto ser responsável, porque ela era o último degrau de uma escada sem apoios e não havia ninguém que pudesse ampará-la. A mulher negra guerreira está morta. Morreu por causa dos tantos partos de crianças que ela na verdade nunca quis, mas que a moral estranguladora dos que a cercam obrigou-a a ter. Ela morreu por ter sido mãe aos 15, avó aos 30 e um antepassado aos 45. Ela morreu por ter sido derrubada e tiranizada por mulheres não-evoluídas que se diziam

sisters, companheiras. Ela morreu por fingir que a vida que levava no século XXI era um momento Kodak e não um pesadelo pós-escravidão. Ela morreu por tolerar qualquer zé mané só para ter um homem em casa. Ela morreu por falta de orgasmos, porque nunca soube de suas reais capacidades. Ela morreu por causa dos joelhos dolorosamente comprimidos um contra o outro, porque respeito nunca fez parte das preliminares sexuais que lhe eram impostas. Ela morreu por causa da solidão nas salas de parto e abandono do nas clínicas de aborto. Ela morreu por causa da comoção nos tribunais onde sentava-se, sozinha, vendo seus filhos serem legalmente linchados. Ela morreu nos banheiros com as veias irreversivelmente abertas pelo descaso geral e pelo ódio que sentia por si mesma. Ela teve morte cerebral combatendo a vida, o racismo, os homens, enquanto seu corpo era arrastado para um matadouro humano para ser espiritualmente mutilado. E algumas vezes quando se recusou a morrer, quando apenas se recusou a entregar os pontos, ela foi assassinada pelas imagens fatais de cabelos loiros, olhos azuis e bundas chapadas, quando foi rejeitada pelos Pelés, Djavans e Ronaldinhos da vida. Às vezes, ela era arrastada para a morte pelo racismo e pelo sexismo, executada pela ignorância hi-tech enquanto carregava a família na barriga, a comunidade na cabeça e a raça nas costas. A escandalosa mulher guerreira sem voz está morta!!!!!! Ou Ela Está Viva, E Se Mexendo??????

autora desconhecida.

SUMÁRIO

Introdução.....	23
1. Retrospectiva histórica.....	36
2. Afetividade e sexualidade da mulher negra.....	56
2.1 Identidade, etnia e gênero como categorias relacionais da solidão.....	62
3. A mulher negra, mercado matrimonial e preterimento afetivo.....	69
3.1 Solidão e relação amorosa.....	75
Considerações Finais.....	115
Referências Bibliográficas.....	119
Anexos.....	129
Anexo 1 Relatório de Observações.....	130
Anexo 2 Roteiro de Entrevista.....	145
Anexo 3 Transcrição das Entrevistas.....	162
Anexo 4 Termo de Consentimento.....	185

INTRODUÇÃO

São Paulo é uma das cidades de maior diversidade étnica do mundo. São milhões de pessoas que vivem, convivem e dão formas, formatos, atos e dinâmica própria para esta grande metrópole. Mais do que uma cidade, é mesmo um imenso e inconcluso mosaico de culturas, manifestações e interações humanas que se complementam e se contrapõem no eterno processo de manutenção e reprodução da vida. Cidade de encontros, desencontros, unidades e diversidades espalhadas e pulsantes nos consensos e contradições que marcam o seu cotidiano, onde a vida urbana impõe dificuldades e inflige dramas sociais à cor negra, pouco visíveis aos olhares menos cuidadosos, porém insuportáveis para quem sente e luta para transpor todas as barreiras histórico-culturais.

O argumento central de Caldeira (2000) é que a cidade assiste, ao longo da história, alterações segregadoras profundas. Essas alterações apóiam-se na atribuição de ameaças a alguns grupos que compõem a população, aliada à descrença e à desconfiança na capacidade de os poderes públicos garantirem a segurança dos cidadãos. Essas são regras que organizam e separam, ao mesmo tempo em que definem o espaço público e a sociabilidade característica da vida moderna em um contexto de atividades criminosas e de segregação desmesurada.

Em cidades fragmentadas por enclaves fortificados, é difícil manter os princípios de acessibilidade e livre circulação, que estão entre os valores mais importantes das cidades modernas" (...) "É uma cidade de muros em que a qualidade do espaço público está mudando imensamente e de maneiras opostas àquilo que se poderia esperar de uma sociedade que foi capaz de consolidar uma democracia política". (Caldeira, 2000:211-255).

Neste imenso e complexo universo de *coisas urbanas*, repleto de parcelas e segmentações humanas seccionadas ou delimitadas por um mundo de eventualidades, as situações saídas de referências sociais, políticas e econômicas, momentâneas, esporádicas ou não, marcam, sobremaneira, o ligeiro e o fugidíio *fazer da polis* atual. A partir de traços identitários, oriundos de matizes históricos diferenciados, possuidores de efetivo lastro e onde as raízes desse processo se deitam na própria formação do estrato social, do qual faz parte a mulher negra, busco compreender, com o assumido risco de me defrontar com imprecisões conceituais e metodológicas, o que é, efetivamente, a solidão desta mulher na

cidade de São Paulo. Como foi a sua construção? Quais os elementos contemporâneos de maior incidência e influência neste processo e como tais elementos se articulam na vivência desta mesma mulher?

Contudo, meu desafio é, em meio a tantas adversidades impostas para esta mulher, buscar apreender da feminilidade negra a subjetividade predominante e definidora de sua auto-estima, comportamento e modelos relacionais que são, voluntariamente ou não, incorporados ao seu cotidiano. Em um recorte mais definidor, cabe indagar, na tentativa de entender o próprio impacto desta subjetividade, com todos os seus limites e na sua dimensão afetiva com implicações diretas, concretas e perceptíveis no encontro afetivo com o outro: como o mundo subjetivo da negra - centralmente influenciado pelo mito de que “*preta é boa de samba e de cama*”, velho resquício do período escravocrata - se manifesta na perspectiva da conformação de uma auto-percepção diferenciada, preservando sua autonomia e dignidade pessoal?

Conforme cita Bordieu:

A percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social: do lado objetivo, ela está socialmente determinada; do lado subjetivo, está estruturada porque os esquemas de percepção e de apreciação susceptíveis de serem utilizados são produtos de lutas simbólicas anteriores e exprimem de forma diferenciada o estado das relações simbólicas. (Bordieu, 1992:32).

Assim, o desejo de tal investigação parte, principalmente, de anos de observação de tais fenômenos, oriundo do meu convívio e interlocução com o cotidiano de lutas e desafios das mulheres negras, buscando compreender, além das urgências sociais, políticas e econômicas, temáticas outras, digamos, pouco discutidas e refletidas, mesmo pelo movimento negro, tais como solidão e afeto.

A concepção que fundamenta tal investigação é histórica e relacional fazendo um recorte afetivo e de gênero, uma vez que acredito que a mediação das relações afetivas entre homem negro e mulher negra, além de assentar-se na contextualização desses eixos, implica também em uma perspectiva étnico-racial.

Quando abordo solidão, essas mulheres aqui apresentadas representam ser, ao mesmo tempo, sujeitos de um fenômeno antigo e objetos recentes de pesquisas e estudos, levando-se em conta os marcadores de sua historicidade e

etnia. Assim, esta pesquisa está delimitada ao entendimento das novas formas de sociabilidade num aspecto mais difuso do ser negra, da solidão e da subjetividade destas mulheres na sua prática cotidiana e na crítica social, isto é, em todos os eventos passíveis de uma leitura antropológica.

Nessa trajetória procurei avançar nas delimitações e recortes necessários a fim de garantir coerência e profundidade a esta investigação. Outrossim, ressalto que, o que se pretende é avançar epistemologicamente para adiante das simplórias categorias explicativas que buscam enquadrar a mulher negra em leituras generalistas, lineares e compartimentadas, onde as especificidades e os traços de maior singularidade – aspectos essenciais para uma efetiva compreensão do *ethos* e do *modus* destas mulheres construam sociabilidades – desaparecem em perspectivas e abordagens excessivamente panorâmicas e que notadamente não garantem a compreensão devida e necessária para o tema em questão.

Sabe-se, no entanto, que compreender os interstícios da solidão da maioria das mulheres negras é fazê-lo, inicialmente, tendo-se em vista a compreensão do próprio modelo de sociedade, dado o seu processo de formação histórica, das fundações onde se assenta tal organização social, bem como do papel relegado para cada categoria étnica que compõe e dá densidade para o imenso universo de contradições e heterogeneidade que é a cidade de São Paulo. Mais ainda, observar quais os papéis historicamente reservados para esta mesma mulher nesta sociedade e quais os contornos e feições que estes mesmos papéis foram assumindo ao longo do tempo.

Ao debruçar-se sobre o quesito solidão, este projeto insere-se em uma compreensão de mundo. Admite, por assim dizer, preferências sociais, políticas, culturais e étnicas. Concebe as relações como o resultado de historicidades feitas e desenvolvidas, conscientemente ou não, pelo conjunto das pessoas, estas dotadas de preferências diversas e que serão fundamentais para a condução dessas mesmas relações. Some-se a esta gama de influências, circunstâncias específicas e prevaletentes e que corroboram para a definição do real concreto, sujeito a múltiplas determinações.

A literatura existente contempla dados relativos a referências conceituais sobre a solidão nas mais variadas perspectivas como mostrarei a seguir, dentre elas a abordagem existencial-humanista desse evento da condição humana. Contempla também aspectos políticos, econômicos e sociais da evolução histórica da mulher

negra em nossa sociedade. Poucos estudos, porém, mencionam as relações afetivas inter e intra-raciais e as inúmeras variáveis que as compõem. Na visão de Pacheco a produção bibliográfica sobre a questão racial brasileira já existe há tempos, sendo que os primeiros estudos são oriundos do século XIX com o advento da introdução das *teorias racistas ou científicas no Brasil*. A partir desse momento deu-se espaço para vários estudos investigativos sobre o tema nas Ciências Sociais até os dias atuais. Porém, ressalta a autora:

Entretanto, se a discussão sobre raça mereceu atenção de vários intelectuais e pesquisadores brasileiros (as) e estrangeiros (as) nas Ciências Sociais brasileiras, o mesmo não se pode dizer sobre a questão da afetividade e, muito menos, sobre a afetividade baseada em critérios raciais e de gênero. Poucas são as pesquisas que levam em consideração tal articulação, sobretudo no que toca a questão das escolhas de parceiros afetivos. (Pacheco, 2006:154).

Ao estudar a solidão da mulher negra – subjetividade e preterimento - na cidade de São Paulo pelo homem negro, buscarei sistematizar esse conhecimento ao dar espaço e voz a essa mulher para ouvi-la e tentar desvendar as suas representações acerca das abordagens afetivo-relacionais do homem negro, no que tange à escolha de uma companheira da mesma etnia para uma vida a dois, temporária ou definitivamente, e verificar o nexos causal dessa solidão.

Conforme Silva

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial. (Silva, 2003:1).

A compreensão do simbólico concernente à estrutura subjetiva da mulher negra, enquanto protagonista de relações afetivo-sexuais, sua solidão e suas possibilidades de uniões estáveis com o homem negro é pois, o mirante privilegiado que utilizarei para, enfim, compreendermos as bases gerais deste universo feminino de medos, sonhos, lutas e esperanças. Qual o seu olhar sobre esse fato?

Os objetivos que norteiam esse estudo são:

- ✓ Identificar as implicações decorrentes dos aspectos identitários como fator limitador na construção de vínculos afetivos entre o homem negro e a mulher negra;
- ✓ Apresentar as interpretações contidas nas expressões discursivas das mulheres negras sobre o seu olhar acerca de seus encontros e desencontros nas relações com o homem negro, enquanto protagonista dessa relação;
- ✓ Analisar os discursos colhidos, à luz de representações sociais históricas, acerca do trânsito afetivo entre o homem negro e a mulher negra.

A metodologia utilizada buscou revelar o compromisso com a ciência e com as possibilidades desta para ensejar mudanças sociais, e exige uma reflexão sobre qual é a ciência que se está praticando e construindo em cada trabalho de investigação sobre o comportamento humano.

A investigação tradicional, denominada por Danziger (1990) “metodolatria” produziu um saber orientado para a definição e a medição de entidades cristalizadas em conteúdos fixos. A adoção desta perspectiva produziu um conhecimento psicossocial fragmentado, constituído por microteorias que não dão conta da compreensão de um sujeito que é, ao mesmo tempo, produto e produtor de sua história.

Por seu lado, a técnica qualitativa está assentada sobre três pressupostos:

- a) Implica que os participantes estejam em um diálogo: as pessoas se motivam através da comunicação e a motivação é uma condição essencial do processo de informação;
- b) Valoriza os casos individuais e as amostras com um pequeno número de casos;
- c) Trata-se de uma epistemologia construtiva que acompanha a informação ao longo do seu processo de produção. (Banchs, 2002).

A perspectiva qualitativa adotada nesse estudo traduz o compromisso com uma concepção de sujeitos – as mulheres negras portadoras de uma combinação de ação, energia e intenção.

Na perspectiva qualitativa é atribuído ao investigador um papel ativo

El lugar activo que otorgamos al investigador en la producción del conocimiento en la epistemología cualitativa, nos lleva a enfatizar el lugar de la comunicación y de lo interactivo en la construcción teórica de la subjetividad humana. (González Rey, 38).

Desta forma, o meu engajamento ao tema, longe de significar um entrave à objetividade científica, propõe-se a dar uma resposta à necessidade de articulação entre a teoria, o diálogo entre autores e os sujeitos e o contexto em que a investigação se desenvolve.

O conceito de representação social empregado em minha investigação apareceu pela primeira vez como um conceito sociológico em Durkheim (1957, *apud* Queiroz, 2000) em oposição às concepções mais prestigiadas e difundidas, tanto no âmbito da Psicologia como no da Lógica, acerca da origem inata do conhecimento. Durkheim defendeu a tese que não há nada no nível da percepção que seja independente da dimensão social.

A postura teórica desse autor não deixa margem para a criatividade individual, nem a nenhuma forma de resistência à dominação social.

O conceito de representação social foi refinado e revisto por Serge Moscovici (1976, *apud* Queiroz, 2000) em um estudo sobre percepções da Psicanálise em grupos sociais franceses. Em seu trabalho, criticou na psicologia cognitiva a despreocupação com as condições da produção do conhecimento. Na concepção deste autor, este conceito representa um sistema cognitivo que, ao ordenar o real, dá significado ao relacionamento social e permite a comunicação entre membros de uma comunidade. No Brasil, a obra de Moscovici tem exercido forte influência na Psicologia Social (*id.*Queiroz).

Schütz foi um outro autor que contribuiu para a delimitação teórica do conceito de representação social ao integrar as perspectivas de Weber (1864 -1920) e Husserl (1859 – 1938) focalizando como a *subjetividade, socialmente orientada se constrói e tipifica a realidade a partir da experiência cotidiana dos indivíduos*. (Schütz, 1973 *apud* Queiroz, *ibid.*, 365)

A partir dos enfoques de Moscovici e de Schütz é possível definir representação social como um tipo de saber, socialmente compartilhado e negociado, contido no senso comum e na dimensão cotidiana, que permite ao indivíduo uma visão de mundo e o orienta nos projetos de ação e nas estratégias que desenvolve em seu ambiente social.

O tema subjetividade remete imediatamente à Psicologia, tanto no senso comum quanto no âmbito da produção científica. Desta forma recorri aos textos psicológicos para trabalhar com este conceito. Molon relata que as temáticas do

sujeito e da subjetividade surgiram com o nascimento da ciência moderna e *"suas emergências estiveram vinculadas às condições que propiciaram o desenvolvimento das ciências sociais e humanas..."* e, principalmente, da Psicologia (Molon, 1999: 16). A conquista da legitimidade da ciência moderna afastou a Psicologia da Filosofia, *"com o risco de perder seu objeto específico, pois ao restringir sua análise ao observável e ao mensurável, excluiu de seu campo de investigação a subjetividade"*. Assim a subjetividade ficou identificada com a interioridade inacessível, e o sujeito com a exterioridade observável, o comportamento. Esta noção dicotômica de seu objeto marcou a evolução do conhecimento psicológico: objetividade e subjetividade, razão e emoção, indivíduo e sociedade, exclusão e inclusão. *"Com isso, o sujeito da Psicologia oscila entre uma objetividade observável e uma subjetividade inefável"*. (ibid.: 17).

Nos anos 1921-30, o psicólogo russo Lev Semionovich analisando a ciência psicológica, criticou tanto as psicologias subjetivistas idealistas quanto as psicologias objetivistas mecanicistas e defendeu a unidade entre a psique e o comportamento, a unidade não a identidade, como bem lembra Molon, e a correlação entre fenômeno subjetivo e fenômeno objetivo. Para Vygotsky a constituição do sujeito rompe a separação entre objetividade e subjetividade na medida em que considera que todas as funções psicológicas superiores - por exemplo, o pensamento, a consciência, a vontade, a linguagem e os sentimentos - foram antes relações sociais entre as pessoas. O sujeito é, nesta perspectiva, *"um ser significativo que tem o que dizer, pensar, sentir, tem consciência do que está acontecendo, reflete todos os eventos da vida humana"* (Molon, *op.cit.*:140).

Smolka, Góes e Pino (1993, *apud* Molon, *op.cit.*), defendem a noção que a constituição do sujeito acontece, dialeticamente, no funcionamento interpsicológico e deixam claro que esta constituição acontece pelo outro e pela palavra em uma dimensão semiótica. Sendo a palavra e o signo polissêmicos, a natureza e a origem deste processo implicam, necessariamente, o diferente e o semelhante. Assim a consciência da própria subjetividade aparece na relação eu-outro, na qual a alteridade aparece como fundamento do sujeito.

A subjetividade precisa ser entendida aqui como uma construção que se processa no âmbito das relações dialéticas entre o indivíduo e a sociedade. Um pressuposto fundamental dessa pesquisa é que os sujeitos entrevistados têm representações coerentes em relação ao universo vivido e experimentado.

No presente trabalho, optei pela técnica da análise de discurso para a compreensão dos sentidos pessoais construídos pelos sujeitos acerca da vivência de solidão e da repercussão destes em suas vidas. Usando a técnica preconizada por Spink (1994), procurei mapear o discurso a partir das dimensões internas das representações: seus elementos cognitivos, a prática do cotidiano e o investimento afetivo.

Na realização da pesquisa qualitativa, que se caracteriza, entre outros aspectos anteriormente mencionados, por utilizar uma variedade de técnicas concomitantemente, foram utilizadas a observação direta, a entrevista estruturada e o grupo focal, organizadas em três etapas sucessivas:

Primeira Etapa - Partindo da literatura pesquisada que aponta o branqueamento da população brasileira e a tendência de formação de casais interraciais, realizei observações diretas para verificar a ocorrência do fenômeno no cotidiano da cidade de São Paulo. Observei a proporção de relacionamentos interraciais, especialmente homem negro e mulher branca, em situações sociais públicas. Para isto adotei a estratégia de levantar a frequência de casais inter-raciais e verificar a proporção de ocorrência de homens negros acompanhados de mulheres brancas, homens brancos acompanhados de mulheres negras e também observei a frequência de homens negros acompanhados de mulheres negras.

Locais escolhidos para a realização da observação:

- Espaços religiosos: Igrejas evangélicas, católicas e terreiros de religiões de matriz africana
- Teatros
- Casas de espetáculos
- Supermercados
- Maternidades
- Encontros de Hip-Hop

Metodologia e critérios adotados nas observações.

O procedimento de observação foi realizado em bairros periféricos e de classe média da cidade de São Paulo. Além de verificar a ocorrência de casais interraciais, procurei inferir as idades aproximadas dos mesmos, tendo como base desta

inferência a aparência dos indivíduos, como por exemplo, a postura corporal, a facilidade ou dificuldade de movimentação, a aparência da pele, a cor dos cabelos e da barba. Enfim, procurei através destes marcadores externos da idade, fazer uma inferência sobre a faixa etária aproximada dos casais observados.

Para garantir uma amplitude de amostra dos casais inter-raciais nos cultos religiosos realizei as observações em:

Espaços Religiosos

Igrejas evangélicas: Renascer em Cristo, Assembléia de Deus, Universal e Congregação Cristã do Brasil. Assistimos em cada uma delas mais que 2 cultos em dias diferentes, tanto no meio da semana quanto nos finais de semana.

Igrejas católicas: Catedral da Sé, São José Operário, Santa Cruz, Santa Margarida Maria, São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora da Penha. Realizei observação em missas aos domingos, de manhã e à noite.

Cultos de religiões de matriz africana: Casa de Umbanda Boiadeiro, Axé Ilê Oba e Terreiro Caboclo Pena Verde. Nestes terreiros defini um local que facilitasse visualizar todos os indivíduos que entravam. Nestes locais houve maior dificuldade para realizar o procedimento, uma vez que entre os presentes alguns eram assistentes e outros participavam da roda. Em alguns momentos só foi possível a observação após o estabelecimento de um diálogo com os participantes, ao término da roda.

Em todas estas visitas para realizar as observações nos templos e igrejas permaneci sempre na última fileira de assentos ou em um local que possibilitasse visualizar a entrada dos casais. Com exceção da Congregação Cristã, onde não foi possível observar casais inter-raciais porque os homens participam dos cultos apartados das mulheres, as observações foram bem sucedidas.

Teatros

Assisti aos espetáculos chegando bem antes do início das apresentações e observando a entrada do público até 5 minutos antes do início.

Casas de espetáculos:

Visitei duas casas de espetáculos de classe média, a *Citibank Hall* e a *Credicard Hall*. Nestes locais adotei a mesma estratégia que empregada nos teatros.

Supermercados:

Procurei observar, nos finais de semana, supermercados de classe média e de periferia nos horários matutino, vespertino e noturno. Para realizar a observação permaneci em um lugar que possibilitasse visualizar todos os caixas, mediante a expressa autorização dos gerentes. Os alvos foram dois grandes supermercados: Carrefour e Pão de Açúcar

Maternidades:

Realizei observação nos seguintes hospitais de regiões de classe média e periférica na cidade de São Paulo: Hospital e Maternidade Santa Joana, Pró-Matre Paulista S/A, Hospital Santa Marcelina e no Hospital do Servidor Público Municipal. Este último foi escolhido porque embora esteja localizado em região central da cidade atende a um contingente considerável de servidores que residem em bairros de periferia.

O objetivo nas maternidades foi verificar a ocorrência de mulher negra acompanhada, seja pelo pai da criança, seja por outro homem ou por qualquer outra pessoa. Observei também o comportamento do acompanhante com relação à parturiente. Nos hospitais citados acima, as observações foram realizadas nas recepções de internação e nas recepções de espera, onde várias vezes foi possível estabelecer um diálogo com os acompanhantes, pais ou não. Nas maternidades, observei a proporção de casais inter-raciais presentes: parturiente negra acompanhada de homem negro ou branco; parturiente branca tendo o homem branco ou o negro como acompanhante. Além disso, anotei a proporção de mulheres negras entre as parturientes que não tinham um companheiro masculino. Nestes locais, delimito um intervalo de tempo e anotei a frequência de casais inter-raciais presentes no momento. As minhas observações cobriram os 4 turnos de funcionamento dos hospitais: manhã, tarde noite e madrugada. Obtive autorização para realizar a observação, mantendo-se o sigilo quanto à identificação das parturientes.

Movimento Hip hop¹. Particpei de vários encontros e não encontrei casais inter-raciais. Vale destacar que nestes encontros a presença de jovens é a tônica..

Concluindo esta 1ª etapa, observei em todos estes locais 1164 casais sendo 973 casais inter-raciais e 191 intra-raciais, dos quais ambos são negros. Dentre os casais inter raciais, 77% são formados por homem negro com mulher branca, 22% constituídos de homem branco com mulher negra e 1% de casais de asiáticos com brancos ou negros. Constatei em todos estes espaços um percentual de 17 % de casais formados por homem negro com mulher negra.

É importante salientar que as observações da 1ª etapa tiveram um caráter qualitativo, sem o compromisso de um tratamento estatístico das informações.

Segunda Etapa - a partir dos resultados das observações construí um roteiro de perguntas e convidei 62 mulheres a responder. Estas mulheres faziam parte da minha rede de relacionamentos sendo: professoras de educação infantil, que participaram da luta sindical, alunas de curso de formação em educação superior, alunas de outros cursos universitários, e trabalhadoras em geral.

Tendo em vista que o roteiro de perguntas foi elaborado para colher informações preliminares que orientaram a definição dos temas para o grupo focal não foi utilizado o corte pela zona de saturação e, sendo assim, todos os roteiros foram analisados.

O roteiro elaborado para o grupo abrangeu os seguintes temas: significado e sentido da felicidade e da solidão; identidade étnica e escolha de parceiro afetivo-sexual em função da etnia. O resultado da análise das respostas deste roteiro orientou a delimitação dos temas a serem explorados no grupo focal.

Terceira Etapa - utilização da técnica do grupo focal, o qual foi composto por 11 mulheres negras na faixa da maturidade, definida entre 30 e 65 anos de idade.

O encontro para aplicação da técnica, com duração de uma hora e meia, ocorreu em um local neutro, na cidade de São Paulo. Foi conduzido por uma moderadora, acompanhada de uma auxiliar, responsável por realizar anotações. A

¹Hip hop é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960 nos Estados Unidos como forma de reação aos conflitos raciais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma espécie de cultura das ruas. O hip hop como movimento cultural é composto por quatro manifestações artísticas principais: o canto rap (sigla de *rythm-and-poetry*), a instrumentação dos DJ (sigla de *disc- jockey*), a dança *breack dance* e a pintura do grafite.

moderadora é assistente social, com mestrado em administração em gestão de recursos humanos, com larga experiência em facilitação de grupos.

A técnica do grupo focal tem sido uma das mais utilizadas e desenvolvidas na investigação acerca das representações sociais. (Oliveira e Werba, 2000).

Os grupos focais consistem de entrevistas que estabelecem uma forma de interação que propicia informações e *insights* acerca do tema que se pretende investigar, os quais seriam difíceis de serem obtidos de outra forma. A riqueza das informações que a interação nestes grupos proporciona pode oferecer dados de qualidade superior ao que se obteria em situações de entrevista individual.

A coordenadora do grupo focal atuou de maneira a conduzir a discussão de forma livre, tendo o cuidado de manter as conversações voltadas para o foco ou tema, evitando as dispersões. As falas foram registradas em equipamento de áudio MP3. O tratamento dos dados seguiu os seguintes passos:

- a) Transcrição das entrevistas
- b) Leitura flutuante do conteúdo gravado intercalando a escuta com a leitura do material transcrito, visando captar os temas focados, observando-se a construção dos conceitos, a retórica e a paralinguística e a emergência de emoções.
- c) Retorno aos objetivos da pesquisa para que os dados categorizados fossem interpretados à luz dos referenciais teóricos.

Temas focados:

- Sentido da solidão;
- Relação entre a solidão sentida e o preterimento da mulher negra pelo homem negro;
- Auto-identidade

As representações levantadas nos grupos focais foram interpretadas e mapeadas por meio do referencial metodológico baseado em Thompson (1995), denominado Hermenêutica de Profundidade. O processo constitui-se de três fases:

- a) Análise sócio-histórica que investiga o fenômeno na dimensão espaço-temporal, as suas inter-relações sociais, institucionais e a estrutura social;
- b) Análise formal discursiva que investiga as produções simbólicas em si mesmas, por meio da análise de discurso;
- c) Interpretação das formas simbólicas à luz dos referenciais teóricos.

Escolha dos sujeitos

Critérios para inclusão no grupo:

- 1- Ser mulher negra;
- 2- Estar em atividade ocupacional, educacional ou de militância social;
- 3- Ter suficiente condição para uma efetiva comunicação em grupo.

A partir da introdução do tema, o capítulo 1 procurou evocar o contexto histórico da escravidão no Brasil, partindo das referências conceituais da categoria raça, na visão de autores estudiosos sobre o tema como Darwin (2000), Lévi-Strauss (1976), Frota Pessoa (1996), Gilberto Freire (1933) e Moutinho (2004); as teorias raciais e de embranquecimento da sociedade brasileira; as implicações relacionadas à poligenia e à matrifocalidade, buscando analisar essas concepções através dos tempos e seus impactos no delineamento do perfil de seus protagonistas.

O capítulo 2 procurou investigar uma possível correlação entre o fenômeno solidão e o objeto central da minha pesquisa, qual seja, o preterimento da mulher negra pelo homem negro nas relações afetivo-sexuais, buscando analisá-la não só sob as diversas perspectivas na área do conhecimento, mas também suas raízes históricas ligadas à diáspora negra, discorrendo sobre fatos e cenários que marcaram esse protagonismo, a partir de uma breve análise do ambiente e suas implicações. Também estão em foco questões identitárias, étnicas e de gênero como categorias relacionais da solidão.

O capítulo 3 volta-se especificamente para o mercado matrimonial disponível para a mulher negra e o seu preterimento afetivo-sexual a partir da análise de dados quantitativos e qualitativos, tendo como pano de fundo os valores ligados a padrões étnico-culturais e as escolhas afetivas que deles decorrem.

Nas considerações finais foi realizada a análise dos dados constantes das entrevistas efetuadas, bem como a análise dos discursos do grupo focal e suas construções acerca da solidão como consequência do preterimento da mulher negra pelo homem negro na cidade de São Paulo.

1. RETROSPECTIVA HISTÓRICA

“Nenhum homem racional, bem informado, acredita que o negro médio seja igual, e muito menos superior, ao branco médio. E, se isso for verdade, é simplesmente inadmissível que, uma vez eliminadas todas as incapacidades de nosso parente prógnato, esse possa competir em condições justas, sem ser favorecido nem oprimido, e esteja habilitado a competir com êxito com seu rival de cérebro maior e mandíbula menor em um confronto em que as armas já não são as dentadas, mas as idéias”. T.H.Huxley

O presente trabalho não pode esquivar-se de, ao abordar questões identitárias da mulher negra, fazer algumas reflexões sobre o quesito raça e, evidentemente, sua evolução histórica e desdobramentos políticos. Não se trata apenas de uma retomada ou ratificação histórica pontual, mas sim de construir pontes e estabelecer conexões que nos permitam dialogar com o objeto da pesquisa.

O conceito de raça, baseado na teoria da seleção natural, em muito determinou o pensamento de vários teóricos dos séculos XVIII e XIX. Neste cenário, os pensadores partilhavam das idéias do determinismo biológico, entre eles Gould (1999), para conceituar raça, classificando os grupos humanos em categorias superiores e inferiores, civilizados, não civilizados, tendo o Homem caucasiano no ápice da pirâmide de superioridade. É assim que a idéia de raça se constituiu ao longo da história e teve seu amparo nas ciências.

Segundo Darwin (2000), as raízes que deram origem ao homem e sobre as quais esse ser foi se constituindo têm, geralmente, o mesmo tipo que as outras espécies. Para este cientista, a partir do desenvolvimento de sua teoria evolucionista, a espécie animal é portadora de uma oposição entre os seus membros. Esta oposição é fixa na qual prevalece o mais forte. Esta concepção baseia-se na lei da seleção natural.

Acerca da lei da seleção natural Frota-Pessoa refere:

“As raças não são entidades permanentes ou estáticas”. Elas representam estágios da evolução em constante mudança. As tribos que conseguiram passar da África, onde nossa espécie surgiu, para a Europa ficaram isoladas no novo ambiente, e com o tempo, constituíram uma raça distinta, sob a ação da seleção natural. Os indivíduos dessa raça que migraram mais para o norte acabaram

formando outra raça, e assim por diante. Persistindo essa tendência de diferenciação crescente de raças cada vez mais distintas (raciação), a do Homo sapiens terminaria esquarterada em várias espécies (especiação), que nunca mais trocariam genes, pois não poderiam produzir híbridos férteis. (Frota-Pessoa, 1999: 30)

Segundo os vários conceitos desenvolvidos ao longo dos anos, o termo *raça* incorpora um campo semântico e uma dimensão espacial e temporal. Lévi-Strauss, ao tecer suas críticas e *observações sobre os preconceitos e mitos raciais*, relembra-nos, com ênfase, alguns desses mitos, sustentados pela ciência. Dentre eles, o autor destaca:

“Há variações nas características físicas externas transmitidas, total ou parcialmente, de pai para filho. E são grupos relativamente homogêneos quanto a este aspecto, que constituem o que geneticamente chamamos de ‘raças’. Estas raças não apenas diferem na aparência física: elas, não raro, possuem diferentes graus de desenvolvimento, algumas delas usufruindo todas as vantagens de uma civilização adiantada, enquanto outras apresentam maior ou menor grau de subdesenvolvimento” (Lévi-Strauss, 1970:11-12).

Na mesma obra, o autor continua sua crítica a respeito dos mitos que foram sustentados cientificamente para justificar a supremacia de um povo sobre o outro. Desta forma o autor traz à tona concepções fundamentadas já no Antigo Testamento.

“O Gênese contém passagens que, aparentemente, admitem a inferioridade de certos grupos a outros: ‘Maldito seja Canaã! Servo dos servos seja aos seus irmãos’ (9:25), enquanto uma espécie de superioridade biológica parece estar implícita na afirmação de que Jeová fez um pacto com Abraão e sua semente” (id.:12).

Essas idéias se impuseram e formaram gerações pois, como sabermos, até o fim do século XVII, a Teologia e as Escrituras eram os fundamentos que garantiam a explicação dos “outros”. Essas duas instâncias eram detentoras do privilégio da razão e da explicação.

Também os gregos, há 2000 anos *“consideravam todos os homens que não fossem de sua própria raça como bárbaros e Heródoto conta-nos que os persas, por seu turno, consideravam-se muito superiores ao resto da humanidade (ibid.:12)*. Ainda memorizando os mitos, Lévi-Strauss (1970) afirma que *“para justificar a ambição grega de hegemonia universal, Aristóteles (384-322 aC) formulou a hipótese de que certas raças são, por natureza, livres desde o berço, enquanto outras são escravas” (id. opus)*. Para o

autor essa é uma das hipóteses usada no século XVI para justificar a escravidão dos negros e ameríndios, os escravos do Novo Mundo.

Diferentemente de vários outros estudiosos da teoria e do conceito de “raça”, Lévi-Strauss não atribui a Darwin “a paternidade dessa odiosa e desumana teoria” (*ibid.*: 16). Seu pensamento é que:

“(...) com as sociedades de cor se tornando competidoras potenciais no mercado de trabalho e clamando por vantagens sociais consideradas como herança exclusiva dos brancos, eles tinham, obviamente, necessidade de alguma desculpa para ‘justificar’ o extremado materialismo econômico que os conduzia a negar aos povos ‘inferiores’ qualquer participação nos privilégios que eles próprios desfrutavam. Por essa razão, acolheram com satisfação a tese biológica de Darwin e depois, por sua simplificação, distorção e adaptação, em conformidade com seus próprios interesses, transformaram-na no chamado ‘Darwinismo Social’ (ibid.: 16).

Nesse sentido a hierarquização das sociedades ao longo do tempo não foi resultante, unicamente, de determinações biológicas, mas também de fatores políticos, econômicos, culturais e sociais.

No século XIX (Gould, 1999), surgiram duas correntes teóricas apontando a origem do Homem: a monogenia e a poligenia. Para a monogenia, pressuposto bíblico, o Homem seria descendente de um único Adão, ou um só tronco. Para a poligenia a origem do Homem seria resultante de várias fontes em diversas regiões da terra. Ao contrário do Homem caucasiano, os homens provenientes das regiões mais aquecidas, como a África, eram tidos como raças inferiores. Desta forma, a teoria poligênica foi muito respeitada, atraindo a atenção dos estudiosos europeus, destacando-se nessa linha Louis Agassiz (1807-1873) e Samuel G. Morton (1700-1851).

No Brasil, entretanto, o conceito de raça era baseado em padrões fenotípicos e sócio-econômicos tais como riqueza e educação (Guimarães, *apud* Pacheco, 2006). Por outro lado, as teorias racistas, fundamentadas na eugenia, depunham contra qualquer tentativa de união afetivo-sexual entre as diferentes raças, acreditando na possibilidade da degeneração física, psíquica e social desses povos (Pacheco, 2006). Com o abandono, no início do século XX, dessa linha de pensamento, houve o fortalecimento da idéia de um Brasil miscigenado que propiciaria o branqueamento populacional. Essa miscigenação era fruto do intercuro sexual e afetivo entre negros, índios e brancos, presentes nas relações

sociais do cotidiano. Essa proximidade, além de suavizar as relações, permitiu, segundo a tese de Freyre (1933) *“corrigir a distância social (...) entre a casa grande e a senzala”* (apud Pacheco, 2006:161). Se para Freyre (1933) essa democracia racial era benfazeja, porquanto escamoteava conflitos e propiciava uma liberalidade das relações, inclusive a sexual, tendo a negra e a mulata como objetos passivos e sensuais do senhor escravocrata, para outros autores, entre eles Giacomini (1988, apud Pacheco, 2006), seus críticos ferrenhos, sua visão da mulher negra, nesse processo histórico, é estereotipada e não condizente com a realidade.

Ao me debruçar sobre a historicidade da mulher negra, vejo que sua trajetória, a partir da ruptura diaspórica africana até a contemporaneidade, foi permeada pela solidão. Também sempre foi demarcada por sucessivos revezes nas lutas de resistência contra as políticas de dominação escravagista, de segregação e exclusão social, de assunção unilateral de responsabilidades familiares, de encontros e desencontros dialógicos amorosos na convergência do pertencer ou não pertencer, no direito do ser ou não ser. Senão, observe-se que essa mulher ao chegar ao Brasil, vinha de uma situação totalmente diferenciada, com um livre transitar dentro de uma condição de autonomia e reconhecimento cidadão entre o público e o privado. Na sua África, na organização sócio-econômica tribal, era-lhe facultada a liberdade de ir e vir do ponto de vista de sua mobilidade social e econômica, explicada pelo modelo de construção familiar poligínico, que na visão de Pierre Verger (1954, apud Bernardo), traz às mulheres maior independência do que no modelo monogâmico. Também Lloyd corrobora essa visão *“as mulheres controlavam grande parte do suprimento alimentar, acumulavam dinheiro e negociavam em mercados distantes e importantes”* (Lloyd, 1965:67, apud Bernardo, 1998:60). Quanto ao campo afetivo, na casa do esposo, seu papel materno é de grande destaque pois além de genitoras que são, também têm a missão de *“perpetuar a linhagem familiar do marido”* (id. opus)

No Brasil, há uma quebra desse paradigma. Na qualidade de escrava seu trânsito de mercado limitou-se ao espaço entre a senzala e a casa grande, em funções que reduziam seu corpo à ferramenta de trabalho braçal e matriz de reprodução de novos escravos, sendo consideradas *“pau para toda a obra”*. Afetivamente, surgem novos embates. Pacheco, com base em Giacomini, argumenta sobre a lógica da escravidão, onde não bastava apenas a utilização dessa mão de obra nas tarefas de lavadeira, ama-de-leite, cozinheira, arrumadeira,

mucama dos filhos da família branca, mas havendo também a apropriação de seu corpo nas obrigações de propiciar prazer com as “*investidas sexuais dos senhores*”:

A lógica da sociedade patriarcal e escravista parece delinear seus contornos mais brutais no caso da mulher escrava. A apropriação do conjunto das potencialidades dos escravos pelos senhores compreende, no caso da escrava, a exploração sexual do seu corpo, que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão (Giacomini, apud Pacheco, 2006:163).

Contrariando ainda a tese freyriana sobre a harmonia existente entre as relações sociais do sistema patriarcal-escravista e retomando as desigualdades raciais, Lélia Gonzáles (apud Pacheco 2006) afirmou que, contrariamente ao que se supôs, o racismo e o sexismo seriam as bases geradoras do sistema de opressão do escravismo e se perpetuaram depois da Abolição. Nesse sentido, há relatos da mobilização e participação feminina negra nas lutas organizadas, contradizendo afirmativas de seu caráter doce e submisso contra as opressões sofridas.

O papel das mulheres negras em lutas organizadas contra a escravidão – as fugas, os motins, as rebeliões e a formação dos quilombos – demonstrava uma reação à dita docilidade-cordialidade-submissão dos negros e das mulheres escravas contra a família patriarcal branca (Pacheco, 2006:163-164).

Como referem Giacomini (1988) e Gonzales (1988) no Brasil de então, o mito da cordialidade e do afeto nas relações entre brancos e negras não se consolidou, havendo sim “*uma miscigenação forçada, que foi construída através da violência físico-sexual e psicológica praticada contra as mulheres negras como fruto da lógica do próprio sistema escravista*” (id.:164).

Se, como se observa acima, o direito ao corpo lhe era negado, a essa mulher escrava também não era concedido o direito de formar e privar de uma vida familiar própria, conforme observa Cunha “*a vida familiar ou privada se apresenta como uma contradição à condição de escravo. Assim, não havia a possibilidade da coexistência da escravidão com a vida familiar*” (1985:42 apud Bernardo, 1988:60).

Pinto (2004:36) recorrendo à obra de Giacomini (1988) refere que as *noções de privacidade e de vida familiar estão ausentes naqueles que não possuem nem a si próprio.*

Giacomini diz:

"Era o senhor que decidia sobre a possibilidade e qualidade da relação entre homem e mulher escrava, sobre se haveria ou não vida familiar, se casados ou concubinados seriam ou não separados, se conviveriam com os filhos e onde, como e em que condição morariam" (Giacomini, 1988:37).

A legislação da época, Códigos Civil e Penal, determinava que era permitido o casamento aos escravos porém, sem que isso resultasse

"em direitos civis: o direito de manter a família sob o mesmo teto, o direito dos pais sobre seus filhos menores. Na realidade, foi somente a partir de 1879 que uma lei brasileira, aplicada muito parcialmente, começa a proibir a separação das famílias escravas no momento da venda pública" (Alencastro, 2005:2).

O Projeto de Lei do Ventre Livre passa a reconhecer como família a mulher e sua prole (Bernardo, 1988), dando ao homem tão somente a importância ligada à produtividade.

Ao serem alforriadas, antes dos homens escravos, ainda, por serem considerados elementos essenciais à produção agrícola, as mulheres negras tinham por espaço privado o canto alheio, na busca da sobrevivência para comer e dormir. Suas condições de trabalho eram aquelas configuradas em funções de subordinação e de exploração econômica e sexual e que praticamente se assemelhavam à continuidade do regime anterior e à inexistência de uma vida privada. Ao retornarem para a casa de algum parente, mãe ou tios, deparavam-se com a realidade dos cortiços, alternativa de moradia coletiva possível dentro de suas realidades. Dois autores colocam claramente essa realidade:

"os cômodos eram habitados por famílias inteiras, às vezes, com mais de seis pessoas. Ali dormiam, acordavam, cozinhavam, comiam, amavam, pariam, morriam. Ali viviam" (Bernardo, 1998:58).

Das jovens "negras" e "mulatas" que viviam nos porões e cortiços em estado de "promiscuidade", a quase totalidade "se infelicitava" fora de qualquer compromisso de noivado ou perspectivas de casamento. Vários informantes consultados por Fernandes indicaram que "as mães solteiras trabalhavam onde podiam, e quando não encontravam serviço, tinham de recorrer à mendicância e à prostituição ocasional" (Fernandes, 1978:45, apud Domingues, 2006:5).

Essa condição excludente e de marginalização a que o homem negro foi relegado imprime um novo contorno à configuração familiar existente, fazendo surgir famílias matrifocais. Típicas do Novo Mundo, ao contrário das famílias poligínicas da África, sua característica básica é ser chefiada por mulheres, o que outorga ao feminino a condição de centralidade e autoridade na assunção da permanência e da guarda do lar, em contraposição à ausência definitiva ou flutuante da figura paterna - considerada também como itinerante – o que confere ao masculino uma total fragilidade no papel de provedor, seja por exclusão sócio-econômica, pobreza ou migração.

Se as famílias matrifocais eram uma realidade na vida das mulheres negras, é fato também a existência de uma intensa liberalidade sexual na vida masculina.

Desta forma, eram facultados aos homens, a qualquer tempo, múltiplos relacionamentos fora de seu casamento, sem que houvesse, necessariamente, perda de regalias ou prejuízo social. É lícito supor, a partir dessas reflexões, que essa liberalidade sexual, tácita, do sexo masculino, remete àquilo que Woortmann (1987, apud Praxedes, 2006) denomina de “arranjos poligínicos”, entendidos como a existência de mais de uma “unidade doméstica ou mais de uma família de mãe-filhos”, significando a existência de várias famílias na medida em que o homem coabita de forma alternada em diversos lares, estabelecendo as condições para a matrifocalidade.

Segundo Carneiro:

As mulheres negras advêm de uma história diferenciada, marcada pela perda de poder de dominação do homem negro por sua situação de escravo, pelo exercício de diferentes estratégias de resistência e sobrevivência. Enquanto a relação convencional de dominação e subordinação social da mulher tem como complementaridade a eleição do homem como provedor, temos o homem negro castrado de tal poder enquanto escravo e posteriormente alijado do processo de industrialização nascente. (1985:43).

Encontramos, assim, mulheres forras e livres, na sua grande maioria, solitárias, muitas vezes mães solteiras, como eixo central de seus lares e que, por não terem casado, seja por escolha voluntária, seja por dificuldades sociais ou por preterimento do parceiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou de estabilidade amorosa.

Historicamente, há uma série de considerações que buscam explicar tal fato, ligadas a entraves econômicos, burocráticos, demográficos e sociais no tocante à escolha do cônjuge. Entretanto, situações outras podem ter contribuído pela opção ao celibato dessas escravas alforriadas, como, por exemplo, os costumes africanos.

Donas de tradições e de culturas distintas das européias, muitas nações africanas vivenciavam um sistema de filiação matrilinear, adotavam a poligamia e, sob diversos aspectos, possuíam um outro modo de ver e de viver a relação com parentes e com os filhos. Desse modo, como afirma Lopes (1998), as mulheres solteiras com filhos, não eram problema entre as nações africanas, uma vez que o sangue e a linhagem eram transmitidos pela mãe, cabendo muito mais à família da mãe a educação e a manutenção das crianças (Praxedes, 2006: 7).

A literatura nos mostra que, ao longo do tempo, vários estudiosos pesquisaram a matrifocalidade mantendo-se o princípio básico desse fenômeno, porém com enfoques distintos. Entretanto, faz-se necessário ponderar que, a despeito de controvérsias sobre a normalidade, ou não, dessa estruturação de famílias formadas por sujeitos negros e pobres, correríamos o risco de sermos parciais, em função de elementos históricos, se tomássemos como paradigma analítico, para efeitos de comparação, a família nuclear. É importante ponderar que o estigma quanto à anormalidade, assim considerada, era determinado marcadamente pelo *olhar do viajante*, o *olhar do “outro”*. Essa referência que estabelece a diferença determinada por outros valores e atributos culturais, implicava em uma análise parcializada na descrição dos fatos, trazendo à sociedade uma representação negativa da configuração das famílias negras.

Muitos autores enxergaram a matrifocalidade como uma condição patológica. Ao estudarem o fenômeno brasileiro, mais especificamente na Bahia, pesquisadores americanos, como Melville Herskovits e Franklin Frazier (Pacheco, 2006), acentuaram as controvérsias existentes na área das Ciências Sociais acerca da origem da matrifocalidade. Enquanto para o primeiro, sociólogo da Universidade de Harvard, tido como o precursor dessa corrente, que na década de 40 permaneceu na Bahia por quase cinco meses, o foco tem raiz culturalista, ou seja, seu princípio advém de herança africana trazida pelos escravos e aqui retomada; o segundo autor advoga a tese de conotação racial sendo que a mesma seria resultante de uma anomia social da população negra com o *“desajustamento das*

redes familiares provocado pelo sistema escravista e continuamente com a constituição de um novo sistema competitivo” (Pacheco, 2006:176). Blauner (1971) também considerou a escravidão como causa principal para o que chama de “famílias dirigidas por mulheres”.

Tomando São Paulo como *locus* (grifo meu) de análise, Florestan Fernandes (1964:177), descreve como incompleta a família negra, tal como ela se apresentava nesta megalópole, nas três primeiras décadas do século XX.

“família incompleta”, e de “situação sociopática” (...) ou ainda de “falhas na socialização”, como uma situação concreta à qual os negros são levados devido ao baixo nível de renda do marido. Nesta visão os negros não desejam viver uma situação matrifocal, mas não têm alternativa por fatores que estão fora da família. (...) A perspectiva que situa o conceito como patológico está normalmente associada com a identificação da escravidão e seus efeitos na organização de parentesco negro como razão fundamental para a matrifocalidade (Zarur, 2005:1).

Raymond Smith (1996, *apud* Lobo, 2006), desenvolveu um conceito de família matrifocal em que a presença masculina, como provedora, encontra-se em posição desvantajosa à feminina, pois como *força econômica* não consegue colaborar para o desenvolvimento do grupo familiar. Lobo diz

Segundo o autor, existe uma co-relação entre o papel do pai-marido e o do homem no sistema econômico e no de estratificação social. Quando há uma tendência de desqualificação do papel do homem pertencente à determinada classe social no sistema econômico há, também, uma tendência à marginalização do papel de pai-marido dentro do núcleo familiar. O autor sugere também que a baixa posição do homem negro na hierarquia local limita-o a empregos de baixa remuneração e requer que ele esteja ausente da casa e da localidade onde vive na maior parte do tempo. (Lobo, 2006: 18-19).

Ao comparar esse modelo de estrutura familiar ao modelo nuclear considerado emblemático pela sociedade, a autora recorre ainda a Smith (1996), que citando Monagan, (1960:354) afirma que:

(...) tomar a família pela família nuclear é problemático por várias razões. Primeiro, porque se está considerando apenas as conexões biológicas e segundo, porque uma definição externa do que constitui família não pode ser imposta aos grupos estudados, sendo, portanto, problemático o pressuposto de que a família vive ou deve viver junta (id. Op.:.17-18).

Lobo (2006) faz alusão a achados antropológicos que demonstram a existência de uma gama variada de *dinâmicas familiares*, presentes na atualidade, reportando-se a autores tais como: Boyer, 1964; Little, 1975; Clarke, 1979; Smith, 1996; Fonseca, 2004; Parreñas, 2005, e conclui que:

O mito de que as práticas familiares iriam coincidir com um único modelo de conjugalidade que caracteriza a família nuclear e monogâmica foi abandonado e as pesquisas sugerem, hoje, que não existe um padrão universal de família (Lobo, 2006:17-18).

Conforme os fatos sugeridos, a solidão é companheira incontestada de nossas protagonistas. Ao observar o século XIX, a cidade de São Paulo traz a existência de mulheres sós em função de maridos ausentes. Bernardo (1998), citando Dias aponta a permanência desta situação nas primeiras décadas do século XX, mostrando vários exemplos de relatos dessa época, quando resgata, de maneira brilhante, sobre a cidade de São Paulo, *"memórias negras"*, de cujos relatos selecionei dois exemplos que tipificam essa solidão afetiva:

Engraçado, tenho 83 anos, nunca quis ter um companheiro, como se diz, para sempre. Lembro que tive vários pretendentes, mas pensava assim: "para quê?" – Faço tudo sozinha. Dá trabalho, mas mando em mim. Vou arrumar homem? Ainda tenho que cuidar dele. E não é que com esta idade, tenho dois filhos que não trabalham, se separaram, trouxeram os netos e eu continuo cuidando de tudo? Mas filho e neto são da gente. (D. Flora, apud Bernardo, 1998:62)

Quando viemos para São Paulo, veio minha mãe, eu e meus irmãos. Meu pai ficou foi lá, em Piracicaba. Ele nunca teve sorte. Ficou lá. Eu sempre fui solteira, por duas razões: não queria ter filho preto, porque sofre muito, e também não gostava de homens da minha cor. Eu sempre trabalhei e economizei. (...) Eles entram na casa que é da gente e pensavam que eram os donos. Ah, aqui não, queriam mandar e não tinham capacidade. (D. Francisca, id. opus).

Na visão de alguns autores, a matrifocalidade ainda é característica em muitas famílias paulistanas, na medida em que:

A constituição da família negra, nos moldes da família nuclear burguesa, ou monogâmica, é fenômeno historicamente recente e não totalmente consolidado, expressando antes um ideal de padrão familiar a ser atingido naquilo que ele representa ideologicamente

como indicador de integração social do que uma estrutura concretamente possível, dado as precárias condições de existência da população negra (Carneiro, 1985: 43, *apud* Bernardo, 1998:66).

A situação brasileira contemporânea do mercado matrimonial, onde constata-se o preterimento da mulher negra pelo homem negro, tem raízes históricas fundantes no modelo poligínico africano.

Weber (2002), ao fazer uma análise de um tempo voltado para o mercado afirma que, antes de mais nada, a situação de classe é uma situação de mercado “o poder, inclusive o poder econômico, pode ser valorizado por si mesmo. Frequentemente a luta pelo poder é também condicionada pela “honra” social que traz consigo” (Weber, 2002:57). A condição de se conseguir status é através da herança ou da aquisição de poder econômico.

Nessa perspectiva, são observadas sucessivas demandas para reverter a condição de inserção desvantajosa no mercado de trabalho e nas representações na vida pública e privada do povo negro, enquanto sujeito coletivo e individual, apesar de haver na sociedade brasileira a idéia da dialética racial ancorada na miscigenação e nas convivências harmoniosas, como se a diversidade fosse uma pluralidade de um tipo especial e que os encontros das etnias no Brasil se dessem pela igualdade. Esta visão é ideológica, representando uma discriminação velada e uma forma de manutenção do poder. Os que sofrem a segregação revestida de diversas embalagens são sujeitos históricos, racionais, conscientes, que resistem. Há na literatura inúmeros relatos de resistência dessa exclusão por meio de formas específicas de organização social. Dentre elas, porém, optei por uma que, como raras contempla o esforço da participação feminina contra o racismo, na tentativa de dignificar a auto-estima da mulher negra, procurando livrá-la da peja de objeto sexual pela sua estética, paradoxalmente negada, buscando restaurar sua imagem pública pelo modelo da estética eurocêntrica dominante.

Em um artigo sobre a Frente Negra Brasileira (FNB), que existiu em São Paulo, de 1931 a 1937, e tida como a maior e mais significativa instituição negra no combate ao racismo no período pós-abolicionista, chegando a reunir *pelos* estimativas de um de seus dirigentes, no seu auge de 25 a 30.000 filiados, Petrônio Domingues, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, evoca e recupera a participação feminina dentro da entidade, cerrando fileiras contra a discriminação e na luta pela superação dos percalços existentes no

cotidiano desse estrato populacional por melhores condições de vida e cidadania. Há uma lacuna quanto aos registros históricos dessa participação enquanto agente da história. Para o autor, também na FNB ocorre a mesma situação, mencionando que os estudos não são pródigos em relatar o seu pertencimento e feitos, nem lhe conferindo a devida visibilidade no movimento negro.

A criação dessa organização não foi aleatória. Segundo o autor, resultou de experiências diversas de formas organizativas dos negros no pós-Abolição. A FNB caracterizou-se por ser a entidade do movimento negro que mais adquiriu *força política* durante as primeiras décadas do século XX, conseguindo *ser recebida em audiência pelo presidente da República, Getúlio Vargas, e pelo então governador do Estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira*. Também no âmbito dos direitos civis conseguiu alguns avanços como a garantia de acesso de negros aos riques de patinação e à sua entrada na Guarda Civil de São Paulo, até então proibidos.

Artur Ramos observa que o "espírito associativo" do negro marcou sua trajetória no país. Desde a escravidão, esse segmento populacional desenvolveu diversas formas de organização coletiva. Até a Abolição, foram criados grupos ou associações de caráter religioso, cultural e socioeconômico representados por quilombos, confrarias, irmandades religiosas, caixas de empréstimos, etc., (apud Domingues, 2006). No período do pós-Abolição (transição do século XIX para o XX), os negros criaram diversas associações em São Paulo: grêmios recreativos, sociedades cívicas e beneficentes. A maioria delas possuía estatuto e era conduzida por um presidente, auxiliado por uma diretoria escolhida através de eleições. As associações negras mantinham uma ativa vida social, muitas delas se reuniam diariamente. A maioria tinha como eixo central de atuação garantir o lazer de seus afiliados, principalmente por meio dos bailes dançantes. As associações negras cumpriam, fundamentalmente, o papel de produtoras de uma identidade específica, de um "nós", negros, em oposição a "eles", brancos (Domingues, 2006:2).

Dentre as várias associações existentes na época, algumas possuíam uma diretoria composta de "damas", exemplo de *O Kosmos* e da *Sociedade 15 de Novembro*, e apenas quatro tinham uma formação especificamente feminina como a *Sociedade Brinco das Princesas*, o *Grêmio Recreativo Rainha Paulista*, o *Grêmio Recreativo 8 de Abril* e o *Grupo das que não ligam importância* (Domingues,2006:2).

Outro fato que merece destaque é a visão machista do mercado de trabalho jornalístico da imprensa negra da época, com reduzido espaço de participação da mulher como redatora ou editora. O jornal *Getulino*, em um editorial,

assim se posicionava quanto ao papel social da mulher: *"a mulher foi criada para mãe, para doce companheira do homem, e nesse sentido, a sua constituição física e moral é para o completo desenvolvimento dessa missão"* (Getulino, 02/09/1923:1 *apud* Domingues, 2006:3).

Continua o autor, citando outro órgão da imprensa paulistana

O machismo ficava mais explícito em O Clarim da Alvorada, na medida em que se propagava uma concepção de família de modelo patriarcal: a grande obra da ação negra no Brasil deve começar pela família pois que é ela a célula-mãe de toda a sociedade civil. E a família é a união do varão e a esposa com seus filhos, debaixo do governo do varão (O Clarim da Alvorada, 13/05/1927:3, *apud* Domingues, 2006:3).

Igualmente a FNB, entre os seus vários departamentos, possuía o de Imprensa, que publicava o jornal da casa A Voz da Raça responsável oficial pela divulgação dos ideais da entidade. Era marcante na linguagem jornalística desse veículo, denotando a forte ideologia machista, a caracterização de gênero, tais como as diferenciações do sujeito no masculino e no feminino *"frentenegrinos e frentenegrinas", "meus irmãos e minhas irmãs negras", "senhores e senhoritas", "leitores e leitoras"* (*id. opus*).

O perfil do homem negro associado, ou seja, da *grande "massa de cor,"* era de *desempregados, trabalhadores de cargos subalternos e serviços braçais e, em menor escala, parte de segmentos das camadas médias negras (funcionários de escritórios e profissionais liberais)*. A estes últimos cabia assumir os postos de direção da organização (Andrews, 1998:233, *apud* Domingues, 2006:3).

O perfil da mulher frentenegrina era o perfil da mulher negra da época, pobre, trabalhadora e sempre em posições subalternas e de exploração, cuidando concomitantemente de seus lares, sustentando o marido ou o amásio, arcando com os gastos domésticos. Na visão de Fernandes essa mulher era

(...) como a artífice da sobrevivência dos filhos e até dos maridos ou "companheiros". Sem a sua cooperação e suas possibilidades de ganho, fornecidas pelos empregos domésticos, boa parte da "população de cor" teria sucumbido ou refluído para outras áreas. Heroína muda e paciente, mais não podia fazer senão resguardar os frutos de suas entranhas: manter com vida aqueles a quem dera a vida! Desamparada, incompreendida e destrutada, travou quase sozinha a dura batalha pelo direito de ser mãe (...). Nos piores contratempos, ela era o "pão" e o "espírito", consolava, fornecia o

calor do carinho e a luz da esperança. Ninguém pode olhar para essa fase do nosso passado, sem enternecer-se diante da imensa grandeza humana das humildes "domésticas de cor", agentes a um tempo da propagação e da salvação do seu povo (Fernandes, 1978:211, apud Domingues, 2006:4-5).

Nesse sentido, os dirigentes da FNB demonstraram uma grande preocupação com a mulher negra, tanto em entrevistas jornalísticas (*Folha da Noite* em 1931), quanto em reuniões para busca de soluções, bem como adotando ainda outras estratégias.

Domingues relata:

Marcelino Félix (2001) faz alusão ao Departamento de Colocações Domésticas na FNB, que funcionava como uma espécie de agência de emprego. Seu objetivo era conseguir serviços domésticos – cozinheira, passadeira, copeira e lavadeira – para as fretenegrinas. Fernandes argumenta que, em virtude das fretenegrinas terem adquirido consciência de seus direitos, muitas patroas passaram a evitá-las. Em compensação, outras lhes davam preferência, pois "sabiam que podiam confiar nelas, que era gente direita" (Fernandes, 1978:55). A Frente Negra da Bahia tinha como uma de suas metas criar uma nova imagem para a mulher negra, "daí a institucionalização de um quadro social feminino". Em entrevista concedida à imprensa local, dizia-se: "devemos mesmo trabalhar pela formação da elite da mulher negra" (Bacelar, 1996:76, apud Domingues:5).

Apesar de suas agruras cotidianas no tocante à militância, a mulher negra cerrou fileiras no afã de defender as demandas da negritude, constituindo-se em seu maior efetivo dentro da organização. Porém, ao lançar um olhar mais acurado à postura da FNB em seu posicionamento de gênero observo que as mulheres não tinham seu devido reconhecimento, consoante a ideologia machista da época, que ainda prevalece na atualidade, ocupando funções subalternas, sem oportunidades de participar *das instâncias decisórias*, prerrogativa totalmente masculina. Não foi facultado a nenhuma delas tomar assento no "*Grande Conselho*" (*instância máxima da FNB*), o que pode ser justificado pela *concepção de que o papel social reservado "às meninas e moças" era o de "futuras esposas e mães"*, como prescrevia *Arlindo Veiga dos Santos*.

As questões de gênero no casamento deveriam ser *bem demarcadas*. Um articulista do órgão da casa definia

O esposo dá o pão e o conforto; a esposa, Deusa do lar, dá o beijo que encoraja e o carinho que revigora. [Em seguida, aconselhava que a mulher fosse] sempre fiel, dócil e carinhosa [para seu] esposo e defensor, [que] dará conforto e agasalho em seu terno coração (A Voz da Raça, 07/1936:3, apud Domingues, 2006 :6).

Além da "Sala Feminina", as associadas contavam com dois departamentos internos de cunho feminino: "as *Rosas Negras* e a *Cruzada Feminina*", cujas atribuições eram substimadas pelos homens: as recreativas e as de assistência social. Nas recreativas, de competência do grupo As Rosas Negras, era dada grande ênfase às atividades literárias, além dos *saraus dançantes*, com o intuito de elevar e refinar o padrão intelectual do negro. Quanto ao grupo A Cruzada Feminina, este responsabilizava-se pela arrecadação de fundos para a assistência social e aquisição de uniformes e material escolar, organização do perfil biográfico dos fundadores, aumento do número de assinantes do jornal, tendo porém como *objetivo central dessa comissão fortalecer o campo educacional e cultural*.

Dentre as suas diversas ações, a *frentenegrina* procurou estabelecer um código de conduta que norteasse o padrão de comportamento dos negros, ditando as regras sociais a serem seguidas. Arlindo Alves Soares, seu presidente considerava que

"grande parcela de negros" que compunham a população brasileira eram "incivilizados" (A Voz da Raça, 17/03/1934:5), por isso, era necessário incorporar o que foi denominado de "código de civilidade". A entidade veiculou valores éticos, morais, culturais e ensinamentos de como o negro devia se comportar socialmente, tanto na esfera pública quanto na privada. O jornal A Voz da Raça publicava "o que nós os pretos devemos saber" (Domingues, 2006:7-8).

Também as mulheres tinham sua conduta patrulhada com determinação de regras de etiqueta a serem observadas, recebendo todo o apoio necessário. Em nota, Noemia de Campos prescrevia no jornal

Minhas irmãs negras; nós, antes de usarmos, boina, sapatos sem meia, blusa sem mangas e brincos argolão, devemos primeiramente consultar com as nossas costureiras ou pessoas amigas, para ver-se nos fica bem, para não sermos vítimas do riso dos transeuntes e vergonha das nossas irmãs que sabem trajar-se bem (Id. 30/09/1933:3, apud Domingues, 2006:8).

Essas orientações fizeram a mulher negra assumir uma atitude de altivez e modernidade, tanto quanto às brancas

Rara era em S. Paulo, p. ex., a negrinha que ousasse usar chapéu, de medo das chufas dos brancos (e especialmente das brancas!). Hoje são legiões as que usam esta indumentária que nada é em si mesma, porém define uma atitude social (Id. ib. op.).

De maneira muito discreta o jornal *A Voz da Raça* propôs-se a discutir os problemas do feminino negro. Ao contrário, Celina Veiga foi uma exceção. Ela procurou estimular o confronto entre a negra e a branca, com as armas de que dispunham civilizadamente. Dizia

A mulher negra precisa hoje em dia enfrentar a mulher branca; para isso, temos as armas necessárias de combate, são as seguintes: tenhamos moralidade, amor aos nossos negrinhos; fazendo-lhes ver os deveres para com a Pátria; ilustrando a inteligência e o aperfeiçoamento das artes e ofícios, para as quais sentimos vocação, e, principalmente, concorrendo em tudo e por tudo com a mulher branca, pondo a nossa inteligência, o nosso preparo, a nossa atividade e o nosso patriotismo (Id. 11/05/1935: 2 apud op.:8).

Uma preocupação que fazia parte da organização quanto ao seu quadro de associadas era com o mercado matrimonial. O artigo "Breviário da mulher" sanciona essa premissa, ratificando e recomendando normas de conduta pertinentes à consecução de um marido.

A mulher não devia ser namoradeira, mas contrair relacionamentos amorosos com a perspectiva de casamento; "pecar mais por ser recatada que desenvolta, pois nada há que lhe assente tão bem como o recato, considerado por toda gente próprio do sexo". Aquelas que "andam aí pelas ruas, mostrando com excesso o que o pudor manda ocultar, (...) que se sentam em público pondo uma perna sobre a outra", deviam ser severamente censuradas. Afinal, essas mulheres podem agradar determinados homens, mas a maioria há de parecer pouco indicada para mães de seus filhos, motivo por que algumas senhoritas acham noivos, mas não maridos. [No final do artigo, uma advertência para as mulheres] Não esqueceis que o homem (...) costuma desejar com mais ardor justamente aquilo que menos acessível se lhe mostra (Id. 06/1936: 3 apud op.:9).

A possibilidade de dar vez e voz às angústias femininas ocorreu somente na edição de número setenta do jornal com o lançamento de uma coluna específica

intitulada de "Seção Feminina", que não pode ir avante, pelo fechamento da entidade.

A transformação, em 1936, da entidade em partido político levou-a a ter pretensões de lançar candidatos para as eleições futuras. Porém, ideologicamente, seu projeto político era nacionalista, *de viés autoritário*. Seu primeiro presidente - Arlindo Veiga dos Santos - *era radicalmente contrário à democracia e constantemente fazia apologia do fascismo europeu*. Com a vinda do Estado Novo, em 1937, e a implantação do regime ditatorial a FNB foi extinta, assim como todos os *partidos políticos*. Seu fechamento ocasionou um grande vácuo na representatividade do movimento negro em São Paulo, além de uma sensação de orfandade aos seus associados.

Ao olhar dessa maneira, os registros passados do movimento social de nossa interlocutora e, ao retomá-la na contemporaneidade, vejo que os anos transcorridos não foram suficientes para alterar a imagem da mulher negra pejorativamente significada e perpassada de imposições eurocêntricas. A despeito de todos os confrontos e embates travados para um legítimo reconhecimento de um pertencer igualitário e cidadão e para a preservação e não esvaziamento da herança simbólica de seus antepassados, sua posição continua sendo uma vez mais de sujeito da história, de sua própria história, buscando sempre ressignificá-la nessa caminhada cotidiana de revezes e insucessos. De forma sistêmica, a exploração sexual da mulher negra de pele mais clara, "mulata tipo exportação", coloca-a continuamente no papel de objeto sexual. Os fatos falam por si, corroborados por Gonzáles sobre as formas de representação desse feminismo negro.

(...) padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constituísse em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo (Bairros, 2000:57 apud Carneiro, 2003:3)

A realidade contemporânea das cidades derruba a tese da expansão da democracia social e racial, pois as relações estão interdidas para além das probabilidades conferidas na diversidade e na participação política, mas engendradas na construção sutil de mecanismos discriminatórios.

Nas cidades brasileiras está em curso uma desvantajosa inserção no mercado de trabalho para as mulheres negras. Essa força de trabalho sofre com o maior índice de desemprego e com os mais baixos salários. Independente de a situação ter uma explicação histórica, como justificar a perpetuação da ausência de equidade como questão atual? É importante, mas não basta por si só uma releitura da herança de uma estrutura econômica baseada no trabalho escravo. Na verdade, existem discriminações inaceitáveis em relação à mulher negra na aparente falta de clareza da relação indivíduo/sociedade, o que mais uma vez a torna hierarquizada.

“Os maiores percentuais de vulnerabilidade da mulher negra no universo dos trabalhadores ocupados se explicam, sobretudo, pela intensidade de sua presença no emprego doméstico. Esta atividade, tipicamente feminina, é desvalorizada aos olhos de grande parte da sociedade, caracterizando – se pelos baixos salários e elevadas jornadas, além de altos índices de contratação à margem da legalidade e ausência de contribuição à previdência” (DIEESE, 2005:5).

Dados de 2006 da PNAD/IBGE revelam a existência no Brasil, de cerca de 6,7 milhões de pessoas no trabalho doméstico, deste total, 6,2 milhões são mulheres, ou seja, 93,2% e 6,8%, são homens. O maior contingente é o das mulheres negras: as domésticas são 21,7% das mulheres ocupadas, ou seja, de cada 100 mulheres negras ocupadas no Brasil aproximadamente 22 são empregadas domésticas. A grande maioria das domésticas, cerca de 72,5%, não tem carteira assinada, desse contingente, 57,5% são negras (Silva, SNMT-CUT, 2008).

No quesito salarial a diferenciação por raça e gênero também é fato consumado dentro da categoria, com as seguintes distinções segundo a renda média (PNAD/IBGE, 2006): homens brancos no serviço doméstico em torno de R\$ 465,20, mulheres brancas R\$ 351,34, enquanto a renda das negras foi de apenas R\$ 308,71.

Quando o assunto se refere à ocupação de forma geral, para as mulheres negras a situação também se mostra desvantajosa. Em 2007, representavam 16,7%

da PEA e 15,8% do total de ocupadas, porém representavam mais da metade das mulheres desempregadas (22,3%), no município de São Paulo. No tocante a salário, com base nos últimos sete anos, as mulheres negras ocupadas no mercado de trabalho paulistano formam o grupo social que apresentou o menor salário em relação às mulheres não-negras.

Enquanto o rendimento médio das mulheres não-negras somou em média R\$ 1.288,00, as mulheres negras receberam 51% desse valor, R\$ 660,00. Portanto, no caso das mulheres negras, por mais que o rendimento médio de 2007 (R\$ 664,00), seja o maior desde 2002, ele ainda é baixo em relação ao padrão de remuneração das mulheres não-negras (DIEESE/SEADE in Todo Dia, Fev/08).

Estudos oficiais apontam ainda que, além da questão gênero e ocupação, há fatores relevantes ligados aos índices de desenvolvimento humano e qualidade de vida. A expectativa de vida para as brancas é de 71 anos, enquanto que as negras, 40,7%, morrem antes de completar 50 anos (Seade, 1995). De acordo com o IDG – Índice de Desenvolvimento de Gênero - que mensura as desigualdades entre homens e mulheres as negras são as últimas na escala, ocupando o 114º lugar, atrás dos homens brancos (41º), mulheres brancas (69º) e homens negros (104º).

Outro dado alarmante é o que aponta que 46,27% das mulheres negras nunca passaram por um exame clínico de mama – contra 28,73% de mulheres brancas que também nunca passaram pelo exame. Se adicionarmos o fator educação, o número de mulheres brancas e negras com 40 anos ou mais de idade, com menos de um ano de estudo, que nunca fizeram o exame clínico de mamas sobe para cerca de 70%. Já quando analisamos as mulheres da mesma faixa etária, mas com escolaridade de 12 anos ou mais de estudo, esta porcentagem cai para cerca de 15% (IPEA, 2005).

Souza (s/d), em um trabalho de pesquisa sobre *a mulher negra, seus mitos e sua sexualidade* colheu os seguintes depoimentos que ilustram e resumem a epopéia histórica afetiva e que guardam similaridades entre as mulheres de hoje, as *frentenegrinas* de ontem e as *héstias* de sempre, nos seus desdobramentos históricos, afetivos e sexuais que é a tônica do próximo capítulo.

"— Meu marido é um intelectual, não vende sua mão-de-obra para nenhum patrão capitalista. E eu trabalho 8 horas por dia, sustentando a casa e, quando chego, faço as tarefas do lar" (M.C.V., negra, 39 anos, assistente social, concubinada).

"— *Eu estico meu cabelo, para não espetar as mãos do meu marido... ele gosta assim lisinho*" (V.L., mulata, vendedora ambulante, casada).

"— *Eu zelo pela harmonia do meu lar. Quando ele chega em casa, faço tudo para agradá-lo*" (S.R.P., negra, 44 anos, costureira, casada).

2. AFETIVIDADE E SEXUALIDADE DA MULHER NEGRA: PERSPECTIVA HISTÓRICA

Notas introdutórias acerca da solidão

A solidão é fera, a solidão devora
É amiga das horas,
É prima-irmã do tempo,
E faz nossos relógios caminharem lentos
Causando um descompasso no meu coração.

A solidão dos astros;
A solidão da lua;
A solidão da noite;
A solidão da rua.

Alceu Valença

As inúmeras tessituras que se sobrepõem à temática racial no Brasil, exigem de nós diversas mediações analíticas, obrigando-nos a estabelecer balizas epistemológicas que nos permitam aprofundamento investigativo, bem como do objeto de nossa análise empírica: a mulher negra e sua solidão.

Pinto, ao citar a música de Alceu Valença revela o quão é complexo interpretar a solidão. Em seu poema é possível identificar a relação da solidão com a natureza e com os mais profundos sentimentos humanos contextualizados num tempo que pode ser histórico e emocional. No senso comum a explicação para este fenômeno - justificado como o estado daquele que vive só – está no isolamento causada pela sociedade moderna. Todavia, solidão é fenômeno demarcado em todos os tempos e contextos históricos sem, contudo receber das diversas áreas do conhecimento a atenção necessária. Nesse capítulo, o que se propõe é a definição do conceito de solidão considerando sujeitos empíricos concretos, quais sejam as mulheres negras e a compreensão da solidão como experiência que é individual,

comunitária e coletiva, pois faz parte de uma construção histórica, social e política cravada pela dimensão de gênero e étnico-racial.

Sobre este assunto Pinto ainda analisa

Na relação com o outro, o desejo de envolvimento afetivo em busca do prazer é permeado pelos valores e ideais estabelecidos pelo contexto social. A manifestação do desejo e o estabelecimento ou não de vínculos amorosos são também determinados por concepções advindas de uma visão machista e racista (2004:38).

Estas atitudes atávicas e discriminatórias podem implicar em um distanciamento relacional e afetivo e remeter ao sentimento de solidão. Ilustra bem esse pressuposto um exemplo citado por Moura quando, mais do que cumprir uma função metalingüística discorre com muita sensibilidade sobre o vocábulo *banzo* e, ao explicitá-lo, aborda a situação vivenciada por uma negra escrava, mencionando a existência de uma solidão agravada por duas circunstâncias dolorosas: além daquela solidão ocasionada pelo evento da diáspora, a vivência de uma solidão imposta pela rejeição afetiva, que culmina com o seu adoecimento e a sua morte.

Agora é Moura quem diz:

Raimundo Jalama, sujeito de probidade, digno de toda a crença, que conta oitenta anos de idade (...) me informou a respeito desta enfermidade, que no tempo da sua administração, e uns lotes comprados, tivera certa escrava com uma filha de idade de sete para oito anos; a qual escrava se entregara a um tal fastio, por efeitos do banzo, que nada queria comer, ainda se oferecendo-se-lhe as melhores comidas, assim do nosso costume, como as de seu país; para cujo fim tinha a cozinheira própria: e observando ele esta obstinação, pela filha, para isto insinuada, entrou a pesquisar o motivo porque a escrava se entregara ao banzo; e com efeito veio a adquirir a certeza de que seu marido, a quem tanto amava, a havia dado a ela com ingratidão, à dura escravidão, e juntamente a sua filha tão estimada, como penhor da sua aliança. Sabida a causa, dispendendo-se os maiores agrados, promessas e realidades de bom trato, e até de liberdade; nada foi capaz de lhe desfazer esta imaginação. Á vista dos agrados na presença de muitas pessoas, que para eles concorriam, os seus olhos eram dois rios; de contínuo tinha a cabeça entre os joelhos; continuou a não querer comer; faleceu: e a sua filha foi estimada como a de uma heroína de banzo (...) (Moura, 2004: 63-64)

Outros autores também fazem menção às desditas amorosas da mulher negra no período colonial, ao narrarem fatos ligados à violência sexual sofrida pela

escrava, por parte de seu senhor, e sobre “as formas e possibilidades de existência de uma vida sexual e afetiva para a mulher escrava”

Os estudos de Berquó (1987) em sua obra *Nupcialidade da população negra no Brasil*, são mostrados com propriedade por Pinto (2004), alegando que a categoria cor é elemento que diferencia o estado conjugal das mulheres

são as brancas que compreendem o maior percentual de mulheres casadas; as pretas apresentam o menor percentual; e as pardas um índice intermediário. Ou seja, as chances de união variam de acordo com a cor da mulher. Pirâmide da solidão foi a denominação que a autora deu às seguintes conclusões: as mulheres, em geral, têm menos chances que os homens de ter uma união; a população preta casa mais tardiamente e com menor intensidade, e o celibato das mulheres pretas é mais acentuado. Os dados quantitativos apresentados permitem detectar alguns fatores que determinam essa situação, como o excesso de mulheres na população branca, o que provavelmente as levaria a competir com as mulheres pardas e pretas no mercado matrimonial (Pinto, 2004: 37-38)

Também as manifestações populares artísticas denotam uma faceta jocosa e ao mesmo tempo impiedosa, reforçando os estereótipos negativos criados, que refletem os costumes das classes dominantes e funcionam como vaticínio quanto ao destino conjugal da mulher negra. No século XIX, um viajante que por aqui passou, citou um antigo aforisma: “As mulheres brancas são para o casamento/ As mulheres mulatas são para a fornicção/ As mulheres pretas são para o trabalho” (Degler, 1971:199).

No século XX a música popular brasileira, entre as suas várias composições busca também ressaltar o estereótipo, fazendo referência aos marcadores desse estereótipo. Souza, precursora do Movimento de Mulheres do Estado do Espírito Santo, invoca o cancionero popular e com muita propriedade diz: *Se a auto-estima começa na cabeça, a canção de Lamartine Babo e irmãos Valença, em dezembro de 1931, já confirmavam: " O teu cabelo não nega mulata, porque és mulata na cor..." (s/d:10-22)*

Os exemplos acima mostram que a solidão, complexo evento da existência humana, pode ser compreendida sob diversas perspectivas. Na perspectiva filosófica, retomamos o pensamento de Heidegger (1889-1976) em “Ser e Tempo” no qual ele a coloca como condição intrínseca ao ser humano “cada um de nós é só no mundo” (...) “a solidão é condição original de todo ser humano” (...) “nascemos sós, pois nascer é uma experiência única para cada ser humano e o desenvolvimento depende da capacidade individual de lidar com essa solidão”.

Gomes (2001) destaca também a incorporação da solidão à existência do homem como “subproduto desta” e apropria-se das palavras de Wolfe (apud Lotz, 1961), afirmando que *“a plena convicção de minha vida descansa agora na crença de que a solidão não é um fenômeno insólito e consciente, próprio de mim mesmo e de outros poucos homens, mas sim o fato básico, central e inevitável da experiência humana”*. (apud Gomes, 2001:4).

Sob a ótica psicológica, Gomes retoma o pensamento de Tamayo considerando que a solidão é caracterizada por determinantes puramente psicológicas

“é o sentimento de estar só, a que se agrega a constatação da separação emocional do outro. É a falta de interação e de comunicação emocional entre um indivíduo e outro ser humano”. (Gomes, 2001:2). Para Craig (1980:29) *“a solidão não é a mesma coisa que estar só”*. *“A solidão é sentir-se só”*. (ibid.: 3)

Sociologicamente, o autor condiciona a solidão à categoria de um

(...) “subproduto da construção social do indivíduo (...) o resultado da produção social de um homem egocentrado, individualista, narcisista”. Ao afirmar a sua individualidade, o homem afirma também a fragmentação do universo social e o isolamento do outro. Este isolamento, porém, pode se tornar insuportável, gerando a tentativa de superá-lo, por meio da relação interpessoal (ibid.: z5).

Obendorfer afirma *“o homem isolado se caracteriza pela incapacidade de suportar a solidão, e busca, portanto, o mundo social”* (apud Lotz, 1961:148, ibid.:5).

Moreno (1889-1974), psiquiatra e criador do Psicodrama, imprime a essa concepção contornos de alteridade. Para ele o homem *“é um indivíduo social porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver; é na relação com o outro que funda as bases da sua personalidade e aprende modos de convivência e relação”*.

Em suas reflexões, Gomes (2001), faz uma distinção entre solidão e isolamento social, implicando este último na ausência de contatos sociais e na separação de espaço físico. Recorre a citação de Dantas (1993) que, ao conceituar isolamento social, vai classificá-lo em passivo e voluntário. O isolamento voluntário está ligado ao desejo pessoal, isto é, isolar-se em um convento ou em um mosteiro. Todavia, este tipo de isolamento torna-se de pouca relevância para o desenvolvimento do tema proposto.

No caso desta dissertação é importante conceituar o isolamento social passivo, que designa o “fenômeno de privação social contínua ou variável que ocorre à revelia do sujeito, ou seja, aquelas contingências de vida ou situações sociais que determinam a um indivíduo afastar-se involuntariamente do seu contexto social” (Dantas, 1993:11, *apud* Gomes, 2001:3).

Essa definição de isolamento social passivo dá suporte para a elaboração de uma análise histórica do processo de construção da solidão da população negra, ao ser espoliada de seu habitat e, mais que isso, ser destituída de seus meios de produção e de seu próprio corpo enquanto transformador de matéria-prima, de seus sentimentos e de seus afetos. Esse processo, que se configura em uma diáspora negra imposta, denota que tal ocorrência, dolorosa e traumática, afetou o caráter das relações sociais desse grupo social no Brasil e do seu processo de identidade cultural.

Sobre a diáspora Cancian, refere

Diáspora significa o espalhamento dos povos que saem de sua terra de origem para concretizar a vida em outros países ou em outros continentes. A diáspora, enquanto fenômeno de espalhamento dos povos, se efetiva em dois sentidos: diáspora pré-transnacional e diáspora transnacional, interferindo ambos sensível e diretamente na construção da identidade cultural. Se o exemplo mais emblemático desse fenômeno está no Velho Testamento, quando Moisés conduz seu povo à Terra Prometida, contemporaneamente não cessam os exemplos em que se percebem eventos diaspóricos refletidos no modo de pensar, agir e atuar dos seres. Stuart Hall (2003) fala do processo como sendo um núcleo imutável e atemporal, que liga o passado ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta (Cancián, 2008:1-2).

Portanto, aspectos da solidão negra estão diretamente vinculados à história da diáspora negra e à construção de uma identidade étnica individual e grupal e, conseqüentemente, para entender a solidão da mulher negra, não posso prescindir do estudo dos indivíduos vinculados ao seu grupo étnico, uma vez que a identidade desse grupo tem sua construção sedimentada nessa dimensão atemporal.

Ainda sobre a diáspora Cancian reflete

Seja de forma forçosa ou por opção própria, os povos que abandonam sua casa jamais se desapegam das origens, e mantêm através da tradição a cultura na qual nasceram. Isso se dá pela

manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir. Mas essa cultura original, no contexto diaspórico, está em constante transformação, de maneira que novos costumes acabam sendo assimilados e interferem não apenas na identidade pessoal como na identidade coletiva, que por sua vez reflete a identidade cultural de determinado grupo (Cancian, 2008:2).

Hall mostra que as diferenças entre os povos não podem ser entendidas apenas num sentido binário. Ao estabelecer-se uma interlocução de oposição entre a *identidade colonizadora* e a *identidade colonizada*, observa-se a reelaboração de identidades culturais de acordo com representações e posições sempre relacionais e em freqüente transformação. Porém, essas relações caracterizadas por conflitos e tensões inscrevem-se em mediações consubstanciadas pela dominação e pelo poder; momentos de entrelaçamento de valores, culturas, idéias, políticas, religiões, etc., e também combinações que estão sempre em processo de negação, assimilação, revisão, reapropriação.

Ao citar Pratt, Cancian revela que o cenário que possibilita essa fusão cultural é composto pela existência de uma *zona de contato* que possibilita maior ou menor mistura de elementos culturais de diversos matizes, entre as quais as africanas

(...) aquilo que chamamos 'zonas de contacto', espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam umas com as outras, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos praticados em todo o mundo (Pratt, 1999:27, in Cancian, 2008:5).

2.1 IDENTIDADE, ETNIA E GÊNERO COMO CATEGORIAS RELACIONAIS DA SOLIDÃO

*Cabelo carapinha, / Engruvinhado, de molinha, /
Que sem monotonia de lisura/
mostra-esconde a surpresa de mil/ espertas espirais,/ (...)"*.

Oliveira Silveira - "Cabelos que negros"

Observo que as questões que pronunciam a identidade constituem temas recorrentes nas discussões sociais e direitos individuais, incluindo a nacionalidade e o pertencimento. Neste sentido, as possibilidades de pesquisas são bastante amplas, e, com isso, o terreno fértil corre risco de tornar-se areia movediça. Ao tratar, neste trabalho, de uma identidade peculiar à etnia e ao gênero feminino, por conta de determinantes históricas, não intenciono excluir outras, mas sim fazer a opção de trilhar o caminho desafiador das reflexões intrínsecas sobre o objeto da pesquisa, tomando por base a literatura existente.

A identidade, enquanto uma das categorias fundamentais do psiquismo humano, tem sido estudada na Psicologia Social desde William James (1842 – 1910), cujos estudos, segundo Jacques (1998), centraram-se na problemática da identidade, e ganharam relevo no interacionismo simbólico de George Herbert Mead (1863 – 1931).

Quando se referem ao conceito de identidade, os autores empregam várias expressões distintas: imagem, representação e conceito de si. Abordam geralmente aspectos do conteúdo da identidade: conjunto de traços, de imagens de sentimentos, identificados pelo sujeito como fazendo parte de si mesmo.

Hilgard e Atkinson (1979) estabeleceram uma distinção entre o eu e a personalidade. Estes autores esclareceram que o conceito do eu, muito ligado aos problemas filosóficos, esteve excluído dos estudos psicológicos até que os psicólogos começaram a reconhecer a necessidade de algum tipo de princípio unificador ou fundamento para a maneira pela qual uma pessoa percebe a si mesma.

Segundo Araújo (2004), as teorias de personalidade, em geral, tratam da estrutura inferida da personalidade. Esta estrutura que caracteriza o indivíduo e o representa como o que toma decisões, o planejador e até como aquele que engana a si mesmo, pode ser compreendida por um observador externo, pois este pode inferir processos inconscientes que o indivíduo não percebe.

O eu, no entanto, se constitui na percepção que a pessoa tem de seu comportamento, de suas características, traços, sentimentos, crenças; é a maneira pela qual vê a si mesma.

Outra questão que vem merecendo uma revisão crítica diz respeito à aquisição pelo indivíduo das características especificamente humanas. Tanto a perspectiva naturalista, como a essencialista e a maturacionista, as quais colocam a origem das funções psíquicas no indivíduo, cedem terreno para a noção de que estas funções não se encontram no substrato biológico, mas se constituem nas e a partir das relações sociais.

Jacques (2000 *apud* Strey), utiliza um conceito de Lucien Sève (1989) para explicar que

(...) “o homem concreto se constitui a partir de um suporte biológico lhe dá condições gerais de possibilidades (próprias da espécie Homo Sapiens Sapiens) e condições particulares de realidade (próprias de sua carga genética). No entanto, as características humanas historicamente desenvolvidas se encontram objetivadas na forma de relações sociais que cada indivíduo encontra como dado existente, como formas históricas de individualidade, e que são apropriadas² no desenrolar de sua existência através da mediação do outro” (Jacques, 2000:162).

Do contexto histórico e social em que o homem vive e atua decorrem as possibilidades e impossibilidades, os modos e as alternativas de sua identidade (como formas histórico-sociais de individualidade). *“No entanto, como determinada, a identidade se configura, ao mesmo tempo como determinante, pois o indivíduo tem um papel ativo quer na construção deste contexto a partir de sua inserção, quer na sua apropriação” (id.: 163).*

²O termo apropriação aqui empregado significa que a relação do sujeito com o ambiente social ou contexto histórico tem um caráter ativo e transformador. O contexto sócio-histórico é resultado da ação do indivíduo enquanto externalização do seu psiquismo, isto é o homem realiza ações projetadas e idealizadas. Ao mesmo tempo o contexto sócio-histórico volta a se interiorizar transformado, num processo contínuo de articulação entre o indivíduo e a sociedade.

Sob esta visão, a identidade pessoal pode ser compreendida, concomitante, como identidade social, superando uma falsa dicotomia. O indivíduo se configura, ao mesmo tempo, personagem e autor.

Stuart Hall (2003) discutiu o conceito de identidade, especialmente a identidade cultural na pós-modernidade, mostrando as trajetórias do sujeito ao longo da história. Para este autor as identidades modernas estão *descentradas*³, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Hall identifica três concepções de identidade: a) o sujeito do Iluminismo; b) o sujeito sociológico e c) o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo nascia e se desenvolvia com um núcleo interior ou centro, que consistia no centro essencial do eu da pessoa, coincidente com a sua identidade, que permanecia a mesma, imutável em sua essência, ao longo da existência do indivíduo.

O sujeito sociológico era o reflexo da complexidade crescente do mundo moderno e da noção de que este núcleo interior essencial não era nem autônomo, nem auto-suficiente, mas formado nas relações com outras pessoas que exerciam influência sobre o sujeito, por serem importantes para ele. G. H. Mead (1863 – 1931).e C. H Coley (1861 – 1929) foram os sociólogos que elaboraram esta concepção interativa da identidade do eu *o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior, que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (Hall, 2003:11).*

Na pós-modernidade o próprio processo de identificação tornou-se mais provisório, variável e problemático. *A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (id.:12)*

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença – são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem diferentes identidades. Existe uma articulação entre as identidades dentro das sociedades que não permite que estas se desintegrem, porém esta articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta.

Hall trabalha com a noção que esse sujeito fragmentado tem uma identidade cultural. A identidade nacional é a forma metafórica do sujeito se identificar com a nação de origem, sua cultura e tradição. Esta identificação se processa por meio das instituições culturais e também dos símbolos e

³ Grifo do autor

representações. Assim, a cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia tanto as nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos.

O espalhamento dos povos ocorrido por motivos diversos, fenômeno conhecido como diáspora, gera nos indivíduos um desejo de retorno ao ponto zero, à pátria de origem das tradições perpetuadas no imaginário e nas tradições da família e dos grupos que deixaram suas nações. Existe uma forte identificação dos sujeitos com a cultura de origem, transmitida nos costumes, crenças, língua e os sentimentos de um dia retornar (Cancian, 2006).

Entretanto, ao falar em identidade, para uma melhor compreensão da mulher negra e sua história, não posso abdicar da reflexão da categoria etnia e gênero.

Para melhor compreensão dos dados analisados, é importante entender o conceito de etnia, já que a minha proposta é analisar as questões referentes à solidão a partir desta categoria epistemológica. De acordo com Pinto (2002), o conceito etnia é relativamente novo nas Ciências Sociais. Antes falava-se de cultura, isto é, a ênfase estava no repertório cultural dos diversos grupos (costumes, folklore, língua, tradição, etc) ou de raça, colocando o acento nas características externas e fenotípicas dos indivíduos. O termo etnia inclui, implicitamente, as noções de diferença e alteridade. Assim, é só através do contraste com um “Outro”, numa situação específica, que o grupo – e seus membros – se distinguem e conseguem construir uma identidade própria, isto é, a sua identidade étnica.

Bernd (apud Araújo, 2006) em seu brilhante artigo *“Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária”* (2002:36- 46), remonta à antiga Grécia nas figuras mitológicas de Ulisses e Jasão utilizando uma linguagem metafórica para argumentar sobre as duas faces da identidade. Enquanto Ulisses simboliza o desejo de retorno à sua terra natal – a partir do exílio, significando a idéia de enraizamento, o segundo, Jasão, *líder dos Argonautas e desbravador de novas terras*, relaciona-se ao desejo da errância, ou seja, constantes deslocamentos, movimentos. Essas diferenciações estabelecidas por Bernd seriam os sinalizadores para dois caminhos possíveis que o homem percorreria em busca de sua própria identidade, em busca de si mesmo

(...) o mito de Ulisses aponta para uma construção identitária de raiz única, ou seja aquela que tende a construir uma cultura ou uma nação coesas e homogêneas, a enraizar-se e a imobilizar-se no mesmo (...);

(...) o mito de Jasão aponta para formações identitárias rizomáticas, abertas ao outro, constituindo um vasto sistema relacional, perfazendo-se no próprio processo de sua determinação. (Bernd 2002: 37-38, destaques da autora, apud Araújo, 2006:1)

Araújo sintetiza o pensamento da autora referindo que a mesma aborda duas maneiras de pensar a questão da identidade:

(...) uma baseada em essencialismos narcisistas e totalitários, que negam a alteridade e, não raro, inventam modelos de representação fundados em preconceitos e estereótipos; e uma outra, que se baseia no contato – harmonioso ou conflitante – do sujeito com o (s) outro (s) e, a partir daí, dá-se início a um processo instável de permanente construção/ desconstrução das identidades em jogo. De acordo com esta última concepção, a questão identitária é negociada e, em se tratando de contextos marcados por processos históricos de colonização, esta negociação acontece entre múltiplas possibilidades de conhecimento, de memórias e traços culturais e de acordo com a estruturação da cultura nacional. Assim, no percurso da busca identitária, cabe ao próprio sujeito fazer sua viagem de volta ao encontro com o outro e, assim, poder se reencontrar consigo mesmo. (Araújo, 2006:2)

O comportamento sexual e afetivo da população negra é conseqüência das relações entre a sociedade em geral, configurando a população negra como um grupo étnico específico. Mas, o que é um grupo étnico?

Para responder esta pergunta Barth (1975) informa que um grupo étnico não se distingue tanto pela sua cultura ou características fenotípicas dos membros que o compõem, mas sim pela sua particular forma de organização social num determinado sistema social.

Quanto ao termo gênero, como categoria analítica, vem à luz na década de 80, com as contribuições de diferentes disciplinas, como a Biologia, a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia e pelo próprio movimento feminista.

Bernardo estabelece significativas diferenças ao analisar essa categoria

(...) gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais (...) Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos (1998:2).

A construção desta categoria analítica se destina à desnaturalização do fenômeno, que se encerra na tentativa de justificar política e ideologicamente as desigualdades sociais com base no sexo. Sexo, sem as implicações sociais, refere-se ao fisiológico e não comporta especificidades culturais e determinações de papéis masculinos e femininos, restringindo-se assim, simplesmente, ao componente biológico que distingue o macho da fêmea na espécie humana, como na maioria das espécies biológicas e na forma de reprodução dessa espécie.

Ao analisar as referidas desigualdades sociais, com base em determinantes de gênero, busco entender, à luz dessas relações, a condição em que se encontra a mulher negra no mercado matrimonial. Numa retrospectiva ao passado histórico, deparo-me com padrões de comportamentos, nas relações entre homens e mulheres, historicamente internalizados, refletindo a especificidade dos sistemas culturais vigentes. Na tentativa de explicar o papel feminino nessa relação, permito-me recorrer à mitologia grega, evocando o mito de Héstia e Hermes. Nessa relação, segundo Bernardo (2003), com base em Vernant, o espaço doméstico é reservado à deusa, significando o interior, o íntimo, o espaço privado, ao passo que Hermes simboliza o exterior, o público, aquele que se mobiliza e viabiliza contatos. Nessa perspectiva, enquanto o feminino é o guardião dos tesouros amealhados e o responsável por sua destinação, o masculino representa a sua busca, a sua aquisição.

Bernardo complementa

É nessa perspectiva que deve ser entendido o mito Héstia-Hermes, constituindo, no limite, as relações de gênero, o masculino e o feminino, em que seus membros se complementam, têm afinidades, mas também formam um par de oposição que vive em constante tensão no Ocidente (2003:28).

Observo assim, que a construção sócio-cultural do gênero feminino no mundo ocidental obedece a padrões étnicos e regras que determinam e orientam o seu comportamento, na maioria das vezes ressignificado. Os valores pertinentes a essas regras morais impuseram, desde sempre, distintos modelos de comportamento ao feminino e ao masculino, em qualquer sociedade. No que concerne à sociedade ocidental Bernardo (2002) menciona “as mulheres no mundo ocidental recebem desde a infância os princípios que devem orientar o seu comportamento.

É claro, que essas normas muitas vezes são ressignificadas, mesmo porque um dos pressupostos de qualquer cultura é a sua dinâmica” (ibid.:30).

Recorrendo a Foucault a autora ratifica

Foucault ainda acentua a importância da fidelidade para os gregos, ao mostrar o comportamento conformado feminino ante as faltas de seu marido. Assim, torna-se óbvio que, na Grécia antiga, ser fiel era um comportamento especificamente feminino, não havendo simetria nas relações de gênero (ibid.:30).

Ao olhar para os nossos protagonistas percebo que tal modelo de conduta é equivalente, não tendo honra e fidelidade á mesma acepção para homens e mulheres.

Para Bernardo

(...) mesmo na contemporaneidade, o espaço privado parece ser ainda reservado especialmente ao feminino no mundo ocidental. Assim, grande parte das mulheres continua a representar a permanência, a intimidade, a continuidade. (...) O interior da casa é o local adequado para o exercício da sexualidade, que deve também ocorrer para a mulher no interior do casamento. Assim, as normas para o comportamento feminino são estabelecidas (...) conforme mostra Foucault (1999) em seu comentário a respeito: “No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais (ibid.:29-30).

Para a minha Héstia, a inexistência da parceria amorosa contínua, pela ausência do masculino, delineia no imaginário feminino negro a percepção da espera até o próximo retorno, do recolhimento sexual-afetivo, da solidão amorosa e, ainda, a existência de uma família centrada em si mesma, a partir de seu particular entendimento de *público-privado*, como nos dizeres de Bernardo.

Se for verdade que o mito se movimenta no sentido de revelar, encobrir; se ele se constitui como a irrupção do indizível, do não-dito, pode-se dizer também que ele deve ser encarado como uma das vias de acesso para se compreender o universo sociocultural de um povo. Em outras palavras, o mito Héstia-Hermes desnuda o lugar que deve ser ocupado pelo feminino e pelo masculino no mundo ocidental, mais precisamente, cabendo ao homem o espaço público e, à mulher, o privado (ibid.:28).

Dessa forma, desfaz-se o mito Héstia-Hermes. Não há Héstia. Não há Hermes. Papéis com atribuições mitológicas não encontram correspondência no

cotidiano desses sujeitos, no espaço dessas relações, cujos componentes étnicos e de gênero demandam outras configurações.

A partir desse enfoque é possível correlacionarmos que as implicações acima são demarcadores importantes da solidão da mulher negra e de sua posição no mercado matrimonial, conforme o capítulo seguinte.

3. A MULHER NEGRA, O MERCADO MATRIMONIAL E O PRETERIMENTO AFETIVO

Abro as minhas portas e
a conformidade das suas coisas vem
numa adequação de causa e efeito.
Fecho minhas portas e
confusamente, as suas coisas vão
numa inadequação de solidão e desrespeito
Diante das inconformidades das minhas coisas.

Regina Helena, in *Cadernos Negros*

Para além de categoria analítica, construída sociologicamente para dar conta da realidade empírica, a expressão mercado matrimonial comporta em si mesma um componente simbólico com forte carga afetiva, de natureza expressivamente feminina e que, como símbolo, pode ser recriado pelo imaginário de acordo com diferentes culturas, conferindo aos seus membros uma dada mobilidade social.

Mercado matrimonial e mulher negra: uma equação de resultados insatisfatórios. Se o interesse dos pesquisadores por esse fenômeno é recente, início da década de 80 (Pacheco, 2006), o mesmo não se pode dizer dos dados constatados que espelham uma desfavorável e antiga realidade: gênero e etnia, além da faixa etária, quando somados, são obstáculos praticamente intransponíveis

às pretendentes negras ao papel de esposa. Análises estatísticas, segundo Silva (1987,1991) e Berquó (1988), demonstram que os casamentos no Brasil se orientam por um padrão homogâmico levando-se em conta uma série de variáveis, entre elas a categoria “raça”. Assim, a mulher negra, de acordo com os dados censitários, vem sendo sistematicamente preterida como candidata nupcial.

Berquó evidencia os aspectos revelados

A miscigenação vem sendo realizada muito mais pela preferência afetiva de homens negros por mulheres brancas ou mulheres de pele clara do que de mulheres negras por homens brancos; as mulheres negras (pardas e pretas) são as menos preferidas para uma união afetiva estável pelos homens negros e brancos, perdendo na disputa matrimonial-afetiva para as mulheres brancas; como resultante desta disputa haveria um excedente de mulheres negras solitárias, sem parceiros para contraírem uma união; por outro lado, as negras perfazem maioria (mais de 50%) entre as mulheres solteiras, viúvas e separadas (Berquó, 1987 apud Pacheco, 2006:154).

Moutinho (2004), também enfatiza o fato ao afirmar que as mulheres negras e pardas tem maior período de celibato, sendo aquelas que se casam mais tardiamente quando comparadas as mulheres brancas, com os homens brancos e com os homens negros.

Costa (2002) fala sobre os estudos de Berquó (1980, 1988, 1991)

Em 1980, encontravam-se solteiras, aos 50 anos de idade, cerca de 13,4% de mulheres pretas, enquanto que as mulheres brancas e pardas apresentavam valores mais baixos, na ordem de 7,7% e 8%, respectivamente. Cerca de 10,5% das pretas, 7,5% das pardas e 8,3% das brancas declararam-se viúvas. A idade média do primeiro casamento das pretas era de 23,4 anos, enquanto que brancas e pardas se casavam, em média, um ano antes (Berquó, 1991). Apenas 47,1% das pretas encontravam-se unidas em 1980, enquanto que a proporção de brancas que estavam em união no mesmo período era 57,4% (Berquó, 1988), (apud Costa, 2002:9).

A ausência de parceiro/preendente para a mulher negra teria como causa a freqüência das relações inter-raciais, observando-se nessa formação homem negro/mulher branca/clara. De acordo com os estudos de Thales de Azevedo, a miscigenação é um *fenômeno crescente no Brasil* e parte do próprio negro, contrariamente ao comportamento da negra, cujas relações são endogâmicas, isto é, ocorrem dentro do próprio grupo. Porém, estudos sugerem algumas causas que podem explicar a preferência masculina. Para Nelson do Valle Silva, uma

possibilidade seria o *desequilíbrio populacional entre os sexos*, com uma grande disponibilidade de homens ou mulheres em seus próprios grupos, o que os faria migrar para o outro grupo. Moutinho (2004), tomando como base os estudos de Silva e Berquó, comenta a existência, no país, de um número menor de homens em relação ao número de mulheres no grupo branco, observando-se o contrário no grupo de homens pretos e pardos e *que há uma tendência, enfatizada por Berquó, de o excedente de mulheres “brancas” se unir ao excedente de homens “pretos” e “pardos”*. Essa realidade surpreende Berquó, levando-a a seguinte consideração

“é de estranhar que justamente as mulheres pretas que contam com um excedente de homens pretos, exatamente na faixa etária mais favorável às uniões, acabem por ter menores chances de encontrar parceiros para casar. Nossa hipótese é de que o excedente de mulheres brancas na população deve levá-las a competir, com sucesso, com as pardas e pretas, no mercado matrimonial” (1998:79, apud Moutinho, 2004:2)

Ainda de acordo com as pesquisas de Berquó e Lazo

O Censo de 1980 mostra que, nos casamentos exogâmicos quanto à cor, é mais freqüente o homem ser mais escuro que a mulher. Assim, em 11% dos casais, o homem era mais escuro do que sua companheira, ao passo que em 8% dos casais ocorria o contrário (Berquó, 1991). Com isso, do ponto de vista demográfico, os dados sugerem que, devido ao excedente de mulheres brancas no Brasil (razão de sexo igual a 0,963), as brancas acabam buscando também homens mais “escuros” para se unirem. As pardas, dado o “desfalque” no contingente de pardos, recorrem também aos homens pretos. E as mulheres pretas, apesar de terem uma razão de sexo favorável (1,018 na faixa de 15 a 54 anos, segundo o Censo de 1980), acabam por enfrentar a mais desvantajosa de todas as situações, pois elas têm que “competir” no mercado de casamento com o excedente de brancas e pardas (Berquó, 1991; Lazo, 1988, apud Costa, 2002:9).

Em uma visão mais conclusiva sobre os estudos de Berquó, Costa (2002) refere

Por fim, Berquó (1988) chama a atenção para a real situação da mulher negra em relação ao mercado matrimonial no Brasil. Aos 30 anos, cerca de 30% dessas mulheres já se encontram sós. Aos 50 anos, 41% das negras não possuem um parceiro, enquanto que aos 60 anos esse valor atinge 71%. Em contraposição, somente 27% dos homens negros chegam sozinhos aos 60 anos.

Outra possibilidade que explicaria essa escolha seria o desejo de ascensão social, projetado nessa relação, que faria o homem negro decidir-se pela mulher branca. Isso nos permite pressupor que seus atributos identitários como gênero/raça/sexualidade, uma vez reificados constituiriam-se em um dote de *pouca monta* (grifo meu) que não habilitaria a mulher negra como competidora atrativa nesse leilão afetivo onde o homem negro é o bem mais disputado.

Donald Pierson, em sua obra *Branços e Pretos na Bahia*, publicada em 1942, e tida como a pioneira ao abordar cor e posição social, destaca que há outros fatores relevantes a serem considerados, independentemente da cor, no que tange à hierarquização social. A posição social que a pessoa possui, caracterizada pela sua condição econômica, nível de escolaridade e prestígio, muito mais do que o padrão fenotípico, é que propiciaria seu nível de inserção na sociedade (Pacheco, 2006).

No esquema explicativo de Pierson, a cor estava atrelada à posição social dos indivíduos, porém a depender da competência individual, estes tendiam a perder sua identidade racial: “na determinação do ‘status’ social, a competência do indivíduo tende a superar a origem racial. Isso se expressava na inserção relativa das pessoas de cor em várias camadas sociais, na distribuição espacial, nas ocupações, nas camadas econômicas, nos espaços recreativos e de lazer, nas manifestações culturais, nas escolas, etc. Pretos e mestiços, sobretudo estes últimos, quando adquiriam status tendiam a “branquear-se”, a assimilar a cultura do branco e o casamento inter-racial seria uma das estratégias dos indivíduos negros e mestiços para ascenderem socialmente (id.:170).

Nessa ótica, a mulher branca, além de propiciar um dado acesso social ao homem negro, funcionaria como uma possibilidade de escamoteamento de seu padrão fenotípico, conferindo invisibilidade à sua cor.

Os dados da observação realizada, descrita na introdução, mostraram que tanto nas regiões da periferia quanto nas regiões de classe média da cidade de São Paulo, houve o predomínio do casal formado por homem negro e mulher branca, nas uniões inter-raciais. Desta forma, o preterimento da mulher negra pelo homem negro fica claramente identificado. A descrição detalhada das observações encontra-se no Anexo 1.

Moutinho (2004), ao realizar sua pesquisa de campo afirma que

colheu narrativas acusatórias de antigas militantes vinculadas ao movimento negro acerca da preferência afetivo-sexual dos homens do movimento que, apesar da militância política acabavam se envolvendo com mulheres “brancas”. As escolhas políticas e ideológicas marcavam seu projeto afetivo e familiar (id. opus).

As tabelas abaixo mostram os resultados das observações.

Tabela 1

Freqüência e porcentagem de casais inter-raciais observados em bairros de classe média, na cidade de São Paulo

Casais inter-raciais	Número	Porcentagem
Homem negro com mulher branca	231	80%
Homem branco com mulher negra	52	18%
Asiático com branca	5	2%
Total	288	100%

Tabela 2

Freqüência e porcentagem de casais inter-raciais observados em bairros centrais na cidade de São Paulo

Casais inter-raciais	Número	Porcentagem
Homem negro com mulher branca	116	74,3%
Homem branco com mulher negra	33	21%
Asiática com negro	5	3,3%
Asiático com branca	2	1,4%
Total	156	100%

Tabela 3
Freqüência e porcentagem de casais inter-raciais observados em bairros da periferia na cidade de São Paulo

Casais inter-raciais	Número	Porcentagem
Homem negro com mulher branca	400	75,6%
Homem branco com mulher negra	127	24%
Asiática com negro	2	0,4%
Total	529	100%

Tabela 4
Freqüência e porcentagem de casais inter-raciais em comparação com casais intra-raciais negros observados na cidade de São Paulo

Bairro	Classe média		Bairros Centrais		Periferia		
	Casal	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
Inter-racial		288	84%	156	80%	529	84,6%
Intra-racial		56	16%	39	20%	96	15,4%
Total		344	100%	195	100%	625	100%

Para garantir a abrangência da abordagem realizei as observações em bairros centrais, de classe média e em bairros periféricos da cidade em locais com alta freqüência de casais, por exemplo, supermercados, maternidades e igrejas.

As observações me permitiram verificar que, diferentemente do que se acreditava, o preterimento praticado pelo homem negro contra a mulher negra pelo homem negro não é exclusivo do homem que ascendeu socialmente, seja intelectual ou economicamente. Pude observar que este preterimento também se dá nos extratos sociais menos privilegiados e até mesmo em setores da militância do movimento negro, excetuando-se o movimento Hip-Hop, onde não verifiquei o fenômeno. Foi possível, ainda, constatar que, na faixa etária de 25 aos 55 anos, quando a inter-racialidade conjugal se materializa entre homem negro e mulher

branca, há um equilíbrio etário; já quando encontrei, em uma menor proporção, casais inter-raciais formados por homem branco e mulher negra, observei que a incidência maior está na faixa dos 35 aos 60 anos, e então não se verifica o equilíbrio etário: a mulher negra geralmente é bem mais jovem que o homem branco. Finalmente, nas observações empíricas constatei, em todos os lugares observados, um número proporcionalmente maior de jovens negras desacompanhadas de homens negros ou brancos. Este último aspecto observado é coerente com os dados sócio-demográficos.

Entre as mulheres de 15 anos de idade ou mais, os dados do Recenseamento de População de 1991 mostram que as mulheres pretas se vêem relativamente menos representadas do que as pardas e brancas na condição de casadas (48% contra 55% e 59%, respectivamente). As informações referentes ao celibato definitivo (proporção de solteiras no grupo de 50 a 54 anos) confirmam a mulher preta como a que aparece com menos vantagens relativas no mercado matrimonial (Petruccelli, 1999, apud Costa, 2002:8).

3.1- SOLIDÃO E AS RELAÇÕES AMOROSAS

As observações realizadas e as respostas ao roteiro de entrevista tornaram claro o panorama do que foi denominado mercado matrimonial da mulher negra e a decorrente solidão afetivo-sexual. Este panorama mostra, ainda que empiricamente, a predominância entre os casais inter-raciais, de pares constituídos por homem negro com mulher branca. As mulheres entrevistadas e as participantes do grupo focal concordam que os homens negros jovens, em idade de escolher a parceira conjugal, tendem a preferir a mulher branca, em detrimento da mulher negra. Segundo estas mulheres, esta escolha é mais comum entre os homens negros que buscam uma ascensão social ou aqueles que já ocupam uma posição sócio-econômica considerada vantajosa.

Uma vez “racializada” nas relações de prestígio que marcam as distinções de gênero e de sexo, a mulher “branca” aparece como uma fonte fundamental de status. Lutar contra o “racismo” implica lutar também contra um certo tipo de desejo e de relação: o do homem “negro” pela mulher “branca” e vice-versa. Uma reivindicação que nos leva ao núcleo do argumento de Florestan Fernandes (1978): a crítica da miscigenação (e dos relacionamentos afetivos-sexuais)

“heterocrômicos” como uma espécie de “instrumento de cooptação” (Moutinho, 2004:5).

Para compreender melhor a questão do mercado matrimonial identifiquei quem foram as minhas interlocutoras na construção do conhecimento sobre este assunto.

Convidei 62 mulheres negras a responder um roteiro de entrevistas, conforme descrevi na introdução. Analisei as falas das mulheres participantes da pesquisa, utilizando a técnica de Análise de Conteúdo, conforme preconizado por Bardin (1977) anteriormente mencionada.

As características sócio-demográficas das participantes desta etapa da pesquisa estão descritas abaixo.

QUADRO I

Características sócio-demográficas das mulheres que responderam ao roteiro de entrevistas

Sujeito	Idade	Estado Civil	Nº de Filhos	Religião	Formação Escolar
Mulher 1	48	Divorciada	1	Católica	Ensino Médio
Mulher 2	42	Divorciada	1	Católica	Ensino Médio
Mulher 3	40	Divorciada	2	Católica	Ensino Médio
Mulher 4	52	Viúva	5	Cristã	Ensino Médio
Mulher 5	51	Casada	2	Católica	Superior
Mulher 6	53	Separada	1	Católica	Superior
Mulher 7	Não informou	Solteira	3	Evangélica	Superior
Mulher 8	47	Solteira	2	Católica	Superior
Mulher 9	50	Solteira	1	Evangélica	Superior
Mulher 10	58	Viúva	2	Evangélica	Superior
Mulher 11	50	Casada	3	Católica	Ensino Médio
Mulher 12	52	Divorciada	4	Ecumênica	Superior
Mulher 13	53	Casada	3	Católica	Ensino Médio
Mulher 14	23	Solteira	0	Não tem	Superior, cursando
Mulher 15	34	Casada	0	Cristã Não Praticante	Superior
Mulher 16	23	Solteira	0	Católica	Superior, cursando
Mulher 17	25	Casada	1	Não tem	Superior
Mulher 18	25	Solteira	0	Não tem	Superior, cursando
Mulher 19	22	Solteira	0	Evangélica	Superior, cursando

Mulher 20	17	Solteira	0	Candomblé	Ensino Médio
Mulher 21	23	Solteira	0	Não tenho	Ensino Médio
Mulher 22	25	Solteira	0	Cristã não praticante	Superior
Mulher 23	29	Casada	1	Católica	Ensino Médio
Mulher 24	24	Solteira	0	Não respondeu	Superior cursando
Mulher 25	28	Viúva	1	Não respondeu	Superior
Mulher 26	21	Solteira	0	Evangélica	Superior cursando
Mulher 27	22	Solteira	0	Umbandista	Superior cursando
Mulher 28	34	Separada	2	Católica	Ensino Médio
Mulher 29	28	Solteira	1	Católica	Superior cursando
Mulher 30	32	Solteira	4	Não tem	Ensino Médio
Mulher 31	23	Solteira	0	Umbandista	Superior
Mulher 32	25	Solteira	0	Evangélica	Superior
Mulher 33	26	Separada	2	Católica	Ensino Médio
Mulher 34	19	Solteira	0	Evangélica	Superior cursando
Sujeito	Idade	Estado Civil	Nº de Filhos	Religião	Formação Escolar
Mulher 35	22	Solteira	0	Candomblecista	Ensino Médio
Mulher 36	25	Solteira	1	Não tem	Ensino Médio
Mulher 37	31	Solteira	3	Candomblecista	Ensino Médio
Mulher 38	34	Casada	2	Evangélica	Superior
Mulher 39	35	Casada	3	Evangélica	Superior
Mulher 40	19	Solteira	0	Católica	Superior
Mulher 41	23	Casada	1	Evangélica	Ensino Médio
Mulher 42	35	Divorciada	6	Espírita	Ensino Médio
Mulher 43	31	Solteira	2	Candomblecista	Ensino Médio
Mulher 44	29	Casada	2	Evangélica	Superior
Mulher 45	35	Separada	3	Não tem	Superior
Mulher 46	34	Separada	2	Espírita	Ensino Médio
Mulher 47	30	Casada	4	Católica	Superior
Mulher 48	49	Separada	3	Católica	Superior
Mulher 49	54	Viúva	4	Evangélica	Superior
Mulher 50	56	Casada	4	Católica	Superior
Mulher 51	52	Solteira	2	Espírita	Superior
Mulher 52	48	Casada	1	Católica	Superior
Mulher 53	55	Viúva	5	Evangélica	Ensino Médio
Mulher 54	45	Casada	3	Católica	Ensino Médio
Mulher 55	58	Casada	4	Evangélica	Superior
Mulher 56	49	Solteira	0	Espírita	Superior

Mulher 57	53	Separada	3	Católica	Superior
Mulher 58	49	Casada	5	Evangélica	Superior
Mulher 59	44	Casada	3	Espírita	Superior
Mulher 60	50	Separada	1	Católica	Superior
Mulher 61	58	Casada	4	Católica	Superior
Mulher 62	54	Viúva	5	Católica	Superior

Apresento a seguir uma tabela contendo um resumo das características sócio-demográficas das mulheres que responderam ao roteiro de entrevistas.

Tabela 5

Freqüência e porcentagem das características sócio-demográficas das mulheres que responderam ao roteiro de entrevistas

Características		Freqüência	Porcentagem
Estado Civil	Casada	18	29%
	Solteira	25	40%
	Divorciada/separada	13	21%
	Viúva	6	10%
Escolaridade	Ensino Superior	32	51%
	Ensino Superior Incompleto	9	15%
	Ensino Médio	21	34%
Idade	Abaixo de 30 anos	24	39%
	31 a 40 anos	11	18%
	41 a 50 anos	12	19%
	51 a 58 anos	14	22%
	Não informou	1	2%
Número de filhos	Não tem	17	27,4%
	1	12	19,4%
	2	11	18%
	3 a 6	22	35,2%
Religião	Católica	23	37%
	Evangélica	15	24%
	Matriz africana	6	10%
	Espírita	5	8%

Cristã	3	5%
Ecumênica	1	2%
Não tem	7	11%
Não revelou	2	3%

As figuras abaixo ilustram a distribuição amostral segundo as características sócio-demográficas.

Figura 1
Distribuição amostral segundo o estado civil das mulheres

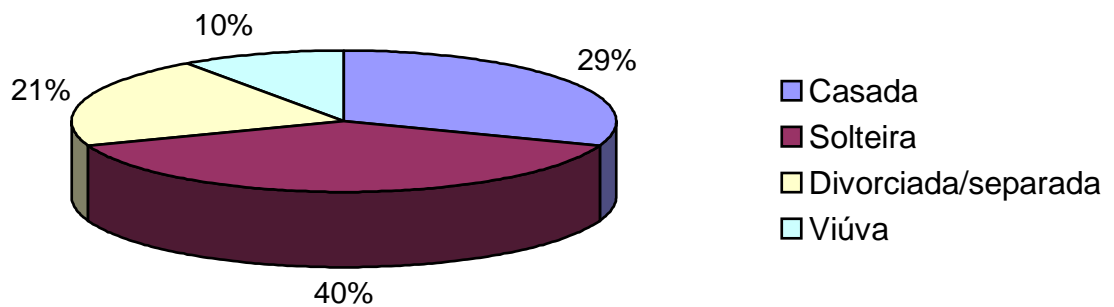


Figura 2
Distribuição amostral segundo o grau de escolaridade das mulheres

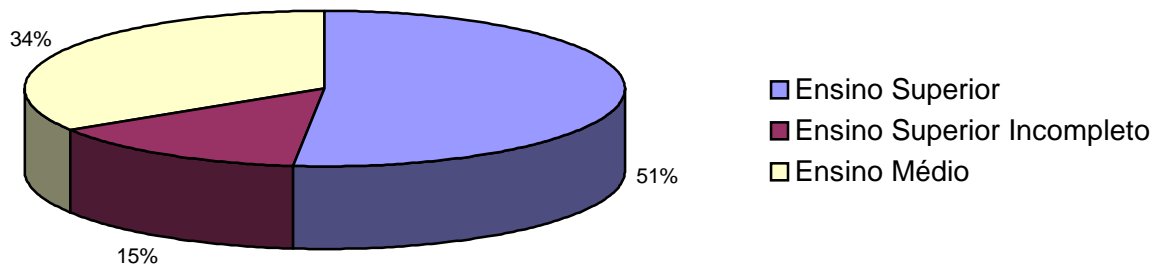


Figura 3
Distribuição amostral segundo a idade das mulheres que responderam ao roteiro de entrevista

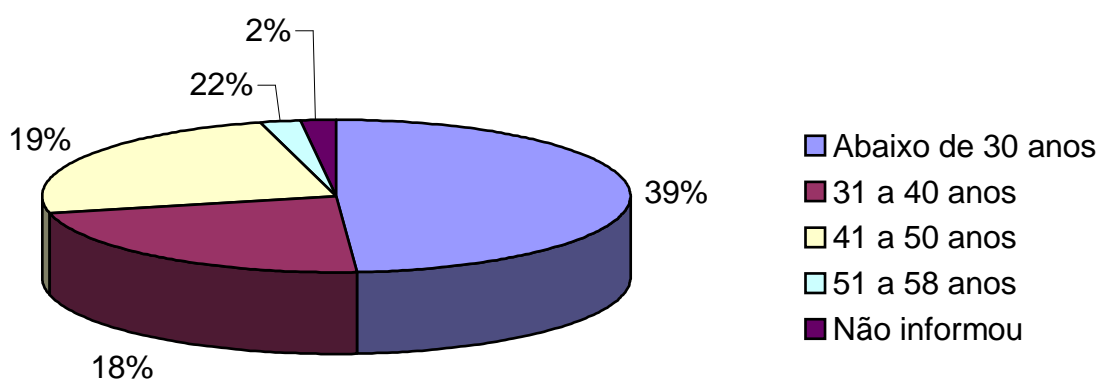


Figura 4

Distribuição amostral segundo o número de filhos das mulheres que responderam ao roteiro de entrevista

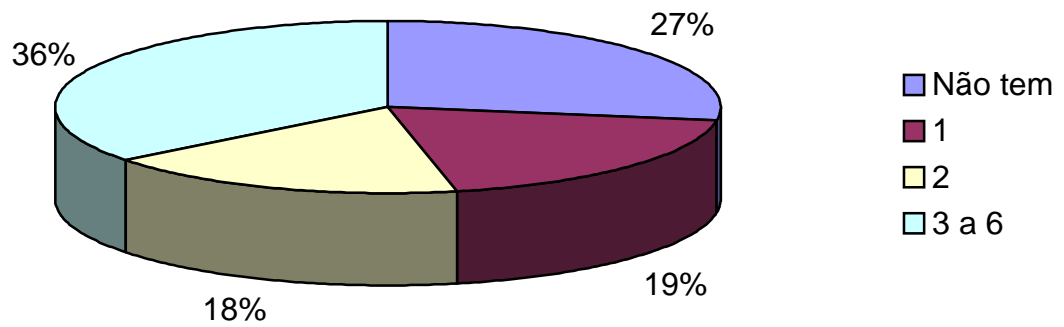
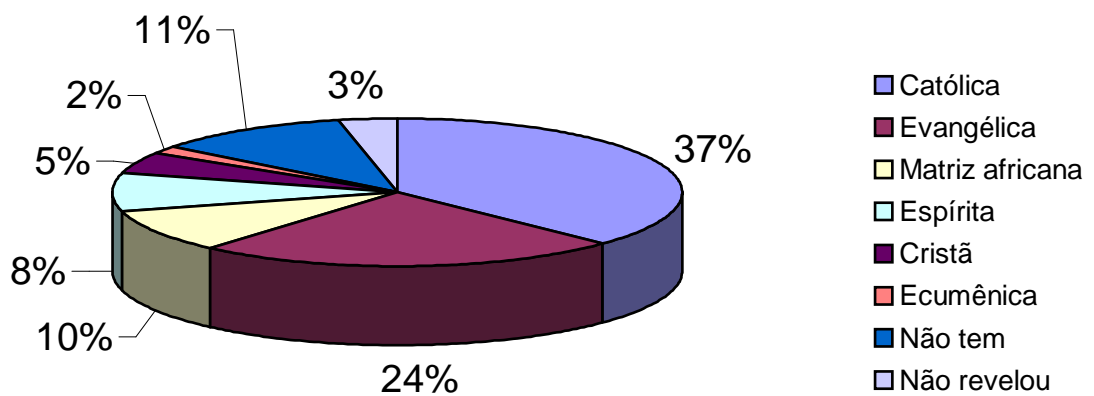


Figura 5

Distribuição amostral segundo a religião das mulheres que responderam ao roteiro de entrevistas



Organizei os dados em torno de eixos temáticos que abrangem as representações sobre: matrifocalidade, felicidade, solidão e o crivo da etnia na escolha do parceiro afetivo-sexual, tal como descrevo abaixo:

Tema 1: **Matrifocalidade**

Perguntas: Quem ganha mais na sua família?
Quem assume maior responsabilidade?

Tema 2: **Vida amorosa**

Perguntas: Como é sua vida amorosa?
O que deve melhorar ou mudar?

Tema 3: **Felicidade**

Perguntas: O que é felicidade?
Você é feliz?

Tema 4: **Solidão**

Perguntas: O que é solidão?
Você se sente solitária?

Tema 7: **Etnia e escolha do companheiro**

Perguntas: Você se considera negra?
O seu marido ou companheiro é negro?
Você tem preferência?
Os negros preferem as brancas? Por que?
As brancas preferem os negros? Por que?

Quanto à matrifocalidade, os dados colhidos mostraram que no geral, as mulheres da casa se configuraram como as principais mantenedoras, tanto por ganharem mais, quanto por assumirem mais responsabilidade. Dentre as entrevistadas 58% das responderam serem elas mesmas a pessoa da casa que assume a maior responsabilidade e na segunda posição ficaram a mãe e outro homem da casa - pai ou irmão (13%). Desta forma obtive o resultado expressivo de

71% de respostas mostrando que, na casa, a mulher é a principal mantenedora. Estes resultados estão coerentes com as novas configurações da vida familiar no Brasil, onde é crescente a proporção de lares mantidos pela mulher (IBGE – PNAD).

As tabelas 6 e 7 mostram os dados referentes ao tema da matrifocalidade.

Tabela 6

Freqüência e porcentagem dos indivíduos com o maior salário/renda na casa

Tema: Matrifocalidade

Pessoa na casa com maior renda/salário	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Sujeito	36	58%
Mãe	7	11%
Filha mais velha	1	2%
Pai/ irmão	8	13%
Marido/companheiro	7	11%
Marido e mulher têm a mesma renda	3	5%
Total	62	100%

Tabela 7

Freqüência e porcentagem dos indivíduos com a maior responsabilidade na casa

Tema: Matrifocalidade

Pessoa na casa com maior responsabilidade	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Eu mesma, a minha pessoa	36	58%
Outra mulher na casa	10	16%
Marido/Companheiro	9	15%
Outro homem na casa	4	6%
O casal	3	5%
Total	62	100%

Sobre a vida amorosa 73% das entrevistadas tinham vida amorosa e 57% delas consideraram-na como boa ou satisfatória; 16% estavam insatisfeitas e 27% não tinham vida amorosa.

Tabela 8
Freqüência e porcentagem das respostas sobre a vida amorosa

Tema: Vida amorosa		
Freqüência		
Como é a vida amorosa?	Número	Porcentagem
Boa, legal, muito boa, ótima, maravilhosa, excelente, não tenho do que reclamar	24	39%
Satisfatória, razoável, relativa, mais ou menos, meio desanimada	11	18%
Uma droga, vazia, muito mal, um desastre, um pingue-pongue, vazia, melhor ficar sozinha	10	16%
No momento estou mais preocupada com meus estudos, não tenho vida amorosa, estou sozinha, só fico.	17	27%
Total	62	100%

Quanto à pergunta, “você é feliz?”, 63% das mulheres responderam que sim; 18% declararam que não são felizes e outras 18% que são felizes às vezes. Uma das mulheres entrevistadas respondeu que não sabia.

Tabela 9
Freqüência e porcentagem de respostas à pergunta: Você é feliz?

Tema: Felicidade		
Freqüência		
Você é feliz?	Número	Porcentagem
Sim	39	63%
Não	11	18%
Às vezes	11	18%
Não sei	1	1,%
Total	62	100%

Quanto à solidão 53% das mulheres responderam que não se sentem solitárias; 34% sentiam - se solitárias e 13% responderam que às vezes se sentem solitárias.

Tabela 10
Freqüência e porcentagem de respostas à pergunta: Você se sente solitária?

Tema: Solidão		
Freqüência		
Você se sente solitária?	Número	Porcentagem
Sim	21	34%
Não	32	53%
Às vezes	8	13%
Não respondeu	1	--
Total de respostas válidas	61	100%

Quanto à etnia e escolha do companheiro: 97% das mulheres se consideravam negras; 1,5% se consideravam mulata e 1,5 %, "sará" Algumas participantes acrescentaram à resposta algum comentário como "sou cem por cento negra", "a coisa que mais gosto na minha vida é se negra".

Tabela 11

Frequência e porcentagem de respostas à pergunta: Você se considera negra?**Tema: Etnia e escolha do companheiro**

Você se considera negra?	Frequência	
	Número	Porcentagem
Sim	60	97%
Não	0	0%
Mulata	1	1,5%
Sarará	1	1,5%
Total de respostas	62	100%

Dentre as entrevistadas 82% das mulheres tiveram ou têm um companheiro negro; 18 % delas têm um companheiro atual branco e 18% responderam que não têm companheiros.

Tabela 12

Frequência e porcentagem de companheiros negros**Tema: Etnia e escolha do companheiro**

O seu companheiro é negro?	Frequência	
	Número	Porcentagem
Sim	42	82%
Não	9	18%
Total de respostas válidas	51	100%
Não tenho companheiro	11	-
Total de respostas		

A respeito da preferência por etnia na escolha do companheiro, 74% % das mulheres responderam que preferiam os homens negros; 24,5 % não tinham preferência pelo negro e 1,5% tinham mais ou menos preferência.

Tabela 13

Frequência e porcentagem de resposta sobre preferência por companheiros negros

Tema: Etnia e escolha do companheiro		
Você tem preferência?	Frequência	
	Número	Porcentagem
Sim, prefere o negro	45	74%
Não	15	24,5%
Mais ou menos	1	1,5%
Não respondeu	1	-
Total de respostas válidas	61	100%

Sobre a preferência dos homens negros pelas mulheres brancas, 78% das mulheres entrevistadas perceberam que existe a preferência; 12% consideraram que homem negro não prefere as mulheres brancas, 7% consideraram que não existe a preferência por cor e 3% não sabiam se existe a preferência. Entre as mulheres que se relacionavam amorosamente com homens brancos duas interpretaram que a preferência é relativa, uma considerou que os homens negros não preferem as brancas e uma acreditava que os homens negros preferem as brancas.

Tabela 14

Frequência e porcentagem de resposta sobre preferência por companheiros negros

Tema: Etnia e escolha do companheiro		
Os homens negros preferem as brancas?	Frequência	
	Número	Porcentagem
Sim	47	77%
Não	7	11,5%
Não há preferência	4	6,5%
Não sei	3	5%
Não respondeu	1	-
Total de respostas válidas	61	100%

Acerca da preferência das mulheres brancas pelos homens negros, 63% interpretaram que as mulheres brancas preferem os homens negros; 21% acreditaram que as mulheres brancas não preferem os negros; 5% entenderam que esta preferência depende dos homens negros possuírem algum atributo desejável como dinheiro, boa aparência ou *status* e 3% consideraram que não é a cor que influencia a escolha de parceiro.

Tabela 15

Freqüência e porcentagem de resposta sobre preferência das mulheres brancas por companheiros negros, na percepção das mulheres entrevistadas.

Tema: Etnia e escolha do companheiro		
As mulheres brancas preferem os homens negros?	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Sim	39	63%
Não	13	21%
Não sei	5	8%
Relativo/depende de outros fatores/ Não é a cor que influi	5	8%
Total de respostas válidas	62	100%

Descrevo a seguir as representações, obtidas das indagações que exploraram os significados das experiências.

Tema: Vida amorosa

Dentre as entrevistadas 73% das mulheres consideraram necessário mudar algo em sua vida amorosa. Deste conjunto, 23% localizaram as mudanças necessárias em outras pessoas significativas ou circunstâncias de seu mundo afetivo e social. Isto denota uma atribuição de causalidade externa que pode expressar tanto a dificuldade do sujeito em perceber em si a capacidade de mudança, quanto significar o reconhecimento de sua fragilidade real e concreta de modificar uma situação adversa. Doze mulheres (20%) focalizaram em si mesmas as

mudanças necessárias no seu processo de escolha de parceiros. Uma das entrevistadas apontou uma condição sócio-política mais ampla, porém sem estabelecer uma conexão clara entre esta (a honestidade dos políticos) e a vida amorosa.

Tabela 16

Freqüência e porcentagem de respostas à pergunta O que deve melhorar ou mudar?

Tema: Vida amorosa		
O que deve melhorar ou mudar?	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Não precisa mudar	16	27%
Preciso encontrar alguém, minha cara metade, escolher melhor	12	20%
Companheirismo e atenção afetivo-sexual/ tempo para desfrutar da companhia.	18	30%
Condições materiais	4	6,7%
Nada vai mudar, só um milagre	2	3%
O companheiro mudar hábitos	4	6,7%
Os políticos serem mais honestos	1	1,6%
Não respondeu	2	-
Total de respostas válidas	60	100%

Tema: Felicidade

Os sentidos de felicidade estavam relacionados ao eu (43%): estar de bem com a vida e consigo mesmo, um sentimento, ter paz, realizar coisas, amar; e sentidos relacionados aos vínculos sociais: ter família, ser cuidada, ser paparicada. Aparecem também representações ligadas às situações materiais especialmente à sobrevivência, como ter bom emprego, salário, ter perspectiva. Estas representações são muito significativas do contexto de luta diária e constante neste grupo para vencer as barreiras e alcançar a satisfação das necessidades fundamentais e básicas de sobrevivência. Vale destacar que o sentido de felicidade foi relacionado diretamente às questões de gênero e etnia: felicidade é coisa de branco e a necessidade de ser tratada como uma flor, paparicada, cuidada.

Tabela 17

Freqüência e porcentagem de respostas à pergunta: O que é a felicidade?

Tema: Felicidade		
O que é a felicidade ?	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Estar bem consigo mesmo, com a vida, sentir-se realizada, curtir a vida, gostar de si mesma.	12	19%
Amar/ ser amada.	11	18%
É ver as pessoas que nos fazem felizes, ter amigos verdadeiros, ter a família ao redor, ter amigos, ser amada	9	15%
Ser cuidada por alguém, protegida, paparicada, tratada como uma flor.	7	11%
Ter perspectiva, ter um bom emprego, salário, casa.	5	8%
Realizar sonhos, vencer cada etapa.	5	8%
Não sei explicar, um sentimento gostoso, um sentimento transparente.	3	5%
Ter saúde.	2	3%
Ser respeitada, como alguém que venceu.	2	3%
Minha vida.	1	1,60%
Por os pés no chão e conseguir levar a vida	1	1,60%
Ter paz	1	1,60%
Um momento gostoso	1	1,60%
Coisa de branca e rica	1	1,60%
Não ser tratada como objeto sexual	1	1,60%
Total de respostas	62	100%

Tema: Solidão

As representações sobre solidão, das mulheres estudadas, estão coerentes com a literatura a qual referi. Perceber-se solitária não depende necessariamente de estar sem um parceiro sexual, mas está muito fortemente relacionada aos vínculos de amizade e de família. Destacamos a percepção da solidão com significado de dificuldade pessoal de comunicar-se, que apareceu no discurso das mulheres. A literatura mostra a importância de suporte social e afetivo em situações de crise, e a importância do diálogo para restabelecimento emocional dos sujeitos em situação de sofrimento. O sentimento de solidão também foi relacionado com o abandono.

Tabela 18

Freqüência e porcentagem de respostas à pergunta: O que é a solidão ?

Tema: Solidão		
O que é a solidão ?	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Não ter ninguém, para compartilhar, desabafar, dividir, ficar sem ninguém, estar só, não ter amigos, morar só, ser largada	26	45%
Não ter amor, não ser amada, não ser servida, não receber flores	10	17%
Não sei, nunca tive tempo de sentir solidão, para mim não existe	2	3%
Não ter saúde	1	1,75%
Várias coisas	1	1,75%
Respostas válidas	58	100%
Não respondeu	4	-
Total	62	100%

Tema: Etnia e escolha do companheiro

As representações das mulheres sobre a escolha de parceiros, permeada pela etnia, mostram que a aparência e a capacidade física são fatores essenciais na

escolha e mostram também a relação entre os traços raciais e a vigência de um padrão estético. “Os brancos não têm sal, nem açúcar”. “Os negros acham as mulheres brancas mais bonitas”. A mulher negra parece sentir que os homens negros que lhes restam são aqueles que ficaram de fora no crivo de escolha da mulher branca, para as mulheres que consideraram que os negros preferem as brancas.

Tabela 19

Freqüência e porcentagem de respostas à pergunta: Por que os homens negros preferem as mulheres brancas?

Tema: Etnia e escolha do parceiro		
Por que os homens negros preferem as mulheres brancas?	Freqüência	
	Número	Porcentagem
Afirmação social, auto-afirmação	14	30%
Clarear a raça, vergonha da cor	10	21%
Fatores pessoais dos homens: são burros, têm o miolo mole, acham as brancas mais bonitas	8	17%
Não sei, não entendo	7	15%
Não olham para a negra	4	9%
Tem mais casais assim	2	4%
Resquício do processo de escravidão	1	2%
Por causa do Pelé	1	2%
Total de respostas*	47	100%

***Observação: O total de respostas corresponde ao número de mulheres que consideraram que os homens negros preferem as mulheres brancas.**

Acerca dos motivos pelos quais as mulheres brancas preferem os homens negros, as mulheres negras consideraram com maior freqüência o interesse em função de *status*, seja pela situação econômica, seja pela aparência e fetiche sexual. Dentre as respostas, 18% mencionam a submissão do negro no relacionamento com a mulher branca.

Tabela 20

Frequência e porcentagem de respostas à pergunta: Por que as mulheres brancas preferem os homens negros?

Tema: Etnia e escolha do parceiro		
Por que os mulheres brancas preferem os homens negros?	Frequência	
	Número	Porcentagem
Por interesse: dinheiro e <i>status</i>	16	42%
Expectativas de que eles sejam submissos a elas	7	18%
Atributos físicos e sexuais	6	16%
Porque são espertas e sabem o que querem	5	13%
Os negros são educados	1	3%
Simpatia	1	2,63%
Falta de opção	1	2,63%
Vários motivos	1	2,63%
Respostas válidas	38	100%
Não respondeu	1	
Total*	39	

*Observação: O total de respostas corresponde ao número de mulheres que consideraram que as mulheres brancas preferem os homens negros.

A partir das respostas deste grupo delimito o tema do grupo focal: a vida amorosa da mulher negra. A técnica do grupo focal tem sido um dos recursos mais utilizados e desenvolvidos na investigação das representações sociais (Oliveira e Werba, 2000).

Os grupos focais consistem de entrevistas que estabelecem uma forma de interação que propicia informações e *insights* acerca do tema a ser investigado, os quais seriam difíceis de obter de uma outra forma. A riqueza das informações que a interação nestes grupos proporciona pode oferecer dados de qualidade superior ao que se obteria em situações de entrevista individual.

GRUPO FOCAL

Convidei 11 mulheres a participar de um encontro, de uma hora e meia de duração, em local neutro. A discussão do tema proposto foi conduzida por uma moderadora, acompanhada de uma auxiliar que ficou encarregada de acompanhar a

gravação e realizar anotações. A moderadora é pessoa com larga experiência em facilitação de atividades de grupos, assistente social com mestrado em administração na área de gestão de recursos humanos e professora universitária. Todas as mulheres convidadas aceitaram o convite. A reunião ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2008. Na sua totalidade residem na cidade de São Paulo. Foram utilizados nomes fictícios, de origem africana para preservar a identidade dos sujeitos.

Quanto às características sócio-demográficas, neste grupo a média de idade das participantes foi de 50 anos. A maioria delas tem ensino superior (45%). 73% estão ou já estiveram casadas. Dentre as ocupações atualmente exercidas predominou a de professora de educação infantil. Todas as integrantes do grupo participam de movimento social. O quadro 2 descreve as características sócio-demográficas do grupo.

QUADRO 2

Características sócio-demográficas das participantes do grupo focal

Sujeito	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Ocupação atual
Ashanti	50	Casada	Ensino Médio	Assistente Sindical
Chinyere	42	Solteira	Superior	Professora de Educação Infantil
Hembadoon	41	separada	Ensino Médio	Jornalista
Ima	61	divorciada	Superior	Aposentada
Haben	Não declarou	Casada	Superior	Professora de Educação Infantil
Karimu	42	Solteira	Ensino Médio	Auxiliar Administrativo
Leiato	48	Viúva	Ensino Fundamental	Artesã e Artista Plástica
Selam	52	casada	Ensino Fundamental	Auxiliar de Serviços Gerais
Nehanda	53	casada	Superior	Professora de Educação Infantil
Mali	51	casada	Superior	Professora de Educação Infantil
Phenyo	52	solteira	Ensino Fundamental	Empregada Doméstica

²Significados dos nomes africanos escolhidos para preservar a identidade das participantes do grupo focal: **Ashanti**: mulher africana forte; **Chinyere**: presente de Deus; **Hembadoon**: vencedora; **Haben**:

Apresentamos a seguir uma tabela contendo um resumo das características sócio-demográficas das participantes do grupo focal:

Tabela 21

Freqüência e porcentagem das características sócio-demográficas das participantes do grupo focal

Características		Freqüência	Porcentagem
Estado Civil	Casada	5	45,5%
	Solteira	3	27,3%
	Divorciada/separada	2	18,2%
	Viúva	1	9%
Escolaridade	Ensino Superior	5	45%
	Ensino Médio	3	27%
	Ensino Fundamental	3	27%
Ocupação atual	Aposentada	1	9%
	Artista Plástica	1	9%
	Jornalista	1	9%
	Assistente Sindical	1	9%
	Auxiliar Administrativa	1	9%
	Auxiliar de Serviços Gerais	1	9%
	Empregada Doméstica	1	9%
	Professora de Educação Infantil	4	37%

Cont. coragem; **Ima**: amor, caridade; **Karimu**: carinhosa; **Leiato**: amor. **Mali**: riqueza; **Selam**: paz; **Nehanda**: firmeza, solidez; **Phenyio**: vitória (Casa da Cultura da Mulher Africana. www.casadaculturadamulherafricana.com.br. Acesso em 23 de março de 2008).

As figuras abaixo ilustram a distribuição amostral segundo as características sócio-demográficas.

FIGURA 6

DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL SEGUNDO A OCUPAÇÃO ATUAL DAS PARTICIPANTES

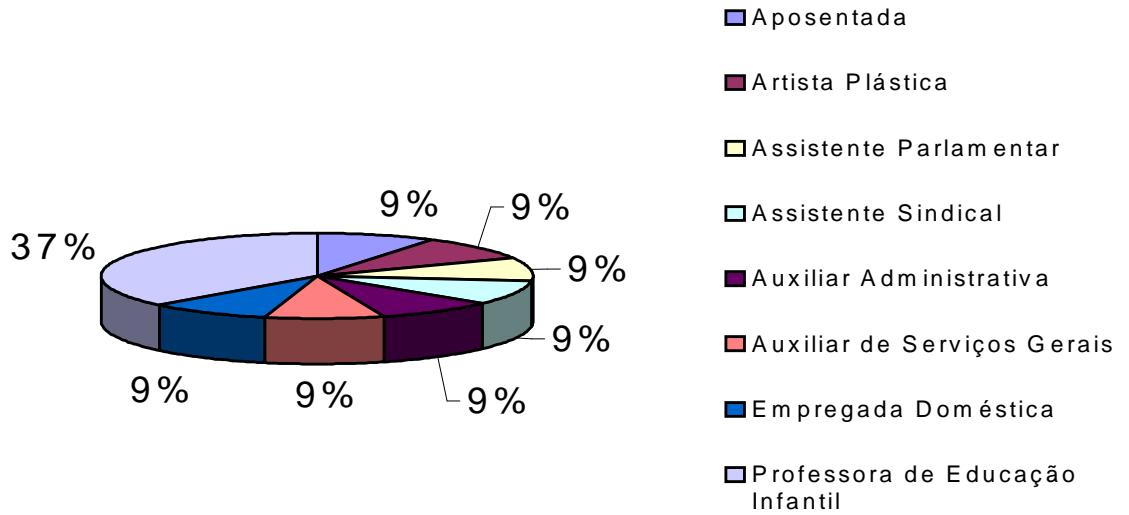


Figura7

Distribuição Amostral segundo o estado civil das participantes

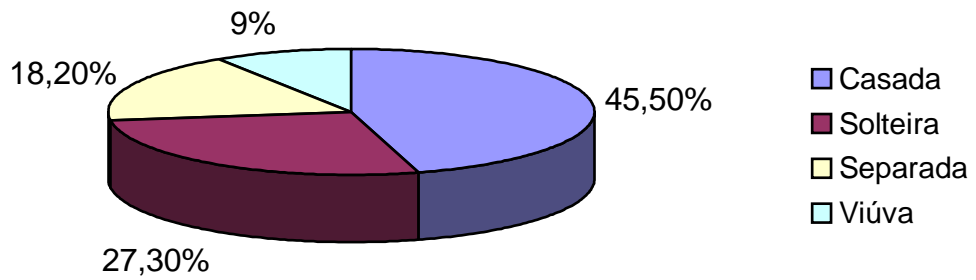
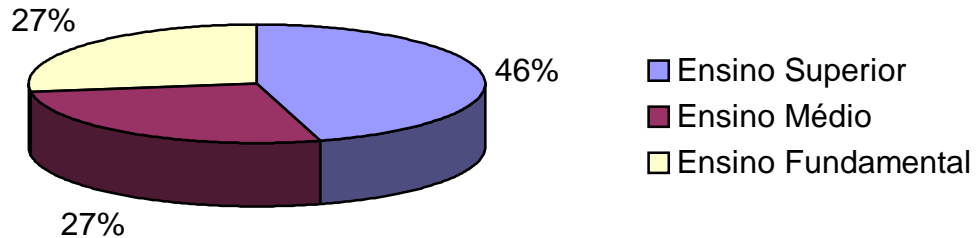


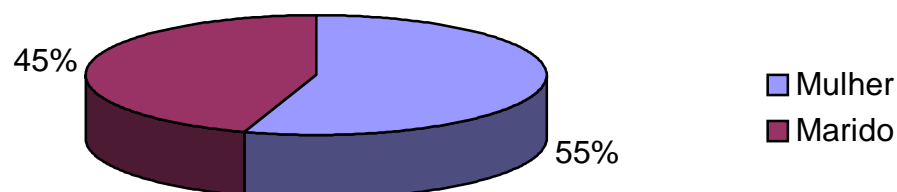
Figura 8
Distribuição amostral segundo grau de escolaridade das participantes



Procurei identificar neste grupo ainda, com respeito à matrifocalidade, quem na residência tinha maior salário ou renda e quem assumia maior responsabilidade financeira. Verifiquei que seis mulheres tinham o maior salário ou renda. Destas seis, duas identificaram o esposo como a pessoa que assumia a maior responsabilidade financeira na casa. No caso das outras cinco mulheres do grupo de participantes, o esposo tinha maior salário ou renda e assumia a maior parte das responsabilidades financeiras.

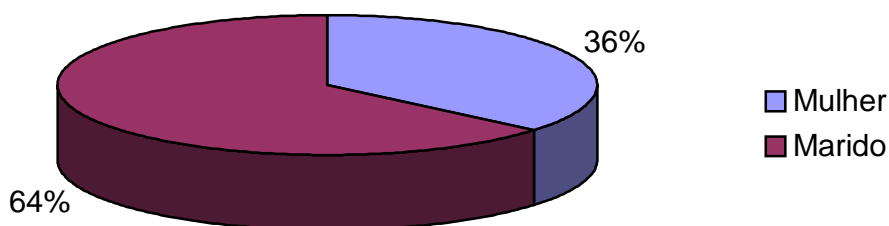
A figura 9 ilustra a proporção de mulheres do grupo que têm o maior salário/renda na casa.

Figura 9
Respostas das participantes à pergunta: Quem tem o maior salário ou renda na casa?



A figura 10 ilustra a proporção de mulheres que assume a maior responsabilidade financeira na casa.

Figura 10
Respostas das participantes à pergunta: Quem assume a maior responsabilidade financeira na casa.?



As participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido que garante o anonimato na divulgação das informações.

As mulheres foram convidadas a falar sobre as suas percepções e sentimentos acerca de sua vida amorosa atual e sobre como elas vêem o homem negro no papel de companheiro e também protagonista da vida a dois.

A análise de suas falas, de sua conversa, que transcorreu num clima de cooperação e mesmo entusiasmo, algumas vezes, permitiu a apreensão dos conteúdos que elas foram construindo ao longo da conversa.

Vida Amorosa – Muito ruim

Logo de início a vida amorosa foi adjetivada como “muito ruim”. A “ruindade” reconhecida como adjetivo da vida amorosa tem, como fator desencadeante ou causa, o fato do homem negro escolher as mulheres brancas como parceiras preferenciais, isto é, preferir a mulher branca, relegando à mulher negra um papel “secundário”. É como se as mulheres negras vislumbrassem duas possibilidades de atuar em um relacionamento afetivo-sexual: como protagonista ou em um papel secundário. O papel principal ou protagônico corresponde ao de

esposa, mãe, companheira nos negócios. O papel secundário é o de alvo de desejo sexual apenas.

Conforme a teoria psicodramática de Moreno (1978), o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume diante de uma variedade de situações estimuladoras individuais e sociais. O papel é, então, uma forma observável de comportamento, na qual estão envolvidos elementos individuais e sociais. Os papéis que o ser humano desempenha são classificados em: psicossomáticos – aqueles desempenhados desde o início da vida, por ex. papel de ingeridor, defecador, dormidor; psicodramáticos – os que surgem posteriormente na vida da criança e são correspondentes à dimensão individual da vida psíquica – (papéis fantasiados) e papéis sociais - os que surgem concomitante aos papéis psicodramáticos e correspondem à dimensão da interação social - papel de filha, de mãe, de profissional.

Soares e Carvalho (2003) reconhecem que os papéis sociais desempenhados pela mulher resultam de construções que foram sendo consolidadas ao longo da história, conformando padrões de comportamento que se modificam de tempos em tempos, em maior ou menor dimensão.

Citam os autores a clássica frase de Simone de Beauvoir: "Não se nasce mulher, torna-se mulher" como argumento a favor da idéia de uma construção social da identidade feminina.

Embora algumas características femininas como passividade, emocionalidade, dependência, domesticidade e opressão estejam presentes de forma universal nas sociedades humanas, a "naturalidade" destas é contestada por Franchetto e cols (1981)

“A mulher é assim uma construção social. A realização plena de todas as conseqüências dessa afirmação, que entretanto não é alcançada, implica a nosso ver não só o reconhecimento da possibilidade de transformação, como a percepção de que não existe Mulher, e sim mulheres” (Franchetto e cols ,1981: 33 apud Soares e Carvalho, id).

O modelo de família tradicional vem sendo confrontado com outras possibilidades de estruturação de vínculos que os indivíduos adotam para enfrentar os desafios cotidianos como casais de idosos cujos filhos já se casaram e que vivem sós ou agregam-se a outras famílias, repúblicas estudantis formadas por jovens

migrantes, famílias matrifocais compostas pela mãe e seus filhos como chefe de família, divórcios e a maternidade antes do casamento.

“Com essas transformações sociais e o advento do feminismo as mulheres têm desempenhado papéis diferentes, saindo mais do ambiente doméstico (privado) para o social (público) e assumindo a chefia do lar, muitas vezes tanto afetiva quanto economicamente.. Entretanto, o desempenho desses papéis não se dá de forma tranqüila e sem conflitos, pelo fato de ser, ainda, uma "transgressão" ao antigo modelo de comportamento individual e familiar. Dessa forma, encontra-se muito sujeito aos mecanismos de controle social, como o ridículo, a difamação e o isolamento. Não existem novos modelos a serem seguidos” (ibid.:2).

O reconhecimento público do papel que lhe cabe no relacionamento afetivo-sexual tem uma importância fundamental. Para a mulher é necessário que, no espaço público, aquele afeto vivenciado no âmbito da vida íntima e privada, seja expresso em formas claras e definidas no compromisso com a conjugalidade, de maneira que este possa ser legitimado e aprovado pelo grupo, isto é, reconhecido. O sair às ruas de mãos dadas, freqüentarem juntos as reuniões familiares, passear nos *shoppings centers* carregando a sacola da mulher, apresentar à família, são quase rituais simbólicos do papel que homens e mulheres se atribuem neste contexto afetivo-sexual.

Sob essa ótica o compromisso afetivo-sexual do casal precisa ser claramente reconhecido pelos outros ou a mulher negra corre o risco de ficar invisível e relegada a um papel considerado desvantajoso.

Ashanti diz que a vida amorosa da mulher negra está ruim porque *...eu acho que o homem negro não olha pra mulher negra...Isto é, o homem negro não vê a mulher negra como uma escolha vantajosa.*

No mercado matrimonial a mulher negra está em baixa na preferência do homem negro porque, por mais que se esforce para competir neste mercado, o seu valor está sendo considerado pelo homem negro como inferior ao da mulher branca.

Vejamos como este raciocínio apareceu nas falas das participantes do grupo:

Continua **Ashanti**:

- Eu tenho duas filhas de 20 e 24 anos que não conseguem arrumar namorado negro. Sei lá, não conseguem... É muito difícil, elas reclamam. Estão tentando...Eu tenho vários sobrinhos e todos namoram com brancas.

Moderadora:-

- E por que você acha que elas não conseguem arranjar namorado?

Ashanti:

- *Eu não sei...Elas falam, elas dizem, que os meninos negros não olham para elas. Sabe? E isto é muito triste, não olham, sabe? Elas saem nas baladas, pros bailinhos, barzinhos. E é difícil. Agora, uma das minhas filhas está namorando com um negro. Mas tem a outra que não consegue.*

Hembadoon explica o que acontece com as mulheres quando percebem que são preteridas pelo homem negro:

Elas se sentem impotentes. Elas gastam com cremes, pra se arrumar, ficar bonitona, e tem a roupa. E falam é hoje que vou pegar o negão. Mas ele pega outra. Ah, eu acho que ela deve se sentir também muito mal., que quando você quer uma coisa e... o relacionamento neste caso o homem negro e esse homem negro não te quer. Você se sente mal, se sente triste, se sente menos que a outra pessoa. É aonde tem que ter esse jogo de falar, eu não vou me sentir menos, vou me sentir igual à outra. Eu tenho uma cunhada que tem 21 anos que o marido dela foi embora com uma branca e ela não aceita até hoje. Ela sofre muito. Ela tem esperança que esse homem volte pra ela ainda 21 anos, mas ela tem.

Continua Ashanti:

- *Eu acho assim: eu acho que o homem negro, ele pega mais a mulher negra pra bagunçar, pra balada, pra levar pra cama. Pra ser a mãe dos filhos dele ele vai querer uma branca.*

Hembadoon diz que:

- *Nenhum homem preto olha pra mim e quando eu passo muito homem branco olha pra mim. Eu tenho um filho, jogador de futebol. A maioria deles, negros jogadores de futebol, são casados com brancas, com loiras.*

De acordo com Costa (2004) a *invisibilidade pública*, ou seja, o desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens é a expressão contundente de dois fenômenos psicossociais próprios das sociedades capitalistas: a humilhação social e a reificação.

A humilhação social, enquanto fenômeno psicológico, para ser claramente compreendida exige uma abordagem política e uma abordagem psicológica. Do ponto de vista político,

“(...) apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma

*classe inteira de homens do âmbito público da **iniciativa** e da **palavra**, do âmbito da **ação fundadora** e do **diálogo**, do **governo da cidade** e do **governo do trabalho**. Constitui-se assim um problema político” (Costa, 2004:63).⁴*

Em continuidade ao seu pensamento sobre a humilhação social, Costa nos esclarece que a exclusão política gera sintomas, contaminando o afeto, o raciocínio, a ação e o corpo da pessoa humilhada. *Assume (a exclusão política) o poder nefasto: ao mesmo tempo em que molda a subjetividade do indivíduo pobre, caracterizando-o muitas vezes como um ser que não pode **criar**_mas que deve **repetir**, esvazia-o das condições que lhe possibilitariam transcender uma compreensão imediata e estática da realidade (id.:63).*

Reificação é o processo pelo qual, nas sociedades industriais, o valor do que quer que seja considerado - as pessoas, as relações interpessoais, os objetos, ou as instituições - apresentam-se à consciência das pessoas como valor sobretudo econômico, valor de troca. Assim tudo passa a contar como mercadoria. Costa ainda nos informa que a sociedade capitalista produz, reproduz e, portanto, *perpetua e apresenta relações como relações entre **coisas**. “O homem fica apagado, é mantido à sombra” (ibid.:64).*

As situações da mulher negra e do pobre são comparáveis no recorte da discriminação e exclusão social devido ao processo histórico da população negra do Brasil, conforme discutimos anteriormente.

Na percepção das mulheres negras, considerando o mercado matrimonial, o valor de troca é a cor e a cor branca está em alta. Sendo *mercadoria de menor valor*, as mulheres negras sentem-se preteridas pelo homem negro. Sentindo-se preteridas sentem-se humilhadas. Sentindo-se humilhadas sofrem, ressentem-se e sentem-se impotentes.

Nehanda:

- Acho que o negro só está usando mais a mulher negra como objeto, um objeto dele. Ele namora quando é novinho, mas não é no sentido do negro namorando com a negra, aquela coisa bonita. Mas, sim, como objeto.

Moderadora:

- O que você quer dizer com objeto?

Nehanda:

⁴ Grifos do autor citado

- Ah, ele usa de toda forma, sei lá o que... E, pronto, acabou, sai falando.

Nesta fala fica clara a sensação do desrespeito, de não merecer do homem a consideração devida. Ser objeto para alguém é justamente ser utilizada, no relacionamento com um propósito de atender às necessidades do outro, sem uma reciprocidade.

Chinyere fala que

-... Isto é muito triste, não olham, sabe? Aí ele o homem negro viu a gente como o quê? Como escrava, como feia....é a sociedade que deixa a gente de lado. Só nós, como negros, não somos capazes de ter uma boa profissão, de ter um bom cargo, de ter uma boa, formação.

A mulher enunciou um conceito que poderia ser denominado estereótipo, a idéia da incapacidade de todo um grupo, generalizada e naturalizada. A condição atual do negro, resultante de um conjunto de fatores histórico-culturais que limitaram e limitam ainda a sua ascensão social é percebida como uma capacidade pessoal generalizada para todo o grupo. Como se fosse natural nos homens negros não ascenderem a cargos melhores ou à boa educação.

Ainda sobre a questão do homem negro não assumir a mulher negra como esposa, mas utilizar-se dela..**Karimu** explica bem como sente a posição da mulher negra no relacionamento afetivo-sexual com o homem negro:

- Ele (o menino negro que vai iniciar o auto-conhecimento sexual) vai com a idéia de que é mais fácil pra ele iniciar o aprendizado com uma menina negra, que está mais acessível a ele, no momento, e quando ele tem aquela explosão com a garota, aí ela se sente valorizada, ela vai abraçar a proposta, vai querer realmente ficar com ele, e tal... Depois que ele teve essa fase (do aprendizado sexual) ele vai pegar aquela menina mais clarinha... pra desenvolver uma história... aquela menina primeira, ele passa uma borracha nela, ela foi apenas um objeto, pra que ele chegasse a isso (auto-conhecimento).

As participantes do grupo identificaram esta situação da mulher e da menina negra servirem como objetos sexuais dos homens negros e também como objetos de trabalho. Isto é, o homem negro que ascendeu economicamente, tendo a mulher negra como parceira e colaboradora nesta fase de alicerce do patrimônio pode vir a desfrutar dos recursos acumulados em companhia da mulher branca. Isto é sentido como injustiça.

Haben conta fragmentos da história da sua família, permeados pela questão da etnia e do gênero e revela os sentimentos que afloraram diante das escolhas que envolvem a lealdade familiar e a justiça dentro dos grupos:

- Os meus pais são casados há 26 anos. São negros, meus irmãos todos negros. Mistura de raça não tem na minha família. A minha avozinha foi escrava, em Caçapava. E então ela morreu com 102 anos e ela passava muito bem pra todos nós o que era. Mas hoje o meu pai se decepcionou com meu irmão mais velho, ele estava casado há 10 anos com a minha cunhada negra e separou, e está com uma branca hoje. Então é uma tristeza porque na hora da situação difícil ele estava com a negra e hoje ele tem uma vida tranqüila e bacana e quem está levando a vida bacana é a branca. E quem construiu foi a negra. Então eu não sei, não consigo descobrir o que leva uma família que é bem consciente a fazer com que um vai pra este lado, eu não consigo, não entendo.

Segundo Cardia (1994) os indivíduos adotam modelos referenciais de justiça e os aplicam como pauta de conduta nas relações inter e intra-grupos. De acordo com Araújo (1997)

(...) “leis e direitos são concebidos pelas pessoas de maneiras peculiares. Os indivíduos têm senso de justiça social e justiça nas relações interpessoais. A justiça social ou distributiva diz respeito à distribuição dos recursos disponíveis na sociedade; ela se refere, portanto à justiça entre grupos. A justiça nas relações interpessoais é a aplicação dos conceitos de justiça às relações face a face” (Araújo, 1997:23).

Segundo Tyler e cols (1997) citados por Rodrigues (2002) os julgamentos de justiça são fundamentais para a interação dentro dos grupos.

“A justiça é fundamental para as pessoas dentro dos grupos sociais, não só porque seus pensamentos, sentimentos e atos são bastante afetados pelos julgamentos que fazem acerca da justiça ou injustiça de suas próprias experiências, como também porque constituem uma fonte importante de suas reações aos outros. (...) as respostas emocionais à injustiça, indicadas pelos participantes das pesquisas (...) raiva, ódio e indignação constituíram de fato, as emoções mais freqüentemente mencionadas pelas vítimas, ainda que muitas outras emoções, fenomenologicamente diferentes, tenham sido reportadas, como, por exemplo, surpresa, desamparo, tristeza” (Rodrigues, 2002:292).

O indivíduo é afetado quando o indivíduo percebe um desequilíbrio entre seus investimentos nas relações interpessoais e o retorno deste investimento.

Os homens negros são comparados aos homens brancos em seu comportamento social e amoroso. Tanto para as mulheres que responderam ao roteiro de perguntas quanto as que participaram do grupo focal os homens negros são melhores que os brancos nos atributos físicos e sexuais. Porém são grosseiros, autoritários, pouco inteligentes, alienados, fracos e irresponsáveis.

Bernardo (1989) formula a hipótese que existe entre as mulheres negras um forte preconceito em relação ao homem negro, *fazendo com que a sua própria parceira o percebesse como intruso, incapaz e autoritário (ibid.:63)*

Fala Karimu:

-Não confio nos homens negros. Pra mim, eles não têm uma identidade própria, eles já deturparam o ambiente deles. Eles são escravos natos, eles não vão se libertar jamais, porque o mundo deles é este. A visão deles é esta.

Leiato diz:

- Eu queria falar uma coisa. Eu não me casei com um negro, não foi por preconceito. A minha família é de pretos. Meus avós foram escravos, mas eu não me casei com um preto porque eu não me sentia segura com nenhum deles. Eu tive vários namorados negros, mas com o pé atrás, que seu casasse com um deles um dia eu seria trocada por uma loira, então antes de eu ser trocada por uma loira preferi casar com um homem branco. Casei com ele, fui feliz.

Chinyere:

- Os meninos começaram a vida sexual deles, as meninas negras participaram das comunidades daquela região, namoram com aquelas meninas, ficam um tempinho, se a moça fica grávida, tem o nenê ele não...porque a moça negra assume a criança, ela deixa o cidadão livre. Se ele fizer isso com uma branquinha, automaticamente, ele já vai casar e pagar pensão. É o próprio negro que não se valoriza. Ele tem formação, mas não se valoriza, então o menino negro abusa muito das meninas negras.

Karimu resume os sentimentos que afloraram, no desenrolar da conversa no grupo:

- O sentimento de todas é que o homem negro é um tipinho desclassificado (risos) A maioria é, a maioria é. Eu diria que 90% dos homens negros têm problema de identidade, eles têm vergonha deles mesmos. Mas é questão de cultura. Mas é, infelizmente. Se eles têm vergonha deles mesmos como vão olhar para uma mulher negra? Eles não se olham nem no espelho.

Nehanda diz assim:

- A maioria dos homens negros não permite que as mulheres brancas trabalhem fora.

As mulheres consideram que os homens negros escolhem as brancas para ascender socialmente, para garantir aos seus filhos relacionamentos sociais mais igualitários e que, para conseguir isto, lançam mão de artifícios de sedução e também são subservientes a estas.

A percepção de que os homens negros tratam-nas diferentemente gera sentimentos dolorosos de culpa, ressentimento e raiva dirigidos à mulher branca e ao homem negro e gera também uma sensação aguda da solidão.

Karimu procura explicar porque o homem negro se sente impelido a buscar a mulher branca para construir vínculos conjugais;

- Acho que o homem negro, os homens de hoje, se sentem à mercê, se sentem escravos. O exemplo tá lá, no passado. Aí, ele vai, ele viveu, ele soube da situação do passado que acabou com a imagem do negro. Aí, ele viu a gente como o que? Como escravas, como feio. Que ele foi... o preconceito que ele sofreu no passado, a escola, na casa, entre os amigos. Porque os amigos, infelizmente, eles têm aquele estigma: quem é branquinho é bom. E puxar o tapete vermelho pra que ele se sinta à vontade, e tem aquela consideração toda. Aí o homem negro, ele já tem uma história e acho que a idéia dele não é perpetuar a raça. A idéia dele vai ser clarear. Uma vez que ele se sinta mais claro, o filho dele vai clarear cada dia mais. Aí ele talvez se sinta mais aceito na sociedade entre os brancos, do que entre parte (do grupo) dos negros.

Hembadoon sintetiza a situação:

- Eu acho assim, o negro, a maioria dos homens negros, eles fazem questão de desfilarem com uma branca.

Ima explica o que está acontecendo com as mulheres brancas em relação ao homem negro:

- (...)sabe as brancas estão assim, caindo matando, não querem saber. Elas estão vendo o homem negro assim como uma coisa mais maravilhosa do mundo, com elas elas são. Eles carregam as sacolinhas delas no mercado. Faz uma pesquisa na galeria à noite pra você ver o número de negrinhos com as brancas. É um negócio sério. Aqui na galeria "X", sexta feira, nós estávamos fazendo uma

pesquisa. O que você vê de negrinhos com brancas não está escrito e todos carregando as bolsinhas delas. Eles carregam as bolsinhas delas. Elas, horrorosas, gordas, enormes, não têm corpo bonito.

Ashanti fala da dor e da solidão das mulheres que se separaram de seus companheiros e vivem na expectativa que eles voltem. Mulheres que sem os companheiros não conseguiram formular projetos pessoais:

- Muitas dessas mulheres ficam até esperando esse homem negro. Elas não partem pra outra, elas não tentam mudar este... essa... passagem. Mudar essa vida dela. Então, ela fica ali esperando sozinha. Os filhos crescem, vão viver a vida deles e ela vai ficar até, esperando. Então assim, no momento em que ela fica à mercê dessa situação, desse homem negro, não parte pra outra, ela vai ter solidão.

A mulher negra tem estes sentimentos de apatia e profunda dor.

Teixeira (2008) considera que na modernidade tardia a mais importante dimensão seria a penetração da *reflexividade* na vida pessoal e institucional, aliada ao distanciamento espaço-temporal, que acarreta consigo os fenômenos da *descontextualização/deslocalização*.

A autora reconhece no fenômeno da modernidade duas faces: a diurna, a das oportunidades, e a face das sombras. Cita como exemplo a solidão a qual pode ser entendida como a conquista de um espaço pessoal livre do forte controle dos vizinhos e da parentela. Só, indivíduo *encontra-se livre daqueles constrangimentos, com possibilidade de contactos a qualquer hora e para virtualmente qualquer lugar à face do globo e, todavia, continuam a existir solidão e isolamento* (Teixeira, 2008:31).

A autora, acima citada, construiu a hipótese que existe hoje uma procura acentuada por uma relação pessoal e íntima, com um toque idealizado para fazer face a essa deserção generalizada, o outro então torna-se um refúgio, alguém com que se possa compartilhar numa sociedade muitas vezes marcada pelo stress e pela competição. (*id*: 33)

A importância dos relacionamentos interpessoais para o alcance de um nível satisfatório de qualidade de vida é hoje cada vez mais evidente. São vários os autores que destacaram a importância da manutenção do suporte social para que o indivíduo enfrente as situações de crises inerentes à vida e ao desenvolvimento da pessoa. A qualidade de vida não se resume à manutenção da saúde, mas tem uma estreita relação com esta. Gonzalez Rey (1993 *apud* Araújo, 2004) ressalta em sua

obra *Personalidda, salud y modo de vida* que fatores da personalidade do indivíduo estão fortemente relacionados ao *stress* e à susceptibilidade a certas patologias, como a hipertensão e doenças cardiovasculares. Segundo Gonzalez Rey a mediatização entre o psíquico e a enfermidade se dá pelas emoções. Isto é, é possível identificar as emoções negativas como indicadores de risco para as determinadas doenças, especialmente as já citadas doenças cardiovasculares.

O conceito de personalidade utilizado aqui poderia ser melhor definido como identidade, tal como anteriormente discutido. Lane diz que:

Quando se procura resgatar a subjetividade, esta implica necessariamente em identidade, categoria que leva ao conhecimento da singularidade do indivíduo que se exprime em termos afetivos, motivacionais, através das relações como os outros - ou seja, na vida grupal. (Lane, 1996, apud Araújo, op.cit.: 5).

Epstein (1987) e Liendman (1935) citados por Araújo, (op.cit: 21) mostraram que a recuperação do *stress* e de reações emocionais negativas, advindas de perdas graves sofridas pelas pessoas, é facilitada pela vivência de rituais sociais e de psicoterapia. O que facilitou a recuperação destes indivíduos foi a atribuição de um sentido para os acontecimentos traumáticos. Esta atribuição de sentido requer comparação social, negociação e validação interpessoal do significado atribuído. Corroborando estas noções, os estudos Rosenblatt (1988, *apud Araújo, op.cit; 22*) os quis indicam que indivíduos isolados progridem menos na elaboração do luto. As interações sociais consideradas apoiadoras são muitas vezes breves, o fator mais importante é a oportunidade do sujeito enlutado sentir o apoio nos relacionamentos.

Estes estudos fornecem argumentos para pensar que a solidão advinda do preterimento, pode ser um fator que de risco para o adoecimento desta mulher negra, principalmente se esta solidão for vivenciada como socialmente desvantajosa. Goffman (1988) demonstrou que os sujeitos que são percebidos pelo grupo como portadores de uma condição socialmente desvantajosa – o que ele chamou de estigma – podem desenvolver sentimentos, percepções e comportamentos ambivalentes em relação ao seu próprio eu, além de dificuldades de receber o apoio social que facilitaria a elaboração dos sentimentos negativos, fator essencial para a qualidade de vida e saúde.

A mulher branca aparece nas falas das participantes como portadoras de uma condição, a cor branca, que as torna mais aptas para despertar no homem negro os sentimentos que farão dele um companheiro ideal.

A resposta para esta condição de tristeza e apatia é a luta da mulher negra para ser valorizada no seu grupo étnico, valorizada pelo homem negro e pelo direito de ser negra.

Esta luta é empreendida, segundo as participantes do grupo em várias frentes. Em primeiro lugar mudar as condições de educação e acesso para a população negra afim de que a auto-estima seja retomada. Defendem a educação da mulher negra como forma de construírem projetos que favoreçam a sua ascensão social e independência

As mulheres participantes fazem uma análise da situação social atual apontando a mídia como estimuladora dos estereótipos discriminadores para as mulheres e os homens negros.

Mali conta ao grupo sua indignação com uma rede de televisão brasileira, que segundo sua visão está contribuindo para fixar uma imagem desfavorável dos homens e mulheres negras, por meio de suas produções que apresentam os personagens negros em situações mais desvantajosas do que outros grupos étnicos.

Mali:

- *Eu até quero falar uma coisa sobre o (programa de rede nacional de televisão, tipo reality show). Eu até comecei a fazer uma corrente, para alguns que tem o meu e mail eu até mandei. Eu fiz uma corrente contra esses programas. Por que? Eu coloquei assim, pra ver como eles estão vivendo uma imagem só do branco. Um programa nível nacional como ele, tem só um negro, será que ninguém mais que é negro se inscreveu? E eles escolheram só o Felipe? Então eu coloquei o que acontecia com a TV X..Mandei assim para algumas para algumas amigas para ir repassando: "O reality show: Suécia ou Brasil. Porque o Brasil tem o negro ali, né? Como a TV X, será que ela não vê, ela não mostra a mulher negra, ela não mostra o homem negro?. Que ela desta vez colocou o F.. E aí? Aí infelizmente tem umas pessoas que não têm a cabeça aberta. Ela compra essa imagem. Se a loira, olha gente desculpe a palavra, se aquela loira lá rampeira, vagabunda, que é a moda, que é a que vale a pena e não a nega comportadinha. Senão, eles querem colocar uma negra burra. Porque aqui tem um bando de mulheres negras inteligentes. Que a*

televisão, vende essa imagem. Infelizmente quem não tem a cabeça boa acha que é o branco que faz sucesso.. Então, acho que a gente tem que começar a mostrar pra essa mídia, pra esse povo que acha que a gente não tem valor, mudar esse jogo e aí o negro, esse homem negro, tem que ajudar, ele também, desde pequeno, pra ele mudar e ver que a mulher negra tem valor.

As participantes do grupo refletem e reconhecem que o afeto está na base das escolhas de relacionamento e que os mais jovens estão menos conscientes das questões étnico-raciais do que os mais velhos e, na escolha das parceiras, focalizam o afeto e os projetos mais individuais.

Ashanti fala sobre o que é a solidão da mulher negra que foi preterida pelo homem negro:

- Daí ela fica sozinha e se cobrando de estar sozinha e não ter um companheiro Então ela não produz, não faz nada, não estuda , não começa a trabalhar, não faz nada na casa, fica ali. Isto pra mim é solidão. Porque viver sozinha em casa é gostoso. Mas esta mulher que está esperando, ela tá só e não consegue ver o mundo, isto é solidão. Ela não vê o mundo. Vive em função daquilo e não vê mais nada. Bem, então só completando, aquilo que estava falando é se manter sozinha, ela está se mantendo sozinha. Esta conseguindo se manter mesmo.

Hembaddon focaliza a solidão no âmbito da subjetividade da mulher e mostra que o estar só poder ter muitos significados e sentidos. Quem sabe do sentido é a própria pessoa que o vive.

O sentimento de solidão é o sentimento de ausência. Muitas negras são casadas com negros e tem uma solidão. Porque, talvez, aquele negro não a complete. E vice-versa. Então eu acho que a solidão, ela caminha assim, meio com a ausência também. Quanta vez foi casada com um branco também?

Nehanda afirma que a mulher negra pode investir em mudanças que tragam para si uma condição de vida melhor e conta sua experiência de operar mudanças significativas, no relacionamento com o companheiro:

- Porque até é uma experiência pessoal, mas, eu ainda acredito mesmo que tudo o que a gente conseguiu, desde a base que esta mudando, vai mudar as coisas. Dá pra mudar, sim. Porque eu quando casei com este mesmo, 33 anos, não mudei,

hem? Porque o dia que ele não quiser mudar, eu troco, não ligo também, não. Mas, assim... quando eu comecei com ele eu não podia trabalhar, eu não podia estudar, eu não podia, eu não podia. Porque a mulher dele não podia tomar... porque eu era fatal, né? Eu ia, nossa! Eu ia arrumar um monte de amante. Então, sabe o que eu fiz? Fiz a minha inscrição e fui fazer o meu supletivo. Quando eu cheguei, ele saiu andando literalmente, ele saiu de casa e saiu andando. Voltou depois de algumas horas. Falei: agora já fiz minha matrícula. Você vai pagar pra eu não trabalhar. Fiz um concurso e fui fazendo. E hoje, olha quando a Marli ligou, dizendo que ia ter esta reunião, ele que me deu o recado. Eu falei que estava tranqüila, que podia participar desta reunião, até porque eu não estou estudando mais de sábado. Ele me dá os recados. Ele faz questão que eu vá, sabe? Mas eu já passei, lá atrás, quando eu casei com 18 anos, ele... eu não podia. Mas só que eu falei: “Como que eu não podia?” Mesmo... olha 33 anos atrás, eu consegui mostrar pra ele que eu podia. E hoje em dia ele me respeita e, aos poucos, foi crescendo esse respeito, entre eu e ele e ele deixar eu ter minhas coisas, ter a minha vida. Porque a menina aí, acho que é o que ela passa, de ter essa solidão a dois. Porque eu consegui ficar com esta pessoa, mudar, de vez em quando tem umas fases que nossa! É pesada, né? E aí hoje consegue mudar essa fase. Mas eu acho que é porque eu consegui, eu comecei a, me impor. Eu acredito nisso: que se as mulheres quiserem, vão conseguir, sabe? Eu sei lá! Conseguir educação, mudar essa cultura do nosso país, eu acho que a gente consegue mudar. Eu não acredito, eu não quero acreditar que o negro não vai mudar. Eu não quero acreditar que a negra e o negro não vão ter o valor deles na sociedade. Eu acredito que vai ter cada vez mais, eu acredito nisso. Eu acho que a gente é testemunha disso. Minha mãe é branca, gente. Mas eu não me vejo tendo um relacionamento com um branco.

Ashanti relata um acontecimento que causou indignação no grupo de mulheres por representar, através de um dito jocoso, o desprezo pela raça.

- Deixa eu contar uma coisa. Uma vez eu estava numa roda de amigos, estava num barzinho. Aí tem um tal de “Carioca,” Ele chegou, ele é muito falante e brincalhão. Ele chegou e falou assim: ‘Eu, arrumei uma mulher negra” A mulher negra peida na frente da gente, não pode tomar chuva e ainda faz macumba pra gente”. E o povo ria...ria da negra. Mas eu me senti tão mal. “É mulher branca leva a gente pro teatro,” ele falou assim: mulher negra peida na frente da gente. E todo mundo ria..

mulher negra não pode tomar chuva, e ainda faz macumba pra gente e mulher branca leva a gente pro teatro. Que horror, hem?

Chinyere expressa seu desejo e sua confiança nas possibilidades de mudança deste cenário, tão desfavorável para a mulher negra, segundo a percepção do grupo. E esta mudança implica que o homem negro valorize a própria raça.

- Ai está o preconceito com o cabelo da negra, o preconceito com uma religião afro, então é tudo preconceito com relação ao negro que tem que acabar. É isso aí que vai pegando. Agora, qual é a diferença de uma religião afro com uma religião evangélica ou católica? Cada um tem que respeitar o outro.. O princípio de toda esta re-educação é o negro respeitar o outro, se eles ficarem nesse eixo, ai tudo vai.

Araújo (2006) faz referência ao artigo de Bernd “Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária” (2002:36-46). Nele Bernd revisita o pensamento de Sartre, em seu texto antológico “Orfeu Negro” (1978). Ao identificar-se e trazer ao debate as questões subjetivas da “negritude”, vítima da opressão branca e ocidental à sua época, Sartre recorre ao mitológico Orfeu, em sua desditosa aventura de resgatar sua Eurídice das profundezas do inferno, em uma analogia ao resgate de sua própria identidade:

Trata-se de uma busca, de um despojamento sistemático e de uma ascese que acompanha um esforço contínuo de aprofundamento. E chamarei de “órfica” tal poesia porque esta incansável descida do negro dentro de si mesmo me lembra Orfeu indo reclamar Eurídice. (Sartre, 1978:98, apud Araújo, 2006:2).

Vê-se que *esta descida ao inferno* faz alusão à idéia de que o negro ao buscar a si mesmo, no resgate de sua identidade, depara-se com suas próprias agruras impostas pelas condições desumanas do exílio sofrido e da deportação (Araújo, 2006). Entretanto, essa opressão é acompanhada de uma tentativa contínua de resistência, tentando subvertê-la.

Reflete bem a preocupação de minhas interlocutoras o poema de Oliveira Silveira, “Cabelos que negros” publicado nos *Cadernos negros*, volume 25 (2002: 134), que utilizei como epígrafe do capítulo 2.1. Araújo (*id. op.*) utiliza-o porque considera que

alinha-se ao pensamento sartriano, retomado por Zilá Bernd : desde o título do poema, os elementos da dor, da opressão e da negação do negro são trazidos para o texto de forma a questionar e até

recusar valores e estereótipos racistas (...) em que os cabelos constituem a metáfora principal para a representação de identidades afro-descendentes e a discussão dos conflitos que permeiam estas identidades (Araújo, 2006:2).

A autora prossegue trazendo dois exemplos poéticos que procuram enfatizar o *eu-lírico* como uma metáfora de tomada de consciência de si mesmo, numa tentativa de resistência e ressignificação.

No poema “Cabelos que negros”, o eu-lírico figura o negro e fala de sua própria experiência, referindo-se ao próprio cabelo “pixaim”, construindo, assim, uma grande metáfora de um dos estigmas infligidos aos homens e mulheres afro-descendentes. Contudo, ao mesmo tempo em que traz para o texto a idéia negativa dos cabelos pixaim, o eu-lírico também se contrapõe a ela ao longo de todo o texto, pois a proposta é questionar não só o padrão de beleza hegemônico, mas a maneira de olhar de um “outro”, que censura, critica e deprecia o que lhe é diferente. Este olhar limitado do “outro” não consegue alcançar as belezas que se escondem por trás das “espertas espirais” do cabelo pixaim, como se lê nos cinco primeiros versos: “Cabelo carapinha,/ Engruvinhado, de molinha,/ Que sem monotonia de lisura/ mostra-esconde a surpresa de mil/ espertas espirais,/ (...)” (Araújo, 2006:3).

No conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral, publicado também nos Cadernos Negros, volume 24 (2001)i, os cabelos – que agora são de uma mulher negra, narradora da estória - são novamente tomados por um lado, como metáfora da negação e da opressão e por outro, como metáfora da resistência. Todo o conto, a começar pelo título, toma os cabelos da menina negra do subúrbio do Rio de Janeiro como foco central do enredo; são os fios de seus cabelos que tecem a trama narrativa. Desde a infância até a idade adulta, a narradora nos conta como foi oprimida e depreciada por causa de seus cabelos ditos pixaim, sua resistência a esta opressão, os conflitos familiares (a mãe queria-lhe de cabelos lisos a todo custo!) e seus conflitos internos:

“Os ataques começaram quando fui apresentada a uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre minhas madeixas acinzentadas. Pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”. Depois uma vizinha disse a minha mãe, que todos os dias lutava para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha “dura” (p.13).”

Nestas linhas, podemos perceber que o conflito se estabelece a partir do olhar do outro – como no poema de Silveira. É o outro quem determina o que é “diferente” e apresenta soluções para moldar esta diferença ao padrão normativo. A relação de alteridade que prevalece aqui é aquela que inferioriza e oprime o diferente, regra que a menina-narradora-personagem do conto aprende desde cedo: “Em meio ao espanto, (a menina) descobre que existem pessoas

descontentes com a sua maneira de ser (...)” (p. 13). Esta descoberta se dá da maneira mais dolorosa, especialmente para uma criança, pois se trata aqui de desaprender a gostar de si mesmo, aprender a rejeitar-se. Assim, logo os conflitos internos surgem: “Não percebia como alguém poderia ser algo além daquilo que é.” (p. 14).

Finalizando o capítulo permito-me, como mulher, negra e pesquisadora indagar:

E quando o “diferente” é “igual” e lança um olhar como o “outro”?

A mulher negra que se permite usar o seu cabelo das mais variadas formas, como o faz a mulher branca, deixa de ser preterida?

A forma como as mulheres negras usa seu cabelo pode ser utilizada como indicador de sua consciência identitária?

A problematização contida nas questões acima demonstra ser indicador do preterimento do homem negro?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

MORDAÇA

TUDO O QUE MAIS NOS UNIU SEPAROU
 TODO O QUE TUDO EXIGIU RENEGOU
 DA MESMA FORMA QUE QUIS RECUSOU
 O QUE TORNA ESSA LUTA IMPOSSÍVEL E PASSIVA

O MESMO ALENTO QUE NOS CONDUZIU DEBANDOU
 TUDO O QUE TUDO ASSUMIU DESANDOU
 TUDO QUE SE CONSTRUIU DESABOU
 O QUE FAZ INVENCÍVEL A AÇÃO NEGATIVA

É PROVÁVEL QUE O TEMPO FAÇA A ILUSÃO RECUAR
 POIS TUDO É INSTÁVEL E IRREGULAR
 E DE REPENTE O FUROR VOLTA
 O INTERIOR TODO SE REVOLTA
 E FAZ NOSSA FORÇA SE AGIGANTAR

MAS SÓ SE A VIDA FLUIR SEM SE OPOR
 MAS SÓ SE O TEMPO SEGUIR SEM SE IMPOR
 MAS SÓ SE FOR SEJA LÁ COMO FOR
 O IMPORTANTE É QUE A NOSSA EMOÇÃO SOBREVIVA

Eduardo Gudin e Paulo César Pinheiro

A mulher negra contemporânea, tal qual seus pares do início do século, vivencia uma história que correlaciona identidade e solidão.

Identidade por conta do direito de ser, estar. Ser negra, estar inserida, pertencer, além de si mesma, a outrem. Ser negra e vivenciar a sua negritude, permitindo-se estar em uma condição de pertencimento nos jogos amorosos e de sedução.

Solidão, porque, paradoxalmente, quanto maior for sua percepção ontogenética, maior será seu distanciamento de uma relação que não lhe permite ser, que não a reconhece como igual. Na interlocução entre os pares há uma acentuada assimetria uma vez que, *pela lente do amor*, seus atributos não se enquadram nos estereótipos midiáticos requeridos.

Para essa mulher a figura do príncipe encantado não existe, não porque ele tenha desaparecido como símbolo de nupcialidade, mas porque sua princesa é outra - a mulher branca - e seu cavalo "tomou" os caminhos das uniões heterocrômicas.

Busco as palavras de Moutinho para referendar meu pensamento: "*em um nível o desejo e o sexo "heterocrômico" são "desejáveis"; em outro nível, ao menos o casamento (e por que não dizer também o sexo e o desejo), aparece como indesejável*" (Moutinho, 2001:1)

Assim, ela não encontra para si a condição de conjugalidade em nível semelhante ao da mulher branca em função de seus referenciais identitários, restando apenas uma desconstrução do mito e uma percepção de menos valia ao sentir-se preterida pelo homem negro e só, afetivamente.

Existe um paradoxo, entretanto, que merece uma análise mais profunda. Observo e constato na minha experiência cotidiana que negros intelectuais ou aqueles que atingiram um *status* de celebridade optam no mercado matrimonial por mulheres brancas, inclusive os que têm um discurso comprometido com a questão racial. O mesmo se repete em vários setores do movimento negro, com exceção do movimento Hip Hop. Aparentemente não há constrangimento destes de publicizar sua opção e circular nos espaços públicos com as companheiras brancas, tal qual o homem negro comum.

Embora a cor da pele a seja a mesma, é lícito supor, face às indagações postas ao final do capítulo 3, a angústia e o estranhamento vivenciados pela mulher negra frente ao impacto trazido pelo olhar diferente – do "Outro" – que é o de um igual. Para além dos estigmas históricos, assimilados nessa longa trajetória pós-diaspórica, a contemporaneidade reafirma e re-significa que o belo pode ser feio quando não se identifica. Assim, traços identitários, como padrões estéticos e culturais, que deveriam ser portados "normalmente" por essa mulher negra, como singularidades fenotípicas e de valores de um grupo, são descaracterizados e ridicularizados como atributos caricaturais.

Igualmente, noto que o comportamento de escolha da mulher negra, célebre ou intelectual, espelha uma regularidade na opção por um companheiro negro, inclusive entre as mulheres negras comuns.

Neste campo é urgente uma análise cuidadosa para entender os processos que estão envolvidos nessas escolhas, do ponto de vista do sujeito que escolhe: o homem negro. Esta análise possibilitaria esclarecer com maior profundidade os meandros da solidão a que está submetida a mulher negra preterida pelo homem negro.

A visibilidade das questões que envolvem os negros no Brasil é uma necessidade urgente para quebrar os estereótipos que estigmatizam as mulheres e homens negros, dificultando a identificação da população em geral com valores, costumes e símbolos da etnia. Isto se processa através do trabalho com a mídia, das políticas públicas e da valorização da história dos negros e negras.

A participação em Movimentos Sociais favorece a conscientização das relações de poder e de classe (Sandoval, 1994) permitindo uma análise mais objetiva da realidade e a elaboração de propostas que façam efetivamente, uma diferença nas condições da vida cotidiana das populações. Neste sentido o Movimento de Mulheres Negras tem cumprido um importante papel no processo de construção de novas concepções e no questionamento de padrões e valores que impedem o exercício da plena autonomia nas esferas individual e social, pois desenvolve uma política pautada nas transformações do cotidiano.

O valor da educação para a cidadania é inestimável. A luta histórica do movimento feminino negro da América e do Caribe, que ao instituir o dia 25 de julho como Dia da Mulher Negra, estabelece uma relação dialética com o dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher – como uma das saídas para que a luta desta guerreira atinja patamares de igualdade, possibilitando o exercício de uma cidadania plena e uma re-significação de sua condição humana.

A mulher negra guerreira está morta. Mas, eis que em seu lugar surge Fênix. Novamente recorremos aos mitos e agora, ao invés de Héstita, despertamos Fênix – a Fênix negra - que, tal qual o pássaro grego, renasce das próprias cinzas e emerge a cada manhã com suas penas brilhantes.

O vôo da Fênix não é cego. Ele mira objetivos reais e concretos: a reconquista pela mulher negra de seu valor como pessoa portadora de uma dignidade e de um direito de ser ela mesma, com suas inúmeras virtudes e

fragilidades. Estoicamente lança-se em novos vôos, testando mais uma vez sua força e sua capacidade de superação.

A mulher negra guerreira não está morta, a nossa emoção sobrevive.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Mulher guerreira está morta - Tradução do texto The Strong Black Woman is Dead, Kenya Fall 2005. Disponível em: <http://www.quilombodospalmares.org.br/>
Acesso em: 18 mar 2008.

A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano: inserção marcada pela dupla discriminação. **Estudos e Pesquisas** - Ano I – Nº 14 – Novembro de 2005.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Geopolítica da mestiçagem. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, nº. 11, 1985.

AMARAL, Ligia Assumpção. **Resgatando o passado**: deficiência como figura e vida como fundo. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2004, 144 p.

ARAÚJO, Ana Virgínia Santiago. **Fatores emocionais na reabilitação**: criatividade e imaginação. 2004, 175 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

AZEREDO, Thales de. **Civilização e mestiçagem**. Salvador: Progresso, 1951, 69 p.

BLAUNER, Robert.– “Black Culture: Mith or Reality?” in Whitten N. and Szwed, F.F., eds. **Afro-american Anthropology**. Free Press and Collier Macmillan: New York and London, 1970.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000, 226 p.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: UNESCO/ANHEMBI, 1955, 304 p.

BERGMANN, Michel. **Nasce um povo**. Petrópolis: Vozes, 1976, 204 p.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães**: lembranças de Olga de Alaketu. EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003, 193 p.

_____. **Memória em Branco e Negro**: olhares sobre São Paulo. São Paulo: EDUC: Fundação Editora da UNESP, 1998, 207 p.

BERND, Zilá . Enraizamento e errância; duas faces da questão identitária. **VOX XXI**, Porto Alegre, v. 11, p. 33-37, 2001.

BERQUÓ, Elza. **Demografia da desigualdade**: algumas considerações sobre o negro no Brasil. Comunicação apresentada na reunião “The demography of inequality in contemporary Latin América”, Universidade de Flórida, 21-24 de fevereiro de 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992, 424 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986, 253 p.

Brasil - Retrato das Desigualdades: Gênero e Raça. **Integração** – Revista Eletrônica do Terceiro Setor. Disponível em:

integracao.fgvsp.br/BancoPesquisa/pesquisas_n47 . Acesso em :1 març. 2008

BRITO, Ênio José da Costa. O “lar” e a “roça” na vida escrava - **Revista PUCCVIVA**, nº 14 s/d

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crimes, segregação e cidadania em São Paulo, São Paulo, Edusp, Editora 34, 2000.

CANCIAN, Juliana Raguzzoni O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 24 fev.

CARDIA, Nancy. Percepção de direitos humanos, ausência de cidadania e exclusão moral. In: SPINK, Mary Jane Paris. **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p 15 - 57.

CARNEIRO, Suely. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**. Revista do Instituto de Estudos Avançados (IEA), USP, 17 (49), pg. 118, 2003.

_____. **“Mulher negra”**: Mulher negra; política governamental e a mulher. São Paulo: Nobel, 1985.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000, 530 p.

COSTA, Carolina de Souza. Pirâmide da solidão ou pirâmide dos não-casados? Cor e estado conjugal na terceira idade no Brasil . UFMG/CEDEPLAR, 2002. Disponível em: www.Abep.Nepo.Unicamp.Br/Docs/Anais/Pdf/2002/ Acesso em:12 fev 2008.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis**: relatos de uma humilhação social. Rio de Janeiro: Globo, 2004, 256 p.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938, 900 p.

DA MATTA, Roberto. Digressão, a fábula das três raças apud **Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987

DANTAS, Marília Antunes. Isolamento social voluntário e processos criativos. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 1993.

DANZIGER, K.. **Constructioning the Subject**. New York: Cambridge University Press, 1990, 270 p.

DARWIN, Charles. **Origem das espécies, a e a seleção natural**. São Paulo: Hemus, 2000, 446 p.

DEGLER, Carl. **Nem preto, nem branco. Escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976, 337 p.

DOMINGUES, Petrônio. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil**, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 20 fev. 2008

DURKHEIM, Émile. ***The elementary forms of the religious life***. Londres: Allen e Unwin, 1957, 420 p.

EPSTEIN, S. Procesos naturales de curación de la mente: una inoculación de estrés como mecanismo innato de afrontamiento. In: MEINCHENBAUM, D. (or.) **Prevención y reeducación del estrés**. Bilbao: Descleé de Brouwer, 1987.

FERNANDES, Florestan. **A condição de sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M. L. V. C.; HEILBORN, M. L.(org) in **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, 400 p.

FROTA-PESSOA, O. Raça e eugenia. In: SCHWARCZ LM, QUEIROZ RS, (org). **Raça e Diversidade**. São Paulo: Estação Ciência; EDUSP, 1996: 2945 -

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1988, 295 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; (org). **Por uma**

epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 17 - 42.

_____. **Personalidad alud y modo de vida**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.

GOULD, Stephen Jay. **A Falsa Medida do Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed 1999, 65 p.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão**: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo Ed. Unesp, 2003, 398 p.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. **Revista de Cultura**, Petrópolis-RJ: Vozes, v. 83, 1989.

HILGARD, Ernest R.; ATKINSON, Richard C. **Introdução à psicologia**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979, 680 p.

HOBBSAWN, Eric J. **Os Trabalhadores** – Estudos sobre a História do Operariado, 2ª. Edição; São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JACQUES, Maria Da Graça Correa. Identidade. In: STREY, Marlene Neves. (org.) **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1988, 159-167.

JAMES, William. **The letters**. Boston: Atlantic Monthly Press, 1920.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, Sílvia Tatiana Maurer e ARAÚJO, Yara. (org) **Arqueologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 37-56.

LÉVI-STRAUSS et. alli, C. **Raça e Ciência**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LIENDEMANN, E. e FINESINGER, E. *The effect of adrenaline and mecholyl in states of anxiety in psychoneurotic patients. American Journal of Psychiatry.* 95, pp. 353-370

LOBO, Andréa de Souza. **Tão longe, tão perto:** organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista Cabo Verde. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Brasília, Universidade de Brasília, 2006.

LOTZ, Johannes. **De la soledad Del hombre:** a propósito de la situación espiritual de la era técnica. Barcelona:Briel, 1961

MEAD, George H. **Mind, self and society.** Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** São Paulo: EDUC, 1999, 171p.

MONTERO, Paula. Globalização, identidade e diferença. **Novos Estudos** – CEBRAP, nº. 49, novembro, 1997.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 1978, 842 p.

MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image et son publique.** Paris: Presses Universitaires de France, 1976, 506 p.

MOURA, Clovis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Edusp, 2005

MOUTINHO, Laura. Discursos Normativos e Desejos Eróticos: A Arena da Paixões e dos Conflitos entre “Negros” e “Branços”. **Sexualidade – gênero e sociedade.** Ano XI, nº 20, maio de 2004.

Mulheres e homens negros ainda encontram barreiras para crescer no mercado profissional de São Paulo Fonte: DIEESE/SEADE e entidades regionais. PED -

Pesquisa de Emprego e Desemprego **Elaboração: Observatório do Mercado de Trabalho Nota** (1): Infator utilizado: ICV-DIEESE/SP. Disponível em: www.cotiatododia.com.br/ed_cidade/tododia-abolicao-fev/2008. Acesso em: em 4 fev. 2008

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica; 2004, 152 p.

OLIVEIRA, Fátima de; WERBA, Graziela C. Representações sociais. In: STREY, Marlene Neves. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.104 – 117.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras – um diálogo com o tema. **Afro-Ásia**, número 034, 2006 – Universidade Federal da Bahia, Brasil.

PINTO, Elisabete Aparecida. **Sexualidade na Identidade da Mulher Negra a partir da Diáspora Africana**: o Caso do Brasil. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**. Bauru: USC, 1999.

QUEIROZ, Marcos L. O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 16(2): 363-375, abr-jun, 2000.

PETRUCELLI, José Luís. Mapa da cor no ensino superior brasileiro. **Ensaio e Pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ/Programa Políticas da Cor, 2004.

RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.) **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996.

ROGRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2000, 480 p.

RUFINO, Alzira. Configurações em Preto e Branco. In: Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania (org) **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.

SANDOVAL, Salvador Antonio Mirelles. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris. **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 59-74.

SATOW, Suely Harumi. **Paralisado cerebral**: construção da identidade na exclusão. São Paulo: Robe Editorial, (s/d).

SAWAIA, Bader Burihan. Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. In: SPINK, Mary Jane Paris (org). **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 147- 156.

SCHÜTZ, A. *Collected Papers I: **The problem of social reality***. The Hague: Martinus Nijhoff, 1973, 361 p.

SEYFERTH, Giralda. A estratégia do branqueamento. **Revista Ciência Hoje**, v. 5, n. 25, 1986.

SÈVE, Lucien. A personalidade em gestação. In: SILVEIRA, Paulo e DORAY, Bernard (orgs). **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade**. São Paulo: Vértice, 1998, p. 78- 96.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II nº. 22, março de 2003. Disponível em: www.espacoacademico.com.br .Acesso em: 15 jun. 2007.

SILVA, Rosane da. Trabalho doméstico: uma reflexão necessária - **Secretaria Nacional sobre a Mulher Trabalhadora** – SNMT-CUT(25/4/2008). Disponível em: www.cut.org.br/site/start.cut?inoid=17669&sid

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SMITH, Raymond. **The Matrifocal Family. Power, Pluralism, and Politics**. New York and London: Routledge, 1996, 236 p.

SMOLKA, Ana L. B.; GÓES, M. C. R e PINO, Angel. The constitution of the subject: a persistent question. In: WERTSCH, James; DEL RIO, Pablo e ALVAREZ, A. **Sociocultural studies of mind**. New York: Cambridge University Press, 1985, p. 165-184.

SOARES, Juliana dos Santos; CARVALHO, Alysson Massote. Mulher e mãe, 'novos papéis', velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. Maringá, **Psicologia em Estudo**, 2003, vol.8, nº spe, 39-44.

SOUZA, Edileuza Penha de. Mulher negra: sua sexualidade e seus mitos. In: **Mulher Negra**: preconceito, sexualidade e imaginário. Fatima Quintas (org.). INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, Brasil. 199?. p. 10-22. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/pesqui/souza2.rtf Acessado em: 23/2/08

SPINK, Mary Jane Paris. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho. Arcides; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 117 – 145.

TAMAYO, Álvaro; PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe. Conceituação e definição de solidão. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, 1984

TEIXEIRA, Elza Guedes. Solidão, a busca do outro na era do eu: estudo sobre as sociabilidades na modernidade tardia. **Sociologia**. Lisboa, abr., 2001, nº 35: 31-47.

THOMPSON, John Burton. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação. Petrópolis: Vozes, 1995, 427 p.

TYLER, T. R.; BOECKMANN, R. J.; SMITH, H. J. e HOU, A. Y. J. ***Social Justice in a diverse society***. Colorado: Westview Press, Harper Collins Publishers, 1997. (1995)

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2002, 132 p.

WOLFE, Thomas. **The story of a novel**. Nova York: Scribner's Sons, 1938

WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo, 1987

ZARUR, George. **Repensando o conceito de matrifocalidade**, 2005.

Disponível em: www.georgezarur.com.br. Acesso em 7 mar. 2008

ANEXOS

Anexo 1

Relato das Observações nos espaços religiosos :

Local: Assembléia de Deus - Vila Mariana

Capacidade do templo: 200 lugares

Primeiro período: domingo, culto noturno

Ocupação no período observado: 40%

Presença de negros: 10%

Pastor e esposa negros.

Nesta igreja perguntei ao pastor e ele se declarou militante do movimento negro evangélico.

3 casais inter-raciais, na faixa entre 35 e 40 anos de idade

2 homens negros com mulher branca

1 homem asiático com mulher branca. Não foi possível identificar com precisão a nacionalidade do homem asiático.

5 mulheres negras entre 30 e 60 anos, sem companheiros

3 homens negros desacompanhados, com idades variando entre 40 e 60 anos. O pastor, em conversa comigo, observou que a igreja é freqüentada por muito poucos negros. Cumpre destacar que a Vila Mariana é um bairro de classe média.

Segundo período: quinta-feira, culto noturno

Ocupação no período observado: 20%

1 casal inter-racial: asiático com a mulher branca (O mesmo casal do domingo anterior).

Nenhum casal inter-racial negro com branca ou branco com negra

O mesmo pastor com sua mulher negra.

Observei um número maior de negros:

9 mulheres negras sozinhas com idades variando entre 25 e 60 anos;

6 homens negros com idades variando entre 20 e 60 anos

1 casal de negros.

Anexo 1

3º período: domingo, culto noturno

Ocupação no período observado: 100%

Presença de negros:15%

O pastor que pregou era branco, bem como sua mulher. O pastor negro do meio da semana exerceu a função de auxiliar juntamente com sua esposa.

6 casais inter-raciais:

5 mulheres brancas com homens negros, com idades entre 25 e 50 anos;

2 destes homens negros tinham a pele clara e os outros a pele bem escura.

Observação: os homens eram muito bonitos nenhum obeso. Duas destas mulheres brancas eram obesas e loiras, ambas estavam com os negros de pele mais escura, 1 homem branco com uma mulher negra na faixa de 35 anos, a mulher era muito bonita e o homem simpático.

Local: Assembléia de Deus – COHAB 2 Itaquera

Capacidade do templo: 100 lugares

1º período: domingo, culto matutino

Ocupação no período observado: 90%

Presença de negros:7

Pastor negro com esposa negra.

19 casais inter-raciais:

10 homens negros com mulheres brancas com idades variando entre 30 e 45 anos;

5 casais jovens entre 18 e 30 anos;

4 negros com mulheres brancas;

1 branco com uma jovem negra;

4 homens brancos com mulheres negras de idades entre 25 e 50 anos;

9 homens negros com mulheres negras, idades variando entre 40 e 65 anos

Anexo 1

Local: Igreja Renascer em Cristo - Vila Mariana

Capacidade: 5000 lugares

1º Período: quarta-feira, culto noturno

Ocupação no período observado: 70%

Bispo-branco. Esta igreja é dividida em dois andares, possui uma galeria com 1000 lugares. Não foi possível no mesmo dia fazer a observação na galeria, assim a observação foi feita em duas etapas: na primeira estive na galeria em lugar que, por sua localização, propiciou condições de verificar com precisão a quantidade de casais inter-raciais ali presentes; na segunda etapa permaneci no andar inferior da igreja onde também optei por assentar na última fileira no corredor central por onde passam todos os participantes do evento.

Dados da 1ª etapa – galeria

Presença de negros: 35%

70 casais inter-raciais com idades variadas, sendo:

2 asiáticos com mulheres brancas;

15 mulheres negras com homens brancos, com idades entre 25 e 40 anos;.

53 casais de homens negros com mulheres brancas.

Observei que entre estes 53 casais, a maioria era constituída de homens negros de pele bem escura, altos, atraentes e na comparação com as mulheres que os acompanhavam estas, em sua maioria, aparentavam ter mais idade do que eles. Apenas 12 mulheres pareciam ser mais novas que os homens que as acompanhavam.

10 casais de homens negros com mulheres negras, com idades variando entre 40 e 65 anos;

18 casais de homens negros com mulheres negras na faixa entre 18 e 30 anos de idade.

Observei, também, um grande número de mulheres negras desacompanhadas de homens.

2º etapa: domingo, culto noturno

Ocupação no período: 100%

Presença de negros: 35%

Bispo branco, mulher branca.

Muitas mulheres negras sem companhia masculina.

102 casais inter-raciais, sendo:

49 negros com mulheres brancas, aparentemente na faixa etária de 18 a 30 anos;

17 negros com mulheres negras, na faixa etária entre 18 e 30 anos.

16 homens brancos com mulheres negras, com idades variando entre 25 e 45 anos, aparentemente;

14 homens negros com mulheres negras com idades variando de 40 a 65 anos aproximadamente;

37 homens negros com mulheres brancas com idade variando de 35 a 55 anos aproximadamente.

Local: Igreja Renascer em Cristo-Vila Matilde

Capacidade: 700 lugares

Período: domingo, culto matutino

Ocupação no período: 85%

Presença de negros: 45%

Bispo branco com esposa branca.

Muitas mulheres negras sem companhia masculina.

25 casais inter-raciais:

5 mulheres negras aparentavam ser bem mais jovens que seus companheiros brancos e tinham uma aparência muito atraente.

20 homens negros acompanhados de mulher branca. Dentre estes predominavam os de muito boa aparência e pele bem escura. Apenas 5 homens, entre estes 20 tinham a pele mais clara. No conjunto das 20 mulheres brancas do casal inter-racial encontramos 12 loiras, 4 ruivas e 4 com cabelos escuros e 6 mulheres obesas.

7 casais formados por homem negro com mulher negra, sendo que 4 bem jovens e os outros 3 estavam na faixa entre 50 e 60 anos de idade.

Local: Igreja Renascer em Cristo – Cidade Tiradentes

Capacidade: 1000 lugares

Período: Domingo, culto matutino

Ocupação no período: 80%

Pastor negro com esposa branca

Presença de negros: 65%

A maioria do público era formada por mulheres desacompanhadas:

12 casais inter-raciais:

9 homens negros com mulheres brancas, idades entre 25 a 50 anos;

3 homens brancos com mulheres negras, aparentando idades entre 35 e 60 anos.

5 homens negros com mulheres negras, com idades variando de 40 a 60 anos.

Local: Igreja Universal do Reino de Deus – Cambuci

Capacidade: 300 lugares

Período: sexta-feira, culto noturno

Ocupação no período: 80%

Presença de negros: 40%

Pastor branco - mulher branca

41 casais inter-raciais:

32 homens negros com mulheres brancas idades entre 20 e 45 anos;

9 homens brancos com mulheres negras idade entre 30 e 45 anos.

2 homens negros com mulheres negras com idades entre 50 a 65 anos.

9 jovens negros com mulheres jovens negras.

A grande maioria das mulheres presentes era composta por negras que estavam desacompanhadas de homens.

Local: Igreja Universal do Reino de Deus -Vila Mariana

Capacidade: 300 pessoas

Ocupação no período: 70%

Presença de negros: 40%

Pastor branco com esposa branca.

A maioria das mulheres negras não estava acompanhada por homens.

37 casais inter-raciais:

Anexo 1

17 homens negros com mulheres brancas com idades variando entre 30 e 60 anos; destes 12 homens negros com mulheres brancas muito jovens; 6 homens brancos com mulheres negras com idades entre 25 e 45 anos; 2 jovens brancos com mulheres jovens negras com idades entre 18 e 25 anos. 21 casais de homens negros com mulheres negras, idades variando de 25 a 65 anos.

Local: Igreja Universal do Reino de Deus – Itaquera

Capacidade: 7000 lugares

Ocupação no período: 90%

Presença de negros: 50%

Bispo-branco

Nesta Igreja não foi possível quantificar todos os casais inter-raciais por ser muito grande e estar praticamente lotada. Permaneci na entrada principal de onde pude registrar 149 casais inter-raciais. Não pude, também ter uma percepção das pessoas que permitisse deduzir as suas faixas de idade.

149 casais inter-raciais:

112 homens negros com mulheres brancas

37 homens brancos com mulheres negras.

55 homens negros com mulheres negras.

Nesta igreja a maioria das mulheres negras estava desacompanhada de homens.

Local: Igreja Universal do Reino de Deus-Tiradentes

Capacidade 2500 lugares

Ocupação: 70%

Presença de negros: 50%

Pastor branco.

Maioria de mulheres negras desacompanhadas de homens.

90 casais inter-raciais – foi possível observar apenas este número de casais inter-raciais porque a igreja estava repleta de pessoas e a observação ficou prejudicada.

Anexo 1

52 homens negros com mulheres brancas, com idades que variavam de 35 a 60 anos; 19 homens brancos com mulheres negras, com idades variando entre 30 e 60 anos, 12 homens negros bem jovens com mulheres brancas também bem jovens; 7 homens brancos bem jovens com jovens negras. 29 casais de homens negros com mulheres negras.

Local: Igreja Santa Margarida Maria - Vila Mariana

Capacidade: 300 lugares

Período: domingo, missa matutina

Ocupação: 75%

Presença de negros: 20%

Padre branco

Maioria das mulheres brancas estava acompanhadas de homens

6 casais inter-raciais, sendo:

5 homens negros com mulheres brancas, com idades entre 30 e 45 anos;

1 homem branco bem jovem com uma negra de pele bem clara, também bem jovem e muito bonita.

2 homens negros com mulheres negras, entre 50 e 65 anos, aparentemente.

Local: Igreja Santa Cruz- Vila Clementino

Capacidade: 380 lugares

Período: domingo, missa noturna

Ocupação: 60%

Presença de negros: 25%

Padre branco

Presença de mulheres negras idosas sem a companhia masculina.

7 casais inter-raciais:

5 homens negros com mulher branca, um bastante jovem e os demais com idade variando entre 28 a 45 anos;

2 homens brancos com mulher negra; 1 casal de meia idade e outro aparentando terem mais de 60 anos.

Anexo 1

6 casais de homem negro com mulher negra idade acima dos 45.

Local: Igreja São José Operário-Cohab 2 Itaquera

Capacidade 400 lugares

Período: domingo, missa matutina

Ocupação no período observado: 90%

Presença de negros: 40

Padre branco.

Muitas mulheres negras sem companhia masculina.

Observamos que a maioria dos presentes estava acompanhados de familiares (pai, mãe e filhos).

16 casais inter-raciais

9 homens negros com mulheres brancas, na faixa etária de 45 a 55;

3 homens brancos com mulheres negras com idades entre 45 e 60 anos

3 jovens negros com jovens brancas; e

1 jovem branco com uma jovem negra.

19 casais de homens negros com mulheres negras, com idades variando entre 35 e 60 anos.

Local: Catedral da Sé

Capacidade: 2200 lugares

Período: domingo, missa matutina.

Presença de negros: 35%

Bispo branco

72 casais inter-raciais

39 homens negros com mulheres brancas, idade variando entre 25 e 55 anos

12 casais homens brancos com mulheres negras, sendo que apenas duas delas tinham a pele bem escura.

14 jovens negros com jovens brancas

4 jovens brancos com jovens negras

2 asiáticos com mulheres brancas

Anexo 1

1 negro com uma asiática

Observação a maioria dos presentes eram pessoas idosas.

Igreja Nossa Senhora da Penha – Penha

Capacidade: 300 lugares

Ocupação- 50%

Presença de negros: 20%

Período: domingo missa matutina

Padre branco

25 casais inter-raciais

16 homens negros com mulheres brancas, idades variando entre 30 e 50 anos

2 homens brancos com mulheres negras, idades entre 25 e 40 anos

1 homem negro com uma asiática idade aproximada de 45 anos ambos

1 homem branco jovem com uma negra também jovem

5 negros bastante jovem acompanhados de mulheres brancas também jovem

9 casais homens negros com mulheres negras idade entre 40 e 65 anos

Observação : muitas mulheres negras idosas não acompanhadas por homens.

Igreja São Miguel Arcanjo – São Miguel Paulista

Capacidade: 500 lugares

Ocupação: 75%

Presença de negros: 30%

Período: Missa de domingo, matutino

Padre branco

38 casais inter-raciais

26 homens negros com mulheres brancas, idade entre 30 e 60 anos

4 homens brancos com mulheres negras, idade entre 35 a 50 anos

6 jovens negros com jovens brancas

2 jovens brancos com jovens negras

37 homens negros com mulheres negras, idade entre 35 a 65 anos.

Anexo 1

Templo de Matriz Africana

Axé ilê oba –Vila Facchini

Ialorixá – mãe Sylvia de Oxalá -negra

Capacidade: 200 lugares

Ocupação: 70%

Período: sábado, noturno

28 casais inter-raciais:

17 homens negros com mulheres brancas idades variando entre 30 e 60 anos,

9 homens brancos com mulheres negras; idades variando entre 35 e 60 anos;

2 homens negros muito jovens com mulheres brancas uma aparentando ser mais velha que ele;

3 homens brancos jovens com mulheres negras, bem jovens;

11 casais de homens negros com mulheres negras com idades variando de 40 a 65 anos.

Terreiro Caboclo Pena Verde -Itaim Paulista

Capacidade: 50 lugares

Ocupação: 90%

Presença de negros: 15%

Pai de santo branco-mulher negra

7 casais inter-raciais

4 negros com mulheres brancas, idade variando entre 35 e 50 anos

3 brancos com mulheres negras, idade entre 40 e 55 anos aproximadamente

A maioria dos presentes era mulher, tanto na platéia como na roda, a maioria das mulheres era branca e estava desacompanhada de homens.

Casa de Umbanda Boiadeiro -Pirituba

Capacidade: 70 lugares

Ocupação: 80%

Anexo 1

Pai de Santo negro -mulher branca

11 casais inter-raciais

8 homens negros com mulheres brancas, idades variando de 35 a 50 anos;

3 homens brancos com mulheres negras, dentre estes 3 um casal era bem jovem e os outros dois aparentavam ter mais de 50 anos.

Observação: a maioria dos participantes era de mulheres e estava meio a meio brancas e negras

Relato das Observações em restaurantes e casas de espetáculos

Restaurantes:

Região de classe média: era raro encontrar um negro, quando acontecia de haver algum estava sempre acompanhado de mulheres brancas das mais variadas faixas etárias.

Região periférica: uma saturação das demais observações - encontrei, em algumas churrascarias da periferia, algumas famílias negras, compostas por homem e mulher negros e filhos. No entanto, a maioria dos frequentadores destes locais era de homens negros com mulheres brancas. Estive em 3 restaurantes da zona Leste.

Itaquera

5 casais inter-raciais:

5 homens negros com mulheres brancas, de 25 a 40 anos;

2 homens negros com mulheres negras, na faixa etária de 30 a 50 anos.

São Miguel Paulista

3 casais inter-raciais:

3 homens negros com mulheres brancas, idades variando entre 40 e 50 anos;

1 homem negro com mulher negra, idade 25 a 35 anos

4 homens negros com mulheres negras, com idade entre 45 e 60 anos;

Anexo 1

Observação: encontrei neste restaurante 5 mulheres negras acompanhadas de outras mulheres.

Penha

3 casais inter-raciais:

2 homens negros com mulheres brancas, na faixa de 25 a 40 anos;

1 homem branco com mulher negra;

1 homem negro com mulher negra, na faixa de 50 a 60 anos de idade.

Obs. neste restaurante havia vários meninos negros e brancos - sozinhos; penso que comemoravam algo.

Relato de observação em teatro:

Teatro Abril-Centro

Lotação Esgotada

Espectáculo em cartaz: "O fantasma da ópera"

Presença de negros: 2%

5 casais inter-raciais:

5 homens negros com mulheres brancas, idades variando entre 25 e 55 anos.

9 mulheres negras acompanhadas de outras mulheres, destas eu era uma e minha filha a outra. Observação: entre os 2% não estou contando os seguranças e os trabalhadores do Teatro que eram um total de 30% do quadro visível.

Teatro Cultura Artística

Lotação esgotada

Espectáculo em cartaz "As mulheres da minha vida"

Presença de negros: 2%

9 casais inter-raciais:

8 negros com brancas

1 branco com uma negra de pele bem escura

15 mulheres negras desacompanhadas. .

A maioria dos funcionários era negros.

Anexo 1

Teatro Shopping Eldorado

Lotação esgotada

Espetáculo em cartaz: “O diário Growe”

Presença de negros: 1%

3 casais inter- raciais:

3 negros com mulheres brancas

12 mulheres negras desacompanhadas.

Casas de Shows:

Citibank Hall

Espetáculo: *Sweet Charity*

Lotação esgotada

Presença de negros: 1%

12 casais inter-raciais

8 homens negros com mulheres brancas

4 homens brancos com mulheres negras, só uma com a pele bem escura.

14 mulheres negras desacompanhadas de homens.

Citibank Hall

Espetáculo: Show Djavan

Lotação esgotada

Presença de negros: 3%

23 casais inter-raciais:

19 homens negros com mulheres brancas

4 homens brancos com mulheres negras;

32 mulheres negras desacompanhadas .

Obs. A maioria dos funcionários, principalmente os seguranças era negros.

Anexo 1

Local: Encontros de Hip-Hop

Observação: Estive em vários encontros e em alguns shows. Nestas oportunidades registrei uma única ocorrência de um homem negro jovem com uma mulher branca. Fiquei surpreendida de não ter encontrado mais. A maioria dos casais era de jovens e todos eles com mulheres negras.

1 casal inter-racial

Relato das Observações em supermercado

Supermercado Pão de Açúcar - Ricardo Jafet

Presença de negros: 2%

4 casais inter-raciais presentes:

3 homens negros com mulheres brancas, idades entre 25 a 40 anos;

1 asiático com mulher branca, idade entre 35 e 45 anos;

2 negros com mulheres negras, 30 a 45 anos.

Observação: Entre os empregados do supermercado observamos 3 homens negros: 2 caixas e 1 açougueiro.

Carrefour Cambuci

Domingo das 10h às 12 h e das 16 às 18 h

43 casais inter-raciais:

31 negros com mulheres brancas, idades variando entre 25 e 50 anos

8 brancos com mulheres negras idades dos homens entre 40 e 60 anos e as mulheres na faixa dos 25 a 35 anos;

4 asiáticos com mulheres brancas.

28 casais de homens negros com mulheres negras idades entre 40 e 60 anos

7 jovens negros com mulheres negras.

Anexo 1

Observação: a maioria das mulheres negras que realizavam as suas compras estava desacompanhadas, enquanto que as mulheres brancas, em sua maioria, estavam acompanhadas por crianças ou outras mulheres.

Carrefour- Itaquera

Domingo: das 11 h às 13 h e das 14 h às 17h

93 casais inter-raciais

58 negros com mulheres brancas, idades e entre 30 e 60 anos;

19 homens brancos com mulheres negras, 5 com a pele bem escura, idade variando entre 25 e 50 anos;

1 homem asiático com uma mulher negra aparentando ambos uns 40 anos

15 jovens negros com mulheres brancas e também bastante jovens brancas

24 jovens negros com jovens negras

72 casais de homens negros com mulheres negras com idades entre 40 e 65 anos

Obs. A maioria das mulheres negras estava fazendo as compras desacompanhadas de homens, em companhia de crianças ou outras mulheres.

ANEXO 2
Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Matrifocalidade			
Pergunta: Quem ganha mais na sua família?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Eu	M32	Minha mãe
M2	Eu	M33	Minha mãe
M3	Companheiro	M34	Minha mãe
M4	Filha mais velha	M35	Meu irmão
M5	Eu	M36	Meu pai
M6	Eu	M37	Eu
M7	Eu	M38	Temos o mesmo salário
M8	Eu	M39	Meu marido
M9	Eu	M40	Eu
M10	Eu	M41	Meu marido, só ele trabalha
M11	Eu	M42	Eu sou a chefe
M12	Eu	M43	Os dois ganham igual
M13	Eu	M44	Meu esposo
M14	Meu pai	M45	Eu
M15	Quase a mesma coisa	M46	Eu sou a chefe da família
M16	Minha mãe	M47	Eu
M17	Eu	M48	Eu
M18	Meu pai	M49	Eu
M19	Minha mãe	M50	Eu
M20	Meu pai	M51	Eu
M21	Eu	M52	Eu
M22	Eu	M53	Eu, pois sou viúva
M23	Meu marido	M54	Eu
M24	Minha mãe	M55	Eu
M25	Eu	M56	Eu
M26	Meu pai	M57	Eu
M27	Meu pai	M58	Meu marido
M28	Eu	M59	Eu
M29	Eu sou a minha família	M60	Eu
M30	Minha mãe	M61	Meu marido
M31	Meu pai	M62	Eu

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Matrifocalidade			
Pergunta: Quem assume mais responsabilidade?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Eu	M32	Minha mãe
M2	Eu	M33	Minha mãe
M3	O casal	M34	Minha mãe
M4	Eu	M35	Responsabilidade a minha mãe, pois ele (o irmão) gasta com as brancas
M5	Marido	M36	Eu
M6	Eu	M37	Eu pago as contas, inclusive as deles
M7	Eu	M38	Os dois, marido e e mulher
M8	Eu	M39	O marido
M9	Eu	M40	A maioria eu, pois a minha mãe ganha menos
M10	Eu	M41	O marido
M11	Eu	M42	Eu assumo todas as broncas e dou conta. Sou negra, apesar da dureza continuo com o tutano das senzalas
M12	A minha pessoa	M43	Eu
M13	Eu	M44	Ele, eu só ajudo
M14	Mãe	M45	Eu, todas
M15	São divididas	M46	Sou só eu e meus filhos. Nem pensão o ordinário paga. Sustenta o filho da branca
M16	Minha mãe	M47	Eu
M17	Eu	M48	Eu assumo todas
M18	Meu pai	M49	Eu pago hoje faculdade para dois filhos
M19	Mãe	M50	Meu marido, o espanhol, manda
M20	Pai	M51	Eu
M21	Eu	M52	Responsabilidade , ele. A maioria das contas, eu.
M22	Eu	M53	Eu, pois ainda tenho três filhos solteiros e desempregados
M23	Eu	M54	Eu sustento filho, marido e mãe
M24	Mãe	M55	Meu marido
M25	Eu	M56	Eu
M26	Mãe	M57	Eu
M27	Pai	M58	O marido
M28	Eu	M59	Eu
M29	Eu assumo todas	M60	Eu . Pago, inclusive, a faculdade para meu filho
M30	Minha mãe	M61	Meu marido
M31	Meu pai	M62	Eu

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Vida amorosa			
Pergunta: Como é sua vida amorosa?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Uma droga	M32	Não tenho
M2	Satisfatória	M33	Estou só
M3	Boa	M34	No momento, boa
M4	Vazia	M35	Um ping pong
M5	Normal	M36	Não tenho
M6	Meio desanimada	M37	Melhor ficar sozinha
M7	Não tenho do que me queixar	M38	Razoável
M8	Boa, estou namorando	M39	Boa
M9	Não tenho vida amorosa	M40	Não tenho, pois ninguém se interessa por mim
M10	Maravilhosa	M41	Boa
M11	Mais ou menos	M42	Hoje faço como ele fez comigo, só curto homens brancos
M12	Muito mal	M43	Normal
M13	Boa	M44	Maravilhosa
M14	No momento estou mais preocupada com meus estudos	M45	Saio um dia com um, outro dia com outro. Não consigo arrumar ninguém, pois nenhum negro quer uma mulher negra com 3 filhos. A menos que ela o sustente e aí não dá.
M15	Ótima	M46	Não tenho tempo para pensar nisso, tenho que criar meus filhos.
M16	Muito boa	M47	Razoável
M17	Boa	M48	Não tenho, desde que meu marido me trocou por uma da metade da minha idade e branca.
M18	Atualmente estou sozinha	M49	Meu amor é para Jesus e meus filhos
M19	Ótima	M50	Boa
M20	Boa	M51	Relativa
M21	Não tenho	M52	Boa
M22	Muito boa	M53	Não tenho mais desde que fiquei viúva
M23	Boa	M54	Uma droga
M24	Boa	M55	Excelente
M25	No momento estou sozinha	M56	Uma lástima
M26	Ótima	M57	Triste, pois ainda amo meu ex marido
M27	Legal	M58	Muito boa
M28	Não tenho	M59	Razoável
M29	Um desastre	M60	Não diferente da maioria das mulheres negras: capenga
M30	Altos e baixos	M61	Boa
M31	Só fico	M62	Mais ou menos. Estou tentando ainda me sentir mulher de fato, após tantos anos

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Vida amorosa			
Pergunta: O que deve melhorar ou mudar?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Deveria haver uma maior conscientização em respeito à mulher	M32	Ter (vida amorosa)
M2	Os políticos devem ser mais honestos	M33	Deixar de estar só
M3	Um emprego melhor	M34	Ele voltar a estudar e beber menos
M4	A conscientização dentro de casa	M35	Alguém se apaixonar por mim de verdade
M5	Mais tempo um para o outro	M36	Não estou interessada em ter (vida amorosa). Muitas decepções
M6	Preciso encontrar alguém	M37	Melhorar de fato
M7	Nada	M38	Ter mais carinho, não só sexo
M8	Nada, está boa	M39	Mais carinho
M9	Preciso achar alguém	M40	Ter alguém
M10	Na minha vida amorosa para mim está maravilhosamente bem	M41	Mais atenção
M11	Continuar amando	M42	Ilusão. Para nós sempre será assim
M12	Preciso escolher melhor	M43	Nada
M13	Meu marido deveria ganhar mais	M44	Se melhorar estraga
M14	Por enquanto nada	M45	Os negros valorizarem mais a sua raça e terem orgulho e de serem negros
M15	Mais tempo para os dois	M46	Não sei mudar o que, se não existe nada
M16	Nada	M47	Eu não servir só para pagar contas e ter mais carinho e menos sexo
M17	Mais tempo de lazer	M48	Não sei. A desilusão é muito grande
M18	Preciso arranjar minha cara metade	M49	Continuar a ter saúde
M19	Ótima	M50	Nada. Assim tá bom
M20	Não respondeu	M51	Mais amor
M21	Nada	M52	Ele parar de beber tanto
M22	Mais tempo para curtirmos juntos	M53	Não sei. O que Deus preparar
M23	Mais compreensão por parte do meu companheiro	M54	Ele ir embora
M24	Mais compromisso por parte dele	M55	Nada
M25	Não respondeu	M56	Conseguir um homem negro que não só queira sexo, mas que queira me assumir como sua companheira
M26	Um pouco mais de "grana"ajudaria	M57	Ele voltar para mim

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Vida amorosa			
Pergunta: O que deve melhorar ou mudar? (continuação)			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M27	Gostaria que tivéssemos estabilidade para podermos casar	M58	Nada
M28	Um milagre	M59	Mais cumplicidade, mais carinho fora da cama
M29	Alguém se interessar por mim como mulher	M60	Proibir brancas de ficarem com nosso homens. Bem que a Claudete poderia aprovar uma lei neste sentido
M30	Só ter altos	M61	Tá bom do jeito que está
M31	Achar um homem que tenha as mesmas aspirações que eu e me ame	M62	Tudo

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Felicidade			
Pergunta: O que é felicidade?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Felicidade não se explica, ela é vivenciada e sentida	M32	Ter alguém
M2	Estar bem com a vida	M33	Ser amada como as mulheres brancas e ricas
M3	Ter saúde	M34	Se sentir respeitada
M4	É ver as pessoas que nos fazem felizes	M35	Ser amada
M5	É ter a família em paz, os meus filhos e meus netos comigo, um bom emprego, um bom salário, minha casa	M36	Ser feliz
M6	É ter amigos verdadeiros	M37	Ser protegida e sustentada
M7	É estar de bem com a vida, família, trabalho, amigos	M38	Se sentir uma princesa como as mulheres que são amadas
M8	É você conseguir por o pé no chão e conseguir levar a vida	M39	Manter o lar em harmonia

M9	É realizar os sonhos e vencer cada etapa	M40	Ser amada
M10	É ter um emprego, filhos, netos, amigos	M41	Ter uma família abençoada e eu tenho
M11	Viver cada segundo de sua vida	M42	Isto é uma coisa para branca e rica
M12	É viver um momento gostoso	M43	Ter paz
M13	É um sentimento transparente	M44	Minha vida
M14	É se sentir bem consigo mesma	M45	Ah, ser amada com certeza. Ter alguém que de fato sinta a sua falta, que cuide de você
M15	É amar e ser amada e ter bons amigos	M46	Ser amada, ser tratada comom uma flor e não como um objeto sexual.
M16	Felicidade é gostar de si mesma	M47	Ser amada e não só desejada na cama.
M17	Ter perspectivas na vida	M48	Ser respeitada
M18	É se sentir realizada	M49	Ser reonhecida e saber que venceu
M19	É estar bem com o mundo	M50	Ter saúde , amigos e trabalho
M20	É se sentir livre	M51	Ser amada
M21	É se sentir realizada	M52	Ter paz
M22	É se sentir sempre bem	M53	Estar bem com a vida, não fazer mal a ninguém
M23	É se sentir realizada	M54	Ser amada algum dia e não só pagar as contas e lavar as cuecas
M24	Acreditar e estar de bem consigo mesma	M55	Minha vida com ele
M25	É se sentir realizada	M56	Ser amada
M26	Felicidade é ter amigos, se dar bem com a família e saber curtir a vida.	M57	Ser amada como amamos

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Felicidade			
Pergunta: O que é felicidade? (continuação)			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M27	Se sentir bem consigo mesma	M58	Ter conseguido chegar na minha idade amando e sendo amada pela mesma pessoa, graças a Deus
M28	Ser cuidada por alguém	M59	Ter realizações
M29	Ser amada	M60	Ser respeitada, desejada, amada, tratada como uma flor
M30	Ser mimada	M61	É ter saúde
M31	Ser amada, ganhar bem	M62	Ser amada e paparicada

ANEXO 2
Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Felicidade			
Pergunta: Você é feliz?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Sim	M32	Depende, na vida amorosa não
M2	Sim	M33	Não
M3	Sim	M34	Sim
M4	Sou	M35	Não sei
M5	Sim	M36	Nenhuma negra á feliz neste país
M6	Sou	M37	Não
M7	Sim, pois eu consegui tudo o que eu queria	M38	Sou, na medida que Deus permite
M8	Sou	M39	Sim
M9	Sim	M40	Sentimentalmente, não
M10	Sim	M41	Sim
M11	Sim	M42	Sou negra
M12	Sim	M43	Às vezes
M13	Me considero muito feliz	M44	Sim
M14	Sim	M45	Não
M15	Sim	M46	Minha felicidade são meus filhos, foi só o que valeu a pena
M16	Sim	M47	Não como seria o ideal
M17	Muito	M48	Não sentimentalmente
M18	Sim	M49	Sim
M19	Sou sim	M50	Sim
M20	Sim	M51	Um pouco
M21	Me considero feliz	M52	Nem sempre
M22	Muito	M53	Sou
M23	Sou feliz	M54	Não
M24	Me sinto feliz	M55	Sim
M25	Sou feliz	M56	Um pouco feliz
M26	Sou sim	M57	Não
M27	Sim	M58	Sim
M28	Não	M59	Nem sempre
M29	Não	M60	Em certas áreas
M30	Mais ou menos	M61	Sim
M31	Não totalmente	M62	Um pouco feliz

ANEXO 2
Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Solidão			
Pergunta: O que é solidão?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	É quando não se tem ninguém para desabafar	M32	Ficar sem um namorado
M2	Solidão é morar só	M33	Sim
M3	Não ter saúde	M34	Não ter um namorado
M4	Saudade daquilo que não realizamos	M35	Ficar sem ninguém
M5	Não respondeu	M36	Um monte de coisas
M6	É quando nos fechamos para o mundo	M37	Ter que fazer tudo sozinha
M7	Não respondeu	M38	Não receber flores no aniversário
M8	É não ter com quem compartilhar suas tristezas e alegrias	M39	Ficar só e sem esperanças
M9	É ser sozinha e largada	M40	Ficar só, sem perspectiva
M10	É se sentir só mesmo em companhia de outras pessoas	M41	Ficar só
M11	Não sei, nunca tive tempo de sentir solidão	M42	É não ter o que fazer
M12	Para mim não existe	M43	Um vazio inexplicável
M13	É se sentir isolado e não ter como compartilhar	M44	Deve ser alguém não ter amor
M14	É não ter com quem compartilhar	M45	É só servir. nunca ser servida
M15	É viver fechada em si mesma	M46	É a maior dor do mundo
M16	Ficar sozinha	M47	Estar acompanhada e se sentir só em suas emoções
M17	Não ter perspectiva	M48	Ser trocada depois de toda uma vida juntos
M18	É não ter com quem compartilhar	M49	É perder um amor como eu perdi
M19	É não ter com quem dividir	M50	Não ter ninguém
M20	Ficar sem ninguém	M51	Ser pouco amada
M21	Não ter amigos	M52	Não ser ouvida
M22	É não ter companhia	M53	É o que eu sinto agora a falta do meu marido que se foi tão jovem
M23	Não ter com quem compartilhar	M54	Minha vida
M24	É não conseguir se comunicar bem com as pessoas	M55	Não sei pois nunca senti
M25	Se fechar para o mundo	M56	Não ter com quem compartilhar
M26	É estar sozinha	M57	Um espaço que não é preenchido por nada que não seja o seu amor
M27	Não ter ninguém por perto	M58	Não sei
M28	Viver só	M59	Ficar só

M29	Pergunta idiota	M60	É perder o que nunca teve
M30	Ficar só	M61	Ser só
M31	Estar acompanhada e continuar vazia	M62	Ficar só

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Solidão			
Pergunta: Você se sente solitária ?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Às vezes	M32	Sim
M2	Não	M33	Sim
M3	Não	M34	Não
M4	Não	M35	Na maioria das vezes
M5	Não respondeu	M36	Vazia
M6	Não	M37	Muito
M7	Não	M38	Tenho vários momentos de solidão
M8	Não	M39	Não
M9	De vez em quando	M40	Muito, só trabalho
M10	Não	M41	Não
M11	Não, nunca	M42	Não tenho tempo para sentir isto , levanto todos os dias às três da manhã
M12	Não	M43	Às vezes
M13	Em nenhum momento	M44	Não
M14	Não	M45	Muito, mesmo quando estou com alguém
M15	Não	M46	Com muita dor
M16	Não	M47	Quase sempre
M17	Não	M48	Muito, procuro não pensar
M18	Às vezes	M49	Sim
M19	Não	M50	Não
M20	Não, não	M51	Às vezes, sim
M21	Não	M52	Quase sempre
M22	Nunca	M53	Sim
M23	Não	M54	Muito, mesmo com ele
M24	Não	M55	Não
M25	Não	M56	Sim
M26	Não	M57	Muito
M27	Não	M58	Nunca

M28	Sim	M59	Às vezes, mesmo casada
M29	Claro que sim	M60	Sim
M30	Às vezes	M61	Não, sou casada
M31	Na maioria das vezes	M62	Às vezes muito, outras um pouco, mas sempre a solidão está presente

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Etnia e escolha do companheiro

Pergunta: Você se considera negra?

Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Sou negra 100%	M32	Sim
M2	Sim, com muito orgulho	M33	Sou negra clara
M3	Muito	M34	Sim
M4	Sim	M35	Negrona
M5	Sim	M36	Sim, é a única certeza
M6	Sim,	M37	Sou negra
M7	Sim,	M38	Sim
M8	Muito	M39	Sou negra
M9	Sou negra	M40	Com muito orgulho, é a raça mais linda
M10	Sim, muito negra	M41	Sim
M11	Sim	M42	Sou bem escurinha
M12	A coisa que eu mais gosta na minha vida é de ser negra	M43	Sou negra
M13	Sim	M44	Sou negra
M14	Sim	M45	Com muito orgulho
M15	Com certeza	M46	Sim
M16	Sou negra	M47	Sou negra e linda
M17	Sim	M48	Sim
M18	Sim	M49	Sou negra. A Claudete me fez ver assim. Antes achava que era mulata
M19	Com certeza	M50	Sou negra
M20	Uma pretinha linda	M51	Sim
M21	Sim	M52	Sou negra
M22	Me considero negra	M53	Sou negra sim
M23	Sim, sou negra	M54	Sou negra. Esse é talvez o meu pecado neste país
M24	100% negra	M55	Sim
M25	Sim	M56	Sou negra com muito orgulho
M26	Com certeza	M57	Sou negra
M27	Negrona	M58	Sou negra
M28	Sou negra	M59	Sou negríssima
M29	Sou	M60	Bem negra
M30	Sim	M61	Mulata
M31	Com muito orgulho	M62	Sará

ANEXO 2
Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Etnia e escolha do companheiro			
Pergunta: O seu companheiro é negro?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	O meu ex marido era negro	M32	Estou só
M2	Não	M33	Não tenho, já falei
M3	Sim	M34	Meu namorado é negro e lindo
M4	Sim	M35	Só dou para homens negros
M5	Sim	M36	Não tenho
M6	Sim,	M37	É
M7	Não é negro	M38	Sim
M8	Sim	M39	Sim, bem negro
M9	Não tem	M40	Não tenho
M10	Sim	M41	Não
M11	Sim	M42	Casei com um negro, antes não tivesse
M12	Não ele é branco	M43	Não, branco de olhos azuis
M13	Não, ele é branco	M44	Não, é branco e não é brasileiro
M14	Estou solteira	M45	O falecido era
M15	Sim	M46	O ex sim
M16	Meu namorado é negro	M47	É negro
M17	Sim	M48	É. Agora é ex
M18	Não tem companheiro	M49	Era negro, que Deus o tenha
M19	Meu namorado sim	M50	Não, é espanhol e não é racista
M20	Sim, meu namorado é pretinho	M51	Ele é, mas acha que não. Fala que é moreno
M21	Estou sozinha	M52	É negro
M22	Sim	M53	Era
M23	Sim	M54	Sim é negro. Mas sai com brancas e não me larga
M24	Meu antigo namorado era	M55	Sim
M25	Era negro	M56	Quando fico com alguém, e isto não é sempre, é com negros
M26	Sim	M57	Sim
M27	Meu amor é negro	M58	Ele é negro, como Jesus Cristo era
M28	Sou separada	M59	Sim, negrão
M29	Nunca tive companheiro. Só fiz um filho	M60	Sim
M30	Fiquei pra tia	M61	Não, é branco
M31	Tenho ficantes, todos negros, mas nenhum me leva a sério	M62	Mulato

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Etnia e escolha do companheiro

Pergunta: Você tem preferência?

Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M1	Não, o importante é ter caráter e ser homem	M32	Sim, negro, alto, inteligente e honesto
M2	Não	M33	Na atual conjuntura, sendo negro e trabalhador já daria para encarar
M3	Tenho	M34	Sempre namorei negros
M4	Nenhuma	M35	Negros
M5	Sim, pelos negros	M36	Se quisesse, seriam negros
M6	Sim, negro	M37	Sim, negros
M7	Não, são todos iguais	M38	Sim, negros
M8	Tenho, por negros	M39	Deus colocou o negro em meu caminho e era tudo que eu sempre quis
M9	Não, tanto faz	M40	Sim, quero um homem negro que tenha feito o mesmo esforço que eu fiz
M10	Mais ou menos	M41	Não
M11	Sim, sempre desejei um negro	M42	Hoje, só branco
M12	Não	M43	Sempre gostei de louros
M13	Não	M44	Cansei de tentar com um homem negro, pois os preferia e só branco estrangeiro quis me assumir e me amar, sou feliz
M14	Gosto de negros	M45	Prefiro negros
M15	Sim, negros sempre	M46	Como toda mulher negra, gostamos dos nossos homens, que há muito não são mais nossos
M16	Sim	M47	Sempre gostei de homens negros, nunca me vi com um homem branco.
M17	Não troco meu companheiro negro por nenhum homem branco	M48	Sempre gostei de rapazes negros
M18	Tenho, prefiro negros	M49	Tive um único namorado e me casei com ele. Era negro.
M19	Negros	M50	Nunca tive, aconteceu de ele ser branco.
M20	Gosto muito de negros	M51	Gosto de negros. São lindos. Tem cada negão...
M21	Sim	M52	Sim, por negros. Tanto que casei e aturo, há anos, um
M22	Sempre preferi os negros	M53	Me casei, por opção, com um homem negro.
M23	Gosto de homens negros	M54	Por negros, mas me dei mal. Mas era a única opção.
M24	Tenho, gosto mais dos negros	M55	Sim, sempre tive pela minha raça
M25	Tem de ser negro	M56	Sim, tem que ser negro.

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Etnia e escolha do companheiro			
Pergunta: Você tem preferência ?			
Sujeito	Resposta	Sujeito	Resposta
M26	Gosto mais de negros	M57	Sim, por ele.
M27	Adoro o meu neguinho	M58	Pelo o amor
M28	Na minha situação qualquer coisa seria bem vinda	M59	Sempre tive. Aliás, toda mulher negra prefere o homem negro. O difícil é conseguir um. Por isso seguro o meu, pois minhas amigas vivem reclamando
M29	Negro tipo Vampeta	M60	Tipo Denzel Washington
M30	Negros, não burros	M61	Não respondeu
M31	Negrão	M62	Tanto faz

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Etnia e escolha do companheiro		
Pergunta: Os homens negros preferem as mulheres brancas?		
Sujeitos	Respostas	Por quê?
M1	Acredito que sim, bastante.	Para se afirmarem na sociedade
M2	Acho que não	
M3	Não	É acaso, se acontecer caminha bem, se não acontecer não rola
M4	Com certeza	Por causa da vergonha da cor
M5	É difícil dizer, acho que alguns sim, mas na minha família todos são casados com negras	É difícil dizer
M6	Sim	
M7	Nos dias de hoje acredito que sim	Porque vemos mais casais de negros com brancas e os negros não olham para as negras
M8	Meu ex- marido só gostava de negras e eu sempre tive companheiros negros	
M9	Acho que preferem	Porque é o que a gente vê
M10	Acho que sim	Pelo <i>status</i> de estar com elas
M11	É relativo	
M12	Vai do gosto, né?	
M13	É pelo gosto	

M14	Sim	Acho que isto é um fator cultural, tem que ver com valores pré-estabelecidos pela sociedade
M15	Não sei se realmente preferem ou querem apenas se mostrar	Querem se mostrar
M16	Acho que preferem	Não sabem o valor das mulheres negras
M17	(Nem todos)	Apenas os que não conhecem a nossa história ou os que são mau caráter
M18	Preferem as louras	Por causa do <i>status</i> e da mídia
M19	Acho que sim	Não sei porque
M20	(Nem todos)	Os que preferem não devem gostar de si próprios
M21	Não sei	Não sei
M22	Em geral preferem	Acredito que isto se dê , principalmente, pelo padrão de beleza europeu
M23	Sim , preferem	Por acham as brancas mais bonitas que as negras
M24	Acho que isto está mudando	Hoje os negros têm mais referenciais e estão valorizando mais as mulheres negras
M25	Sim	Porque não se valorizam enquanto negros e muito menos as mulheres negras
M26	Acho que preferem	Por que querem aparecer
M27	Não sei se preferem , mas ficam com elas	Para se auto afirmarem como homens
M28	Sim	São idiotas, porque eles querem clarear a raça
M29	Tá na cara que sim	
M30	Sim	São burros
M31	Sim	Os que não têm consciência
M32	A maioria sim.	
M33	É claro que preferem	O porquê eu não sei
M34	Os que têm dinheiro e status sim. Alguns aloprados, também	
M35	Não respondeu	
M37	Acho que sim. É o que mais se vê. .	Acho que eles querem clarear pra se promover
M38	A maioria sim.	
M39	Muitos sim,	Por falta de consciência
M40	Sim.	Por ignorância
M41	Acho que sim.	
M42	Todos no fundinho têm esta preferência, .	Porque são elas as belezuras
M43		Porque, para a sociedade , elas que são bonitas
M44	No Brasil, acho que sim, .	Devido à baixa auto-estima
M45	A maioria, .	Porque são tapados
M46	Sim	Porque são iludidos com elas e o sistema incentiva esta opção. Eles se sentem valorizados.
M47	Os com auto -estima baixa sim. Infelizmente são a maioria.	
M48	São todos uns sem-vergonha. Nos trocam por elas	
M49	Acho que a maioria sim. Não sei explicar.	

M50	Preferem. Não sei porque, mas sei que preferem.	
M51	Sim	São confusos e idiotas
M52		Miolo mole, resultado das propagandas.
M53	Os atuais, a maioria, .	Perderam a referência histórica, não dão mais valor à raça
M54	Sim.	São todos sem caráter
M55	Acho que sim	Por falta de visão, principalmente os mais jovens e os mais bem sucedidos.
M56	Uma parcela considerável sim, até do próprio movimento negro.	
M57	Claro, inclusive o meu ex, me trocou por uma branca.	
M58	Os sem fé, sim. Alguns evangélicos alienados ,também, pois onde estivermos não deixaremos de ser negros. Não podemos esquecer disto.	
M59	Principalmente os jovens e os jogadores de futebol. .	O Pelé é o responsável e odeio ele
M60	Os brasileiros,. Mas, a luta continua.	Pelo resquício do processo de escravidão
M61	Sempre gostei de homens mais claros	
M62	Acho que sim, porque não entendo, pois tem tanta mulher negra linda. A Claudete é uma delas.	Não entendo

ANEXO 2

Respostas do roteiro de perguntas

Tema: Etnia e escolha do companheiro

Pergunta: As mulheres brancas preferem os homens negros?

Sujeitos	Respostas	Por quê?
M1	Não mais do que os negros	Talvez por simpatia ou qualquer coisa do gênero
M2	Não	Não acho que é pela cor mas por afinidades
M3	Sim	Por que (os negros) são quentes (sexualmente potentes)
M4	Depende	Só os que têm dinheiro ou quando elas não têm opção. Dependendo do negro dá ilbope
M5	Não acho que preferem.	É porque acontece
M6	Apenas se eles tiverem dinheiro	

M7	Sim	
M8	Sim	Porque o negro é vistoso, bonito e educado
M9	Acho que na maioria das vezes.	Acho que porque eles são mais firmes e têm mais presença, mas não tenho certeza porque elas gostam.
M10	Acho que sim, principalmente dos que têm dinheiro	Não sei se é por isso (o dinheiro) ou se realmente é por amor
M11	Também é relativo	
M12	Não acredito que é a cor que influi	
M13	Não acredito que é a cor que influi	
M14	Acho que não. Ou ficam por dinheiro ou fama ou por falta de opção, a maioria das brancas que ficam com negros anônimos são feias.	
M15	Não	Acho que elas ficam com negros por diversos motivos, mas não pela cor.
M16	Acho que preferem	Talvez por acharem que poderão mandar neles.
M17	Acreditam que não prefiram os negros	
M18	As brancas preferem só os que têm dinheiro ou os muito bonitos	Por causa do <i>status</i> e da mídia
M19	Não sei responder	
M20	Sim	Porque os brancos não têm sal nem açúcar.
M21	Não sei	Não sei
M22	Acho que não é o caso de preferirem , mas de realmente aderirem ao assédio dos negros	
M23	Acho que para as brancas tanto faz ficar, mas acho que este não é o sonho delas, não acho que seja quem elas queiram levar para o altar e passar o resto da vida	
M24	Sim	As brancas têm uma visão dos negros como objetos de virilidade. É por isso que vemos muitas delas com negros grandes e fortes.
M25	Sim	Porque os negros geralmente servem a elas . São subservientes e as tratam como rainhas.
M26	Não preferem. Gostam de tirar casquinha	
M27	Não acho que preferem mesmo são os brancos	
M28	Alguma sim,	Porque o pênis deles é maior do que dos outros homens
M29	Só as vacas	
M30	Sim	Porque são espertas em todos os sentidos
M31	Não sei ao certo, conheço uma que ama loucamente um negro.	A maioria é só por interesse
M32	Só as que não conseguiram os brancos que queriam	

M33	Os bagulhos sim . Eas silicone por dinheiro	Por dinheiro
M34	Não. Elas só tiram proveito da situação deles	
M35	Claro que sim, mesmo enrustido	Elas sabem o que é bom
M36	Sim	Tem a ver com o fetiche e as conveniências econômicas
M37	Sim	Interesseiras
M38	Sim	Porque são tratadas por eles como deusas
M39	Sim	Pela (influência da) mídia e interesse
M40	Sim	Por oportunismo, com raras exceções
M41	Acho que algumas	Não sei explicar
M42	Claro	Elas os fazem de gato e sapato
M43	Algumas	Por vários motivos
M44	Acho que só aqui no Brasil.	Por diversas razões, mas a principal é para se promoverem
M45	Sim	Sabidas, sabem o que é bom.
M46	Sim	São oportunistas, querem tirar proveito. Eles lambem o chão para elas. Agora, com a mulher negra é só maus tratos.
M47	Sim	Elas acham sempre que podem ficar com o melhor e podem.
M48	Sim	Para terem uns palhaços que fazem tudo o que elas querem. Tiram o couro deles.
M49	Não	As que ficam com eles, com raras exceções, é por interesse.
M50	Não sei dizer ao certo, mas é só um pretinho ter uma condição e elas atacam.	
M51	Sim	Por interesse
M52	Sim	Miolo duro. E aproveitam-se da propaganda que as favorece
M53	Sim	São espertas, enganam os negrinhos
M54	Algumas	
M55	Sim	Para obter vantagens financeiras
M56	Não diria que preferem	Elas os exploram e os escravizam, com certeza.
M57	Sim	são todas umas safadas, aproveitadoras
M58	Sim, algumas, tem várias situações, prefiro não comentar	
M59	Sim	Querem status, dinheiro, e as burras, os intelectuais negros.
M60		Elas são capitalistas ao extremo. Detém o poder de sedução imposto pela mídia e isto torna a competição desleal com a mulher negra.
M61	Não acho, uma minoria	
M62	Sim	Por interesse a maioria delas.

ANEXO 3**Transcrição dos discursos Grupo Focal****23/02/08****Moderadora:**

- Bem gente, então vamos fazer 1 hora de grupo. Bom dia.! Todas sabem que está sendo gravado não é? Confortável para todas? Tudo bem? Bom, vamos conversar um pouco sobre a vida amorosa da mulher negra. A Claudete explicou para vocês o objetivo do nosso grupo. Ele é um grupo informal, embora todas as informações sejam utilizadas na dissertação. E nós gostaríamos que vocês ficassem muito à vontade entre mulheres negras, para discutir, para falar sobre emoção, sentimentos, preocupações que vocês têm sobre o homem negro. E que vocês troquem informações, conversem à vontade enfim, coloquem as cartas na mesa que este é o momento.

Vamos lá meninas, como está a vida amorosa hoje?

Ashanti:

- Muito ruim.

Moderadora:

- Muito ruim, por quê?

Ashanti:

-Eu acho que o homem negro não olha para mulher negra. A auto-estima da mulher negra está muito baixa, pelo que eu vejo. Embora eu esteja percebendo que a meninada mais nova, de 15 e 16 anos, está namorando homem negro, mas na minha faixa etária está pegando branco.

Moderadora:

- Vocês concordam?

Mali:

-Eu, na minha vivência, já não posso concordar totalmente, porque há 33 anos estou com o mesmo marido e negro. E assim, já passamos altos e baixos e assim, muita coisa terrível já aconteceu na nossa vida e agente continua junto. Gosto de estar com ele. E eu assim, eu acho que talvez uma questão de preconceito, eu não gosto de homem branco. Se eu tiver que olhar, se eu tiver

que admirar eu gosto do homem negro. Eu acho ele mais sensual, eu acho ele mais vistoso. Para mim o homem negro é ideal e, assim, eu vivo isso. O meu marido é um homem negro bonito. Eu acho ele tudo de bom. Acho mesmo, em todos os sentidos, né? É a vivência que eu tenho. Eu tenho duas filhas, uma casou com um negro e a outra casou com um sarará. Mas, é o negro que elas admiram muito. Tanto faz o negro, o branco, o japonês, mas que tem uma preferência pelo homem negro. Então, assim, pessoalmente, eu estou bem com esse homem negro.

Moderadora:

- Mas, você percebe a sua volta, aquilo que ela falou?

Mali:

- Isto é o que eu quero dizer. Eu vivo neste momento, na camada em que em que vive a maioria da minha família, a minha mãe é branca e todas as irmãs casaram com negros, e as primas casaram... e aí, misturou muito... na pele a gente não sentiu... ah, por que foi o branco? Por que foi o negro? Negro está em alta na minha família, entendeu?

Ashanti:

- Eu entendi o que ela quis dizer, lá fora. Mas eu convivo num ambiente em que o negro está bem!

Moderadora:

- E vocês?

Ashanti:

-Eu sou casada com um homem negro há 19 anos, mas quando eu coloquei isto... eu tenho um monte de sobrinhas, um monte de primas.

Mali:

- É difícil, eu concordo.

Ashanti:

-Eu me coloco no lugar delas.

Mali:

- Mas é que eu convivo com uma faixa, assim... amigos que eu convivo que casaram, todos foi uma coincidência mas, assim... amigas, no meu lado pessoal, não no meu pessoal só... família, amigos. Tenho umas amigas na Pompéia, umas amigas na Lapa, a gente já fez alguns trabalhos juntos, que, por coincidência, todas casaram com negros e estão até hoje, 30 anos, 25 anos de

casada com esse mesmo negro. E está dando para... Eu já pedi ao contrário, aos mais novos, eu já vi este problema, talvez porque eu sou mais velha que, no caso delas, na minha faixa aconteceu o contrário.

Hembadonn:

- Na nossa faixa é mais fácil a negra conhecer outro negro. Hoje eu tenho duas filhas, uma tem 20 outra tem 24 e não conseguem arrumar namorado negro. Sei lá, não conseguem... É muito difícil. Elas reclamam. Estão tentando... Eu tenho vários sobrinhos e todos namoram com brancas.

Moderadora:

- E, por que você acha que elas não conseguem arranjar namorado?

Hembadonn:

- Eu não sei...Elas falam, elas dizem, que os meninos negros não olham para elas, sabe? E isto é muito triste, não olham, sabe? Elas saem nas baladas, pros bailinhos, barzinhos. E é difícil. Agora, uma das minhas filhas está namorando com um negro. Mas tem a outra que não consegue.

Moderadora:

- E vocês?

Ashanti:

Eu acho assim: a menina negra, ela é bonita, ela tem aquela coisa bonita da preta mesmo. Quando ela passa fica todo mundo de olho nela, até o próprio negro. Mas, o que acontece com este próprio negro? Você passa, o negro olha pra você. Você sente que ele está se acabando em você. Mas, que beleza! Mas, se você deixa ele perceber que você viu, ele se retrai. Então, quer dizer, ele vai, tem aquela coisa boa assim... ele te vê e te olha como "nossa que interessante !" No momento em que você deixa que ele perceba que você o viu, ele já vai se retrair. Por quê? Porque ele tem um conceito diferente de vida. Talvez... No passado eu tive um namorado, há muito tempo atrás (risos de todas). Ele tinha uma visão diferente. Uma vez a gente foi a um certo local e a gente viu uma menininha, branquinha, passando por ali. "Aí ele chegou para mim e falou:" K. tem uma menininha tão branquinha. Ela parecia um anjinho". Aí eu fiquei esperando. "Era bem loirinha, de olhos azuis". Eu falei: Ah é?. Era um anjinho de olhos azuis? Ah é?, e a criança negra não parecia um anjinho, se não tivesse a pele tão clara e olhos azuis? Acho que o homem negro, os homens de hoje, se sentem à mercê, se sentem escravos. O exemplo está lá, no passado. Aí,

ele vai, ele viveu, ele soube da situação do passado que acabou com a imagem do negro. Aí ele viu a gente como o quê? Como escrava, como feio. Que ele foi... .O preconceito que ele sofreu no passado, a escola, na casa, entre os amigos... Porque os amigos, infelizmente, eles têm aquele estigma: quem é branquinho é bom. E puxar o tapete vermelho para que ele se sinta à vontade, e tem aquela consideração toda. Aí o homem negro, ele já uma história e acho que a idéia dele não é perpetuar a raça. A idéia dele vai ser clarear. Uma vez que ele se sinta mais claro, o filho dele clarear cada dia mais. Aí ele talvez se sinta mais aceito na sociedade. Mais entre os brancos, do que como em parte dos negros.

Moderadora:

- E vocês, meninas?

Mali:

- A mídia é a maior culpada aqui. Porque ela vende essa imagem que o branco é tudo e o preto não. Então ele até, concluindo a sua fala, para se auto afirmar, acaba buscando a branca para se aparecer mesmo, para se auto afirmar na sociedade. Porque é a sociedade que deixa a gente de lado. E nós, como negros, não somos capazes de ter uma boa profissão, de ter um bom cargo, de ter uma boa formação. Então, o negro, assim vai... principalmente nos jovens, quer sempre se auto afirmar. Então, de repente, com a loira ele vai aparecer mais.

Nehanda:

- Acho que o negro só está usando mais a mulher negra como objeto, um objeto dele. Ele namora quando é novinho, mas não é no sentido do negro namorando com a negra, aquela coisa bonita. Mas, sim, como objeto.

Moderadora:

- O que você quer dizer com objeto?

Nehanda:

- Ah, ele usa de toda forma, sei lá o que... E, pronto, acabou, sai falando.

Karimu:

-Tem uma história de um cliente negro, tanto aqui e outro lá. E aí, o que aconteceu com o jovem negro. Muito jovem negro, quando quer acender sexualmente, aí, por ele ser negro, ele vai ter aquela coisa assim... Ele vai iniciar a vida dele. Vai...

Nehanda:

- Vê revistas...

Karimu:

-Vai lá, o bonitinho... Chega até passar esse negócio da revista... Vai com aquela idéia assim, que ele vai com a idéia que para ele é mais fácil para ele iniciar o aprendizado com uma menina negra, que está mais acessível a ele no momento. E, quando ele tem aquela explosão com a garota negra, ai ela se sente valorizada, ela vai abraçar a proposta, vai querer realmente ficar com ele e tal... Enfim, aí ele tem todo aquele auto-conhecimento, só que eu suspeito que só foi para o auto-conhecimento mesmo. Acho que para maioria dos garotos, a idéia é bem esta. Porque quando ele teve essa fase, ele já vai pegar aquela mocinha mais...Para que? Para desenvolver uma história. Aí, ele vai, realmente é... Passou da puberdade, já teve aquele conhecimento amplo do que seria e, aí ele abraça a idéia. E, aquela menina primeira que ele conheceu, ele passa uma borracha nela. Ela foi apenas um objeto para que ele chegasse a isto.

Hembadoon:

- Olha, eu concordo aqui com algumas falas. Eu acho assim: o negro, a maioria homem negro, ele faz questão de desfilar com uma branca. Então... é a mulher também...É bonito apresentar a namorada ou o namorado para família de negros. Chegar lá com uma branca, ou com um branco.

(vozes ininteligíveis)

- Não, mas a família aceita...

Hembadoon:

-Num primeiro momento, é da vida dele. A primeira coisa, quando ela vai embora: - Ah, mas como que ela é bonita, que branquinha!" Ninguém percebe o caráter e a personalidade, se ela é branca. Eu tenho 3 filhos, os dois mais velhos estão namorando afro-descendentes. As duas afro-descendentes me chamam de dona H.. Chegam lá e "dona H, oi dona H." E eu: "Oi, B., oi J" E, a branquinha, que é a do mais novo, me chama de H.

(risos)

Hembadoon:

-A branquinha dá insulina na minha mãe, eu não consigo aplicar e ela consegue. Ela fala assim pra minha mãe: -“Vamos dona L., tomar a insulina”. As afro-descendentes chegam e falam: ”Eu levo a senhora no posto”. Então tem uma diferença.

(intervenções ininteligíveis)

Hembadoon:

-A gente vê o conflito de geração, não tem como a gente evitar isto daí. Bem, aí quando elas vão embora, eu falo: -“Ai, meu Deus, elas são tão diferentes”. “Mas diferentes como, mãe?” (imitando o jeito de falar do filho). Sabe, o mais novo responde: “Diferente como?” “Não assim filho, o comportamento, né?” A F. sobe, desce, parece que a casa é dela. Eu vejo que tem, assim, o comportamento um pouco diferente. Mas olha que o negro gosta de desfilar com a branca... me desculpe...Eu vi no Metrô, agora 4 casais. Tudo trocado. Branco com negro, negro com loira. Eles adoram.

Moderadora:

-(ininteligível)

Ima:

- Não, ele gosta, sim, é de desfilar com loira de olho azul e a negra com loiro de olho azul. Isto é um prazer, não é?

Ima:

- Eu também tenho um filho, jogador de futebol. A maioria deles, negros, jogadores de futebol, são casados com brancas, com loiras. O meu filho é casado com negra, só que ela não se assume como negra. Então a mãe é branca, e o pai é negro. A avó é bem negra, bem pretinha, então não tem como dizer que ela é branca. Ela colocava uma cabeleira, tingiu de loiro. Tudo bem, mas ele diz que jamais casaria com uma branca. Então divergem muito um do outro. Eu fui casada 14 anos com um homem negro. Me relacionei depois, 10 anos, 12 anos, com outro negro. Nunca fui negada. Estou há um ano com um homem negro, engenheiro. Estou em todos os lugares em que ele está. Ele faz questão de ficar comigo em todos os lugares.

Moderadora:

- Negro?

Ima:

- Homem branco. Ele faz questão de estar comigo em todos os lugares.

Moderadora:

-Então, entendi que você está, agora, com um homem branco?

Ima:

- Homem branco. É engenheiro. Ele vai em jantares, festas, sou tratada assim, maravilhosamente. E, com um homem negro não consegui, trabalhando, ajudando, sabe? Fazendo tudo. Você vê, meu filho se é jogador hoje, agradeça a mim. Mas, enfim, pra que dizer: “meu filho é jogador”? Eu acompanhei meu filho, mas pra auto-estima dele não abaixar muito, eu falo: “é mesmo, tem razão”. Mas, agora não adianta.

Chiniyere:

-Eu acho assim: não sou casada, mas eu comecei a trabalhar na prefeitura, o salário era baixinho. Agora que melhorou a situação, um comenta com o outro, é tudo...Os rapazes falam: - “E aí, dona C. ?” Eu digo:- “Bom dia, bom dia!” Todo negro antes não me cumprimentava. Agora, sou funcionária pública e eles sabem que estou ganhando bem.

(risos)

Moderadora:

- Ou seja, você mudou de cargo?

(risos)

Chiniyere:

-Mudei de cargo, estou ganhando bem. Agora já começaram a conversar. – “Oi, C, tudo bem?” Agora estou ganhando bem. Eu dou muita risada. Sou funcionária pública, trabalho na creche. Eu tenho me dado mais com homem branco. Com um senhor, eu converso, bato papo “vamos conversar um pouco?” Estou cheia de homem branco (risos de todas). Agora, o negro eu vejo que sabe que estou ganhando bem. Se eu quisesse hoje arrumar um casamento, eu arrumaria um negro, mas por quê? Porque estou ganhando bem. Como carrego a minha família nas costas, não estou interessada. A minha sobrinha é negra. A minha irmã é negra e casada.

Moderadora:

-Você não acha que um negro pode gostar de você?

Chiniyere:

- Um homem bem negro... Eu sinto que meu cunhado, ele não gosta de branco, porque ele fala pra minha sobrinha assim: - "Filha, você tem que namorar com um negrão". A minha sobrinha olha pra ele, tem 18 anos, ela fala: - "Está bem pai, mas e se eu gostar de um branco?". Ela fala que tá bom pai, mas não vai escutar. Mas eu olho para cara dele e falo: "Ô, não pode ser assim, e ela não pode ser radical. Assim vai acabar, sabe o que? Não namorando nem branco nem negro. Vai ficar solteirona porque o pai não vai aceitar, porque é radical". O meu cunhado é radical, o que ele quer é o marido dela negro. Ele só gosta de negro, ele sofreu muito na infância dele, então ele não aceita, ele sofre muito. Já o sobrinho dele, automaticamente faria tudo. A minha irmã tenta mostrar para ele que ele não tem que escolher, este negócio se é branco, se é negro. Ele tem que gostar, porque o gostar é que faz bem para a pessoa, como ele gosta da minha irmã. E eu moro na Tiradentes. Os meninos (de lá) começaram a vida sexual deles. As meninas negras participaram das comunidades daquela região. (Os rapazes negros) namoram com aquelas meninas, ficam um tempinho. Se a moça ficar grávida, tem o nenê, ele não... Porque a moça negra assume a criança. Ela deixa o cidadão livre. Se ele fizer isso com uma branquinha, automaticamente, ele já vai casar e pagar pensão. É o próprio negro que não se valoriza. Ele tem formação, mas não se valoriza, então o menino negro abusa muito das meninas negras. Elas também partem pra cima... tem uma lá que...No momento, assim, está bom, tem uma lá que..."se quiser ficar comigo, tudo bem, mas você vai pagar pensão". A negra aceita, ela protege a criança, né? Com comida, assim e não o branco... amanhã fala pro pai assim: - "Vou casar" Aí, não passa nem perto da negra. Então é a valorização da pessoa.

Leiato:

- Bom, eu sou viúva. Eu fui casada 30 anos com um homem branco. Meu marido era branco, descendente de italiano. Eu sofri muito preconceito, mas não pelo meu marido, pela família dele. Quando a minha filha nasceu, a minha sogra demorou 20 dias para ver a nenê. Quando meu marido falou: - "A senhora não vai ver a minha filha?" Ai ela resolveu ir na minha casa. Quando ela chegou, a Elisabete estava no berço, ela olhou e falou: - "Ai, ela é branca". Eu falei: - "É por

isso que a senhora não veio? A senhora pensou que a sua neta era preta?” Ela falou: - “Não é isso, é que eu demorei”. Ai ela caiu em si e começou a dar um monte de explicação. Ai eu falei pro meu marido: - “Sua mãe é racista mesmo, nem de mim ela gosta”. Ai ela começou a por um apelido em mim. Ela me chamava de “Neguinha”. Ai meu marido foi um dia falou assim: - “Olha, a minha mulher não foi batizada por nome de “Neguinha”. Ela foi batizada com o nome de Leiato, o nome dela completo. Então, eu gostaria que vocês chamassem pelo nome dela, de Leiato e não de “Neguinha”. Ai quando elas faziam as festas deles, a “Neguinha” estava sempre de fora, a “Neguinha” sempre de fora. Aí o meu marido começou a não ir mais em Natal, em festa, em lugar nenhum . Aí eu falava pra ele - “Vamos !” Ele:- “Não. Por que fingir essa coisa, com a minha família?” Mas, o meu marido foi bom para mim durante 30 anos, sempre me defendeu. Durante 30 anos que eu vivi casada com ele, ele nunca chegou para mim e falou: “Nega”. Ele sempre referiu meu nome “a Leiato.” E assim, se me chamassem de “Nega” ele falava: -“A minha mulher, não quero que chame de “Nega”. É Leiato” . Até morrer ele me chamou de Leiato.

Moderadora:

- Vocês concordam com que elas que hoje existe...

Leiato:

-Existe, sim. Porque tenho meu filho caçula. E o meu filho caçula é racista. Ele é preto e é racista. Ele só gosta de meninas brancas, de olhos azuis. E eu tenho uma netinha branca, de olho azul. Uma galega de seis meses. Quando eu saio com a minha galega na rua todo mundo olha para mim e fala assim: - “Ela é a babá dela, né?” “Acho que é a babá dela né?” Eu tenho que falar:- “Não, é a minha netinha”. Pra todo mundo saber que ela é a minha netinha. E agora, tenho um (filho) de 30 anos. Ele não é branco, é mulato, é mulatinho claro. Mas ele fala para mim: -“Mãe, eu adoro todas negas”. Ele só arruma mulher nega. Os filhos dele são todos pretinhos. Ele fala: “ eu amo as meninas pretas”. Então eu acho assim, que vem da pessoa, né? Vem da pessoa. Porque um é racista, o outro não quer saber. Então eu estou naquele meio assim, entendeu? E a minha filha é branca, de olho claro, tem os olhos meio verdes, cor de mel. Mas não é racista não. O meu genro é mulatinho é mais pro preto do que pro branco. Vivem bem. Eu acho assim, que existe o racismo até hoje no Brasil porque eu vivi este racismo. O

tempo todo que a minha sogra viveu, eu nunca tive bem ao lado dela e ao lado do meu marido porque a neguinha entrou na família.

Phenyo:

- Bem, eu fui casada. Ele não era preto nem branco, mas se julgava branco, tá? 19 anos e sofri muito com ele. Sofri bastante 19 anos de casada. Depois me separei. Vivi uma vida de solidão 8 anos, né? Agora eu conheci outra pessoa Maria conhece, não é preto nem branco, ta? É uma excelente pessoa. Me leva pra todos os lugares. Não tem vergonha de mim, coisa que o meu marido tinha. Eu saia na frente e ele atrás. Ele criou os meus filhos falando que eles tinham que clarear a família. Acho que isso ai também, eu acho que quando um preto prefere um branco, também é da criação de dentro de casa. "Os próprios negros fazem racismo, porque ele falava:" não criei vocês pra casar com preto." E os meus filhos são todos pretos, puxaram a mim, entendeu? Eu acho assim, eu gosto de pretinho, eu não abro mão, não é? Mas o preconceito ta ai.

Moderadora:

- O que você percebe?

Selam:

- Sou casada com um negro há 35 anos. Meu filho tem 34 anos, negro também. Eu não me dou bem com o meu marido, a gente até já acostumou, né? Mas a gente criou meus filhos também pra manter uma família negra. Meu filho hoje namora com uma negra também, né? Ele já namorou com branca, com negra, mas eu sinto que essa menina que ele namora hoje...ela é dez anos mais nova que ele, mas é esta menina com quem ele vai casar. Ela tem duas irmãs, uma é noiva e a outra casada com homens brancos, só ela que optou por casar com negro. O meu filho a maioria das vezes foi com negra mas também agente sempre passou isso. Eu e o meu marido passamos isso pra ele, que a gente tem que ter uma família negra. A família tem que ser ne? Assumir isso.

Moderadora:

- E você também tem essa percepção, de que...

Selam:

- Ah, sim. Sim

Moderadora:

- Eles escolhem...

Selam:

-Sim eles escolhem. Podem relacionar com mulheres brancas, sim.

Ashanti:

- Ô Ana, ... perguntei pro pessoal essa dos homens negros ficarem com as mulheres brancas. Eles falaram que vão nas baladas e as branquinhas olham e eles correspondem muito mais fácil. As mulheres negras fazem um clima...(risos) Não é tão fácil assim. Olhar pra uma branquinha é rápido. Ou nem precisa olhar elas chegam. É só ficar parado que elas vêm.

Moderadora:

- Ou seja, nisto que você esta narrando ele tem a percepção de que a mulher negra não é tão fácil.

Selam:

- É, pelo que eu entendi que falou ai...Tem uma outra coisa que eu tenho observado. Tenho um sobrinho. Ele ficou 5 anos lá em casa. E dali a pouco tempo ele arrumou uma namorada branca, eu fiquei tão decepcionada. Eu falei pra ele: "Puxa vida com tanta nequinha boa você pegou logo uma loira. Será que não tinha nenhuma pra você?" Ele falou: Ô tia não tem nada a ver né?

Moderadora:

- Quando vocês colocam, né? Que a mulher negra serve de objeto para o homem negro. Que vocês acham, vocês todas é importante a opinião de todas, que vai acontecer com esses casais? Avalie o futuro.

Ashanti:

-Eu acho assim: eu acho que o homem negro, ele pega mais a mulher negra pra bagunçar, pra balada, pra levar pra cama. Pra ser a mãe dos filhos dele ele vai querer uma branca.

Karimu:

- Não tem jeito, não tem jeito. Pegando uma caroninha no que a...falou, a mulher negra não é a mais difícil, não tem que ser a mais difícil, ela tem que ser a mais trabalhadora. A mente dela já é mais perturbada, pelo que ela vive, ai ela é resistente. E o que ela faz? Ela para. O rapazinho olhou para ela, é um.....ela sabe que é um material de sempre, ai ela olha aquilo, pensa vou esperar um pouquinho que isto não é para mim. Ele deve ter olhado pra mulher branca.

Mali:

- Deixe eu colocar uma coisa. Acho que o que aconteceu em relação aos negros é uma questão de educação. Educação quero dizer da escola, mesmo. Porque é assim ó, eu convivo com a educação infantil. No CEF tem um livro, educação infantil não mostra o negro. Quando a gente quer trabalhar a família negra é o “tanto, tanto”. Então não tem acesso. Desde pequeno o negro fica à margem, então começa a ter que se auto-afirmar em relação ao branco querendo mostrar que ele é o dono da branca lá, ou vice-versa. Mas acho que se a educação mostrasse, se a educação tivesse, na escola, dentro de casa, desde pequeno, a gente começasse a valorizar mais o negro, então a negra não teria estas vacilações de não se achar tão...que elas pode, porque ela pode mesmo. Que às vezes ela fica : “não pode, será que é comigo?” Porque ela tem um histórico todo atrás dela que nunca foi valorizado. E o negro a mesma coisa. Porque o menino negro, olha, tenho um neto de 8 anos. Ele não pode, ele entrou na escola, ele falava: “Eu não sou negro.” E ele é negro. Ele é filho de negro com negra. Ele não tem, ele não é... mas eu falei que alguma coisa não estava, tinha que ver o que estava acontecendo naquela escola. Então, vamos lá! Eu quero ir lá! Mas, é por que? Porque ele já tinha perdido o nome, ele era “o nego”, ah o neguinho...não ele tem nome, ele é Julio César, sabe? Então vamos começar a valorizar: ele tem uma situação, ele tem pai, ele tem mãe. Ele não precisa ter apelido. Então assim, eu acho que ele está...Esta educação está faltando na base, na base mesmo, na família ou é na escola, de valorizar mais a nossa raça. Então chega ai nesse ponto, quando começa a, você vai ter que mudar os caminhos, aí você esta numa sala de aula, que é um curso melhor, você é a única, é meia dúzia de negros, o resto é tudo branco. Você vai num serviço que é melhor, é tudo branco. Você liga a televisão, você só vê papéis secundários para os negros. Então estas coisas mexem com a auto-estima da gente né? Então quando começa a família que mistura, então acontece isso: “Será que é comigo?” Será que não é? Mas acho que a educação em nível, acho que é de país mesmo, devia ter mesmo, leis. Mas não acontece. Não se fala em negros normalmente como estamos falando aqui, não se fala na sala de aula, não se fala com as crianças.

Chinyere:

-O que vai acontecer com esta família: ela vai se fechar, se retrair. Porque ai vive aquele marido que bebe, ele não tem a expectativa de ir pra frente com o filho dele. Então a criança fica bem...achada. Só vê aquela família, pai mãe negros, mas não tem expectativa na vida e para o filho, ai ela vai arrumar a namoradinha branca . Porque aí eu vou melhorar, não vou ser igual a minha mãe que ficou em casa. Então é formada dentro da casa o papel do pai, da mãe, como negro. E ter aquela cultura, olha vamos melhorar e não importa a cor da pessoa, mas o pai e a mãe vão se educar, sicrano vai estudar. Então se esta na escola, a policia para um negro é bandido e ai o pai se preocupa, se tivesse com uma branca a polícia não ia parar ele. E carro novo às vezes se o negro está num carro novo eles já partem e às vezes o cara é motorista do patrão. Está com o carro.

Moderadora:

- Então vocês acham que além de embranquecer vai melhorar a vida social deles?

Phenyo:

- Ele acredita.

Mulher (?)

- Eu não acredito.

Mulher (?)

- Assim, ele acaba acreditando, né?

Haben:

-Porque olha. Os meus pais são casados há 26 anos são negros, meus irmãos todos negros. Mistura de raça não tem na minha família. A minha avózinha foi escrava, em Caçapava, então ela morreu com 102 anos e ela passava muito bem pra todos nós o que era. Mas hoje o meu pai se decepcionou com meu irmão mais velho. Ele estava casado há 10 anos com a minha cunhada negra e separou e está com uma branca hoje. Então é uma tristeza porque na hora da situação difícil ele estava com a negra e hoje ele tem uma vida tranqüila e bacana e quem está levando a vida bacana é a branca. E quem construiu foi a negra. Então eu não sei, não consigo descobrir o que leva uma família que é bem consciente a fazer com que um vai pra este lado, eu não consigo, não entendo.

Moderadora:

O que vocês acham que leva... ?

Ima:

- A mulher negra é que provoca esta situação.

Haben:

- A minha cunhada aprontou. A minha cunhada aprontou.

Ima:

- A mulher provoca essa situação. Desta vez ela foi fraca não agüentou e largou.

Haben:

- Ela provoca esta situação. Mas tem um outro caso que eles falam do meu irmão, ele fala que convidava ela pra sair e ela nunca estava animada.

Mulher (?)

-Mas porque ela não estava?

Haben:

-Agora não, e tem outro fato que a minha mãe fala. Tinha muita festa e aquelas mulheres loiras e aí você fica que nem um zumbi no meio delas.

Ima:

- Você tem que se impor. As mulheres negras têm que se impor.

Haben:

- E ela não ia.

Ima:

- Sabe porque que ela não ia, ela ia ficar no meio daquelas ali e ia se sentir mal.

Mali:

- Mas tem que ir, porque ela não foi e não deu outra. E demorou muito. Agora você vê, pegando um ganchinho seu. Você vê o Programa X. O A. é noivo de uma sobrinha minha. É negra, advogada. Será que quando ele sair de lá ele vai continuar noivo?

Phenyo

- E tem outra coisa..Se ele sair ganhando um milhão, será que a cabeça dele? Será ? Será que ele vai freqüentar, será que vai ver negras?

Selam:

- E ela, está mais famosa, vai sair com um negro?

Ima:

-Vai saber... Eu acho que tudo isto, a mulher, a negra, tem que se impor. Que nem o cara. Isto existe muito. Eu tenho amiga que de monte, que vive dizendo: Ah, aí eu não vou porque eu tenho vergonha. Ah, eu não vou acompanhar, ele que vá. E nesta de ele que vá, tem a outra que vai junto, sabe as brancas estão assim, caindo matando, não querem saber. Elas estão vendo o homem negro assim como uma coisa mais maravilhosa do mundo, com elas eles são. Eles carregam as sacolinhas delas no mercado. Faz uma pesquisa na galeria à noite pra você ver o número de negrinhos com as brancas é um negócio sério. Aqui na galeria "X", sexta feira, nós estávamos fazendo uma pesquisa. O que você vê de negrinhos com brancas não está escrito e todos carregando as bolsinhas delas. Eles carregam as bolsinhas delas. Elas, horrorosas, gordas, enormes, não têm corpo bonito.

Moderadora:

- Mas são brancas

Ima:

- Aí é que tá. Mas o que que é isso? É a negra que da chance, porque ele estivesse de mãozinha dada com a branca a negra já começa, já se encolhe. Então ela tem que se impor. Enquanto a mulher negra não toma decisão de se impor.

Moderadora:

- Como vocês acham ou como vocês entendem sendo preteridas pelo homem negro, ou como vocês acham que a mulher negra se sente sendo preterida ou passada pra trás, pelo homem negro? Quais são os sentimentos?

Mulher (?):

- Eu achei ótimo!

Mali:

- Eu até quero falar uma coisa sobre o Programa X. Eu até comecei a fazer uma corrente, para alguns que tem o meu e mail eu até mandei. Eu fiz uma corrente contra esses programas. Por quê? Eu coloquei assim pra ver como eles estão vivendo uma imagem só do branco. Um programa nível nacional, como ele tem um negro, será que ninguém mais que é negro se inscreveu? E eles escolheram só o F. Então eu coloquei o que acontecia com a TV X. Mandei assim para algumas para algumas amigas para ir repassando: "Programa X. Suécia ou

Brasil? Porque o Brasil tem o negro ali, né? Como a TV X será que ela não vê, ela não mostra a mulher negra, ela não mostra o homem negro. Que ela desta vez colocou o F. E aí? Aí, infelizmente tem umas pessoas que não têm a cabeça aberta. Ela compra essa imagem. Se a loira, olha gente desculpe a palavra, se aquela loira lá, rampeira, vagabunda, que é a moda, que é a que vale a pena e não a *nega* comportadinha. Senão eles querem colocar uma negra burra. Porque aqui tem um bando de mulheres negras inteligentes. Aquela que passou mal que teve uma estafa.

Mulher (?)

-Será que nenhuma negra inteligente se inscreveu?

Ima:

- Mas agora deixa eu falar. O F. estava numa balada, numa balada de maioria branco, na Cardeal Arcoverde. Chegaram lá chamaram pra conversar e foi ai que o chamaram.

Mali:

- Mas então, será que eles enxergaram um negro?. Eu coloquei isto no papel, escrevi praTV X. Eles mandaram resposta pra mim. Porque eu acho que a gente tem que começar a se colocar mesmo. Nós, mulheres negras. Mas a gente tem que se impor, tem mesmo. Que a televisão vende essa imagem, infelizmente quem não tem a cabeça boa acha que é o branco que faz sucesso. E a gente tem que provar que a gente tem o nosso valor, sim.

Eu já tive uma experiência de racismo na pele. Eu fiquei 5 anos num banco de faculdade, que o meu amigo não falava comigo. Eu achei que ele não gostava de mim. Mas ele só não gostava porque eu era negra. Ele, é chato dizer, mas ele morreu. Parece piada, mas ele morreu e eu continuei mesmo sendo negra, mulher que tinha comentado: mulher velha e negra que quer o quê? Mostrei que era capaz disso. Então acho que a gente tem que começar a mostrar pra essa mídia, pra esse povo que acha que a gente não tem valor, mudar esse jogo e aí o negro, esse homem negro tem que ajudar, ele também, desde pequeno, pra ele mudar e ver que a mulher negra tem valor.

Moderadora:

- Então, com base nisso, como é que vocês acham que a mulher negra se sente ao ser preterida pelo homem negro, quando ele escolhe uma branca?.

Como vocês acham que ela se sente?. Algumas de vocês ainda não colocaram como é que vocês se sentem?

Haben:

- Eu tenho uma sobrinha e uma prima. Olha, estão tão tristes, tão por baixo. Chega sábado à noite, às vezes eu ligo ou elas ligam em casa: “Vocês vão sair?” Sair pra que? Não vão arrumar nada mesmo. Não tem nada de interessante. Então eu acho que hoje nós precisamos levantar o astral delas. Eu não vou pro shopping, mas tá bem, eu estou casada há 19 anos com um homem negro. Mas, esta menina que está aí? O que vai acontecer, vai acabar com a raça negra, então?

Moderadora:

- E vocês, o que acham dos sentimentos?

Ima:

- Vai fazer um trabalho com esta menina. Esta menina de, assim até 26 anos. Chega pra elas na sexta feira e fala: “Olha, nós temos um encontro de mulheres, gostaríamos que você viesse. Vê o que elas vão falar? Só se for bailinho, se for baladinha, elas vão. Este é que é o problema da mulher negra. Elas não encontram um tempo pra família, pra formação mas eles, o que fazem? Generalizam tudo.

Moderadora:

- Mas e os sentimentos? Vamos voltar aqui aos sentimentos.

Hembadoon:

- Elas se sentem impotentes. Elas gastam com cremes, pra se arrumar, ficar bonita, e tem a roupa. E falam “é hoje que vou pegar o negão!”. Mas ele pega outra. Ah!, eu acho que ela deve se sentir também muito mal de que quando você quer uma coisa e o relacionamento neste caso o homem negro e esse homem negro não te quer. Você se sente mal, se sente triste, se sente menos que a outra pessoa. É aonde tem que ter esse jogo de falar, eu não vou me sentir menos, vou me sentir igual a outra. Eu tenho uma cunhada que tem 21 anos que o marido dela foi embora com uma branca e ela não aceita até hoje. Ela sofre muito. Ela tem esperança que esse homem volte pra ela ainda, 21 anos, mas ela tem.

Moderadora:

- Qual o sentimento?

Ima:

-Arrasada, humilhada, usada... Eu fui trocada! Então está lutando, pra perder pra uma branca? Pra uma preta já é ruim.

Hembadoon:

-Mas sabe o que acontece? O homem negro vai, mas ele fica assim, ele liga pra você toda semana, ele quer saber o que você faz. E nessa, naquela de gostar, você vai dando satisfação. Então tá bom, no fim de semana eu estou aí. Você faz até almoço.

Moderadora:

-Mas qual o sentimento?

Ima:

- Mas vê se ele aparece. Não apareceu. Então ou você termina de vez ou ...Eu me separei do meu ex marido, todo mundo me criticava porque eu estava com 48 anos e estava entrando num relacionamento com outro. Você não tem mais idade pra gostar, não é mais criança, mas o meu coração não tem dono. Eu tinha esse direito. Não é porque eu me separei, porque o outro me espancava, me batia, judiava, que eu era obrigada a achar que todos eram iguais. Eu me der bem, estou me dando bem, graças a Deus. Eu tenho 61 anos ele tem 62 e não é bom?

Moderadora:

- E qual o sentimento?

Nehanda:

-Eu estou sentindo as mulheres enfraquecidas, muito sem chão. Muito enfraquecidas. Demais. A mulher negra de hoje, as meninas né? Muito enfraquecidas Não dá pra gente aceitar?

Moderadora:

- Qual o sentimento?

Nehanda:

- Eu me sentia arrasada como sou preta, me sentia traída pela branca.

Karimu:

- O sentimento de todas é que o homem negro é um tipinho desclassificado (risos). A maioria é, a maioria é...Nenhum homem preto olha pra mim e, quando eu passo, muito homem branco olha pra mim.

Ashanti

- O que a Karimu falou, ela tem toda razão, porque quando ela falou do irmão quando estava numa situação péssima tava ali com a negra. De repente ele se viu bem melhor ele vai arrumar uma outra branca. Como que essa cunhada dela, que é negra vai se sentir? Péssima, até a auto-estima dela está baixíssima. Não é que é inferior a branca, mas o que ele fez faz com que se sintam assim. Eu me sentia muito mal. Claro e enquanto estava ali devendo a todo mundo, a outra ali lutando, brigando ela estava ali. Mas porque ela não saia com ele para os lugares? Também tem isso. Mas não é só isso. Eu diria que 90% do homem negro têm problema de identidade, ele tem vergonha dele mesmo. Mas é questão de cultura. Mas é, infelizmente.

Se ele tem vergonha dele mesmo como vão olhar para uma mulher negra. É uma questão de cultura mesmo. Eles não se olham nem no espelho. A maioria dos homens negros não permitem que as mulheres brancas trabalhem fora. Eles não têm culpa. Os negros não ligam das negras trabalharem fora.

Moderadora:

- Meninas e para encerramos, vamos tratar de um último assunto: a solidão. O fato de serem preteridas traz solidão?

Nehanda:

- Traz, sim. Até porque, como vou colocar? Muitas dessas mulheres ficam até esperando esse homem negro. Elas não partem pra outra, elas não tentam mudar este, essa passagem. Mudar essa vida dela. Então, ela fica ali esperando sozinha. Os filhos crescem, vão viver a vida deles e ela vai ficar até, esperando. Então assim, no momento em que ela fica à mercê dessa situação, desse homem negro, não parte pra outra, ela vai ter solidão.

Moderadora:

- O que é solidão, para vocês?

Ima:

- Não é o meu caso de viver sozinha não. É caso dela, angustiada, sozinha, tentando arrumar uma companhia bacana. Que um dia os filhos crescem,

casam, vão embora e ela tá ali sozinha, sabe? Com a auto-estima pra baixo. Então tudo isto dá uma tristeza.

Karimu:-

- Só completando a sua fala. Daí ela fica sozinha e se cobrando de estar sozinha e não ter um companheiro Então ela não produz, não faz nada, não estuda, não começa a trabalhar, não faz nada na casa, fica ali...Isto pra mim é solidão. Porque viver sozinha em casa é gostoso. Mas esta mulher que está esperando, ela tá só e não consegue ver o mundo, isto é solidão. Ela não vê o mundo. Vive em função daquilo e não vê mais nada. Bem, então só completando aquilo que estava falando, é se manter sozinha, ela está se mantendo sozinha. Está conseguindo se manter mesmo. Eu posso dizer, eu também sou solteira, eu gosto assim, ah há alguns anos atrás eu tive um relacionamento assim, maravilhoso, que aquele homem que era tudo que toda mulher precisa. Mas tudo que é perfeito é retirado de novo, né? Então aí, eu posso dizer, aquela pessoa, aquele ser, eu desejava um idêntico, para todas as mulheres negras, porque aquilo era...Mas infelizmente já foi.

Moderadora:

- E você acha que isto traz solidão? Esta história do homem negro em relação à mulher branca?

Karimu:

- Com certeza. Mas assim é o fator pessoal, eu acho que é assim, uma pessoa maravilhosa que foi todo esse tempo. Mas nada é perfeito. Não é difícil ter alguém, embora tenha esse negócio de homem negro com mulher branca e não tenho tanta solidão. Às vezes eu tenho aquela vontade de passear com alguém, ah tá bom...Mas não tenho mais aquela vontade de, é, vou ficar a vida toda com este, porque não confio nos homens negros. Pra mim, eles não têm uma identidade própria, eles já deturparam o ambiente deles. Eles são escravos natos, eles não vão se libertar jamais, porque o mundo deles é este. A visão deles é esta, eles (...) Porquê? Porque você acompanha determinadas histórias que fazem refletir: “ Nossa ! se a fulana... aí já é uma coisa errada mesmo, se a fulana passa que é a tal, porque eu tenho que ir imitar. Na verdade eu não tenho que imitar. Porque eu... não querendo... eu tenho alguns pretendentes básicos. Inclusive eu fiquei encabulada, mas tenho... tenho um advogado, “louraço” de olhos azuis, que dá encima de qualquer um, menos do meu. Esse homem quando me vê ele pira. É

verdade! Você sabe quem é? Estes dias ele me viu, na copiadora. Aí, ele me abraçou, ele me apertou, me disse...

Moderadora:

- E qual o sentimento em relação a isso? De solidão?

Hembadoon:

- O sentimento de solidão é o sentimento de ausência. Muitas negras são casadas com negros e têm uma solidão. Porque talvez aquele negro não a complete. E vice-versa. Então eu acho que a solidão, ela caminha assim, meio com a ausência também. Quanta vez foi casada com um branco e também...

Selam:

- É a famosa solidão a dois.

Mulher:

- É solidão a dois.

Nehanda:

- Eu quero colocar. Porque até é uma experiência pessoal, mas, eu ainda acredito mesmo que tudo o que a gente conseguiu, desde a base que esta mudando, vai mudar as coisas. Dá pra mudar, sim. Porque eu quando casei com este mesmo, 33 anos, não mudei, hem? Porque o dia que ele não quiser mudar, eu troco, não ligo também, não. Mas, assim... quando eu comecei com ele eu não podia trabalhar, eu não podia estudar, eu não podia, eu não podia. Porque a mulher dele não podia tomar... porque eu era fatal, né? Eu ia, nossa! Eu ia arrumar um monte de amante. Então, sabe o que eu fiz? Fiz a minha inscrição e fui fazer o meu supletivo. Quando eu cheguei ele saiu andando literalmente, ele saiu de casa e saiu andando. Voltou depois de algumas horas. Falei: agora já fiz minha matrícula. Você vai pagar pra eu não trabalhar. Fiz um concurso e fui fazendo. E hoje, olha quando a Marli ligou dizendo que ia ter esta reunião, ele que me deu recado. Eu falei que estava tranquila, que podia participar desta reunião, até porque eu não estou estudando mais de sábado. Ele me dá os recados. Ele faz questão que eu vá, sabe? Mas eu já passei, lá atrás, quando eu casei com 18 anos, ele... eu não podia. Mas só que eu falei: "Como que eu não podia." Mesmo... olha, 33 anos atrás, eu consegui mostrar pra ele que eu podia. E hoje em dia ele me respeita e, aos poucos, foi crescendo esse respeito, entre eu e ele e ele deixar eu ter minhas coisas ter minha vida. Porque a menina aí, acho que é o que ela passa, de ter essa solidão a dois. Porque eu consegui ficar com esta pessoa,

mudar, de vez em quando tem umas fases que nossa! É pesada, né? E ai hoje consegue mudar essa fase. Mas eu acho que é porque eu consegui, eu comecei eu me impor. Eu acredito nisso: que se as mulheres conseguir sabe? Eu sei lá! Conseguir educação, mudar essa cultura do nosso país, eu acho que a gente consegue mudar. Eu não acredito, eu não quero acreditar que o negro não vai mudar. Eu não quero acreditar que a negra e o negro não vão ter o valor deles na sociedade. Eu acredito que vai ter cada vez mais, eu acredito nisso. Eu acho que a gente é testemunha disso. Minha mãe é branca, gente. Mas eu não me vejo tendo um relacionamento com um branco. Mas, como pode ser ao contrário. Então, eu tenho assim.

Ashanti:

Deixa eu contar uma coisa. Uma vez eu estava numa roda de amigos, estava num barzinho. Aí tem um tal de “Carioca” ele chegou, ele é muito falante e brincalhão. Ele chegou e falou assim: ‘Eu, arrumei uma mulher negra. A mulher negra peida na frente da gente, não pode tomar chuva e ainda faz macumba pra gente”. E o povo ria...ria da negra. Mas eu me senti tão mal. “É mulher branca leva a gente pro teatro,” ele falou assim: mulher negra peida na frente da gente e todo mundo ria, mulher negra não pode tomar chuva, e faz macumba pra gente e mulher branca leva agente pro teatro.

Leiato:

- Que horror, hem?

Ashanti:

- Ai está o preconceito com o cabelo da negra, o preconceito com uma religião afro, então é tudo preconceito com relação ao negro, que tem que acabar. É isso aí que vai pegando. Agora, qual é a diferença de uma religião afro com uma religião evangélica ou católica? Cada um tem que respeitar o outro e não...

Mali:

- O princípio de toda esta re-educação é o negro respeitar o outro, se eles ficarem nesse eixo, ai tudo vai..

Moderadora:

-Alguém mais quer falar da solidão? Alguém quer fazer mais alguma colocação para finalizar?

Moderadora:

- Alguém quer fazer mais alguma colocação?

Leiato:

-Eu queria falar uma coisa. Eu não me casei com um negro, não foi por preconceito. A minha família é de pretos. Meus avós foram escravos, mas eu não me casei com um preto porque eu não me sentia segura com nenhum deles. Eu tive vários namorados negros, mas com o pé atrás, que se eu casasse com um deles um dia eu seria trocada por uma loira, então antes de eu ser trocada por uma loira preferi casar com um homem branco. Casei com ele, fui feliz. Meu marido nunca me chamou de preta, nunca me desrespeitou, me amou até o fim, eu tenho certeza. Então eu acho que vivi muito feliz com meu marido como se seu tivesse com um preto acho que já estava largada, porque a loura ia passar na mão dele.

Chinyere:

-Essa questão do preconceito que ela falou, mas eu acredito que esse preconceito com relação a nós... eu falei por mim porque eu não me vejo com um homem branco, assim como homem e mulher. Ela tá falando eu parece que estou me vendo. Porque eu só me vejo deitada com um negro. Então, assim, eu acredito que... a gente tá falando do preconceito do negro que só escolhe a branca, mas também tem aquele negro que não se vê com uma negra, mas tem aquele que não se vê com um branco não tem problema.

Moderadora:

- Se ninguém tiver mais nada a dizer agradeço a todas

ANEXO 4**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, _____ ,
declaro que participo voluntariamente da pesquisa intitulada “A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo desenvolvida pela pesquisadora Claudete Alves da Silva Souza. Compreendi as finalidades do presente estudo e estou ciente que a qualquer momento poderei deixá-lo bastando, para isso, informar à pesquisadora. Autorizo a divulgação das informações fornecidas para fins científicos e tomo conhecimento de que será garantido o meu anonimato na referida divulgação.